

Ana Inês Souza (Org.)
André Langer, Antonio Carlos Bez, Cláudio Nascimento,
Gisele Carneiro, Luzia do Rocio Pires Ramos, Telmo Adams

ESCOLA DE FORMAÇÃO BÁSICA MULTIPLICADORA DA ECONOMIA POPULAR SOLIDÁRIA “HISTÓRIA SOCIAL DO TRABALHO”



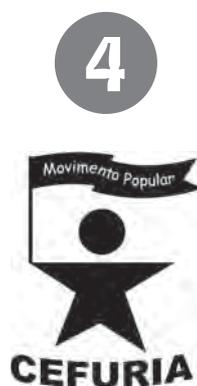
**Metodologia e Sistematização de
Experiências Coletivas Populares**

04

Ana Inês Souza (Org.)
André Langer
Antonio Carlos Bez
Cláudio Nascimento
Gisele Carneiro
Luzia do Rocio Pires Ramos
Telmo Adams

ESCOLA DE FORMAÇÃO BÁSICA MULTIPLICADORA
DA ECONOMIA POPULAR SOLIDÁRIA
“HISTÓRIA SOCIAL DO TRABALHO”

Metodologia e Sistematização de Experiências
Coletivas Populares



L. F. Editora e Impressos

Titulo:

Escola de Formação Básica Multiplicadora da Economia Popular Solidária
"História Social do Trabalho"

Livro 4 da Série:

Metodologia e Sistematização de Experiências Coletivas Populares

Publicação:

L. F. Editora e Impressos Ltda

Telefone: (41) 3209-3527 – e-mail: luizfyoung@yahoo.com.br

CEFURIA – Centro de Formação Urbano Rural Irmã Araújo

Praça Generoso Marques, 90 - Galeria Andrade, 10 - Ed. Cláudia - Sala 202

Telefones: (41) 3322-8487 (fax) / 3016-1475 / 3013-1475

E-mail: cefuria@cefuria.org.br

www.cefuria.org.br

Projeto gráfico e diagramação:

Carlos Deitos | Artes Gráficas

www.cdag.com.br

Patrocínio: Petrobras

1ª edição: Julho de 2012.

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Index Consultoria em Informação e Serviços Ltda.
Curitiba - PR

S729 Souza, Ana Inês
Escola de Formação Básica Multiplicadora da Economia Popular Solidária : história social do trabalho / Ana Inês Souza organizadora.— Curitiba : L. F. Editora : CEFURIA, 2012.
136 p. — (Metodologia e sistematização de experiências populares coletivas ; v. 4)

1. Escola de Formação Básica Multiplicadora da Economia Popular Solidária. 2. Educação – Aspectos sociais. 3. Economia popular solidária. 4. Trabalho – Aspectos sociais. I. Título.

CDD (20.ed.) 374

CDU (2.ed.) 374

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL



*TERRA, ÁGUA, SOL E AR
Não são mercadorias.
Nem vender, nem comprar.
Muito menos, acumular!*

*TERRA, ÁGUA, SOL E AR
Existem pra criar,
trabalhar, morar,
plantar, amar!*

*TERRA, ÁGUA, SOL E AR
São feitos pra olhar,
cheirar, apalpar,
escutar, saborear!*

*TERRA, ÁGUA, SOL E AR
São vida pra se dar,
compartilhar, dialogar,
humanizar!*

Ana Inês Souza
Curitiba, Fevereiro de 2012

Os autores deste livro e o CEFURIA, fazem um agradecimento especial à **Petrobras**, cujo patrocínio foi fundamental para sua publicação. Ele faz parte de um conjunto de iniciativas do projeto "ECONOMIA POPULAR SOLIDÁRIA: CONSTRUINDO UMA NOVA CULTURA DO TRABALHO", realizado pelo CEFURIA e patrocinado pelo Programa Petrobras Desenvolvimento & Cidadania".

Sumário

PREFÁCIO	7
APRESENTAÇÃO	9
De que trata este livro?	9
A importância da sistematização de experiências	10
CAPÍTULO I	17
O que é a Escola de Formação Básica Multiplicadora da Economia Popular Solidária - a “Escolinha”?	17
Estrutura e Conteúdo	20
A pluralidade de participação	23
Parcerias na realização da “Escolinha”	28
Metodologia e Mística	30
PRIMEIRA ETAPA	35
A pedagogia de Paulo Freire: uma pedagogia humanizadora	35
A historicidade como proposta metodológica.....	40
O desvelamento da realidade	44
SEGUNDA ETAPA	51
O trabalho humano: das sociedades comunais ao modo de produção feudal....	51
Labour e poiesis nos diferentes modos de produção.....	53
Desafios para a construção de uma outra economia	57
TERCEIRA ETAPA	67
O Trabalho no Capitalismo: alienação e desumanização.....	67
O que é o trabalho “livre”?	68
Olhar a realidade a partir do vale ou da montanha?	71
QUARTA ETAPA	77
As utopias em torno do trabalho, liberdade e criação	77
A invisibilidade do trabalho imaterial.....	79
Uma nova subjetividade e um novo espírito	81
QUINTA ETAPA	87
Economia Popular Solidária: que mundo estamos construindo?	87
Fechando a fábrica da pobreza	90
Qual a diferença entre Economia Capitalista e Economia Solidária?	93
CAPÍTULO II	99
Introdução à reflexão teórica.....	99
Economia Popular e Solidária, Trabalho e Autogestão Comunal	104

Economia popular solidária: (re)construindo caminhos.....	117
CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
REFERÊNCIAS TEÓRICAS GERAIS	125
LISTA DE SIGLAS	128
ANEXO.....	129
Quadro sintético de participantes da escolinha 2004 - 2011.....	129

Prefácio

Danilo Romeu Streck¹

O livro organizado por Ana Inês Souza, fruto de uma elaboração coletiva, sobre a Escola de Formação Básica Multiplicadora da Economia Popular Solidária (“História Social do Trabalho”) traz o relato de uma prática educativa que já fez diferença na vida de muitas pessoas e, com certeza, continuará fazendo pelos anos que virão; seja pelo trabalho realizado em Curitiba pela equipe do CEFURIA (Centro de Formação Urbano Rural Irmã Araújo), pelas sementes lançadas nas 35 turmas que passaram pela “Escolinha” ou pelo material produzido e amplamente divulgado, como é o caso desta publicação que está em suas mãos. Não se assuste ou decepcione o leitor e a leitora ao ouvir falar de *Escolinha*, um diminutivo que nesse caso não sugere algo pequeno ou menor, mas carrega tudo de carinho e engajamento.

Tivemos, através do grupo de pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, o privilégio de realizar junto com o CEFURIA um trabalho de pesquisa-avaliação, no qual se pretendia compreender o alcance do trabalho realizado, entender os desafios, as dificuldades e as possibilidades do trabalho de educação popular hoje. Visitamos padarias comunitárias, participamos de clubes de troca, conversamos com carrinheiros, universitários, jovens, conselheiros do CEFURIA, educadores e lideranças de comunidades e outras organizações. De tudo que ouvimos, uma coisa foi ficando clara: a *Escolinha* é a menina dos olhos de muita gente. Isso tem a ver com o papel que a mesma desempenha e pelo que representa para as pessoas dos grupos populares ou para aqueles que se colocam ao seu lado para lutar por dignidade de vida e justiça.

Numa roda de conversa sobre a Escola de Formação participaram educadores da RECID, profissionais com diversos níveis de formação, lideranças de “grupos de base” e todos eles foram unânimes em apontar a *Escolinha* como um lugar aonde se vem para aprender com os professores/assessores e com os colegas. Concretizava-se na fala desses educadores/educandos o ideal freireano de que nos educamos em comunhão, mediatizados pela nossa realidade problematizada. Ao mesmo tempo, não falta a diretividade que Paulo Freire via como inerente ao processo educativo. A Escola tem uma proposta político-pedagógica bem definida e tem uma estrutura que lhe garante a continuidade, como o presente livro explicita.

Pedimos que os participantes da roda expressassem o significado da *Escolinha* através de algum símbolo representado numa folha de papel. Seleciono alguns desses símbolos para exemplificar o rumo da conversa e que, assim espero, ajude a situar o leitor e a leitora em relação à sistematização apresentada nesse livro. Uma das participantes amassou a folha, dizendo que a opressão do povo

1 Professor e Pesquisador do Programa de Pós Graduação em Educação da UNISINOS. Coordenou, junto com Telmo Adams o grupo de pesquisadores na pesquisa-avaliação realizada sobre o CEFURIA durante o ano de 2010.

é igual ao jornal amassado que precisa ser desamassado. A *Escolinha* ajudou a compreender a opressão do passado e de hoje. “E isso aqui não pode ficar assim amassado, tem que ir se abrindo, simbolizando que as pessoas vão mudando seu modo de vida para sair da opressão”.

Para outra pessoa a *Escolinha* era como uma porta aberta. “Para mim foi uma abertura que me levou para mudar na dimensão pessoal e profissional e sair da minha casa, não só como formação política, mas também humana.” A estrada e o caminho também apareceram como símbolos. “Depois que fiz a escolinha todo trabalho que faço é com outra perspectiva, com as pessoas, como sujeitos de direitos. Entrei na faculdade e fiz serviço social e, com certeza, o meu trabalho hoje como conselheira tutelar tem uma metodologia diferente graças à Escolinha.”

O depoimento mais expressivo talvez seja o de uma senhora que participa numa padaria comunitária e se sentiu orgulhosa de, através do material da *Escolinha*, ajudar a sua filha na universidade. “Eu fiz a *Escolinha* e aprendi muito. Tenho uma menina que se formou na faculdade – está aqui a foto da formatura dela – e um dia passei esse livro para ela e ela aproveitou para fazer um trabalho sobre Paulo Freire. Ela aproveitou tudo do livrinho para o trabalho com as colegas dela. Assim com o pouquinho que eu aprendi eu ajudei minha filha. Com o dinheiro que eu ganhava na padaria eu ajudei minha filha estudar.” O símbolo feito com papel: uma FLOR!

Pensei que a melhor forma de introduzir este livro sobre a Escola de Formação seria dando voz a quem participou e levou os ensinamentos de economia solidária, de Paulo Freire, da realidade do trabalho na economia capitalista para as suas vidas e para a sua profissão. A flor dessa “formanda” da *Escolinha* poderia ser a rosa branca ofertada ao povo de nossa América por José Martí:

Cultivo uma rosa branca
Em julho como em janeiro
Para o amigo sincero
Que me dá sua mão franca

E para o cruel que me arranca
O coração com que vivo
Cardo nem urtiga cultivo
Cultivo uma rosa branca

É a flor do mundo justo e solidário que buscamos e que a *Escolinha* cultiva.

Boa leitura!

Apresentação



8ª Turma (1º semestre de 2006)

De que trata este livro?

Este é o quarto livro da série “Metodologia e Sistematização de Experiências Coletivas Populares”, através da qual o CEFURIA publica e socializa sua práxis - teoria e prática - de forma a contribuir com a transformação da realidade e a construção de uma sociedade justa, digna, fraterna, democrática e solidária. Tal série passou a ser publicada em 2005, mas o CEFURIA já existe desde 1981, portanto, ela dá conta apenas de uma parte da experiência recente desta organização. Assim, já a partir de 2004 o CEFURIA criou outra coleção chamada “Memória das Lutas Populares no Paraná Pós-Ditadura Militar”, que conta atualmente com seis volumes publicados².

As duas coleções juntas, registram as experiências de resistência, história de lutas e mobilizações que o CEFURIA, através da sua especificidade de “Centro de Formação”, ajudou a construir desde sua fundação, junto com muitas outras organizações populares, comunidades de base, sindicatos de trabalhadores, pastorais e movimentos sociais. Manter esta memória viva, nos ajuda a compreender melhor o funcionamento da sociedade onde vivemos e descobrir que, muito além do que mostra a mídia comercial, há vida pulsando nos recantos de nossas cidades, estado, país, planeta.

2 Ao final apresentaremos todos os livros das duas coleções, cujos exemplares os leitores poderão ter acesso no CEFURIA. Alguns deles estão disponíveis para *download* na página www.cefuria.org.br.

O volume que você tem em mãos - cuja publicação só foi possível pelo apoio da Petrobras -, trata da sistematização de uma das atividades realizadas pelo CEFURIA cujo tempo de permanência superou todas as anteriores - a “Escola de Formação Básica Multiplicadora da Economia Popular Solidária” - em atividade desde 2004. Até 2011, passaram por ela 35 turmas, com uma média de 35 participantes cada, mais de 1200 pessoas. E até o momento da publicação deste livro, mais duas turmas estarão concluindo o curso. Quem são e o que buscam estas pessoas? Que tipo de “escola” é esta e para que serve? É sobre isto que vamos tratar neste livro.

A importância da sistematização de experiências

Antes de apresentarmos como o livro está organizado, queremos fazer alguns esclarecimentos. O primeiro deles diz respeito ao próprio significado do conceito “sistematização” que, embora pressuponha um registro da experiência, não se detém a ele. Mas o registro é importante. Por exemplo, ao ler o “Quadro Sintético Escolinha 2004-2011” (ANEXO 1), vamos ver que faltam dados de algumas turmas e, no lugar do dado está escrito “registro insuficiente” ou “não registrado”. Este é um dos aprendizados que a equipe responsável pela “Escolinha” já está tirando deste processo de sistematização. O registro das atividades deve ser bem feito, pois ele pode garantir desdobramentos de ações e reflexões futuras. E é de responsabilidade de todo o coletivo envolvido com a atividade, a partir de uma distribuição prévia de tarefas.

Também nos ressentimos da ausência de uma secretaria ou relatoria sobre a exposição dos assessores porque, embora haja um caderno temático destinado a cada uma das etapas, a forma de abordagem dos conteúdos não é fixa. Como a base metodológica das exposições é o DIÁLOGO, dependendo da turma,



10ª Turma (2º semestre de 2006)

cada exposição de um mesmo assessor, no decorrer das 35 turmas, pode tomar um rumo diferente. O debate enriquece o conteúdo e serve de base para o trabalho nas turmas seguintes. Se ele não é registrado, ainda que sinteticamente, o assessor ou a assessora aproveitará apenas aquilo que ficou na sua memória.

Pois bem, quando falamos de sistematização já estamos falando, então, da existência de uma experiência concreta e da existência de registro sobre esta experiência, que nos permita refletir sobre ela e passar a fazê-la melhor. Além de poder divulgá-la, socializando os aprendizados dela decorrentes. Ou seja, a sistematização produz um conhecimento novo. Ela permite um "afastamento epistemológico", quer dizer, permite que a gente olhe para a experiência de fora para dentro ("objetiva o vivido"). É como um marceneiro que após terminar uma escrivaninha, por exemplo, olha para ela e pensa: "puxa, eu podia tê-la feito mais baixa para que o estudante pudesse se posicionar melhor na hora de estudar e não ficasse com dor nas costas". Sua próxima escrivaninha, com certeza, será precedida de informações sobre a altura de quem nela vai trabalhar, que tipo de cadeira vai usar para sentar-se em frente a ela, etc. e a nova escrivaninha ficará muito melhor que a anterior. O marceneiro fez a "crítica da escrivaninha" após tê-la terminado e aprendeu coisas novas. É para isto que serve a sistematização, quando tratamos de experiências no campo da educação e outras ações que não têm um resultado material visível, ou seja, um produto palpável como o do marceneiro.

Um educador popular que tem se preocupado e escrito sobre processos de sistematização é o sociólogo peruano Oscar Jara Holliday, que após várias pesquisas e diálogos com outros educadores populares, construiu o seguinte conceito:

A sistematização é aquela *interpretação crítica* de uma ou várias experiências que, a partir de seu ordenamento e reconstrução, descobre ou explicita a lógica do processo vivido, os fatores que intervieram no dito processo, como se relacionam entre si e porque o fizeram desse modo. (HOLLIDAY, p. 29).

Esta citação nos leva a fazer um segundo esclarecimento: este livro não é uma cartilha didática, tampouco um trabalho acadêmico. Sua escrita não será tão simples talvez, como é (ou deveria ser) uma cartilha, nem tão formal como é (e talvez não devesse ser) um trabalho acadêmico. Vamos tentar seguir um caminho do meio, assim como a própria experiência da "Escolinha" que, embora seja de "formação básica", às vezes parece difícil para trabalhadoras e trabalhadores que não tiveram acesso à educação escolar, mas que conseguem acompanhá-la por causa da metodologia adotada. Ao mesmo tempo, muitos dos participantes que já passaram pela universidade ficam surpresos com a forma de abordagem e nos dizem que, embora já tenham tido acesso a tais conteúdos, nunca o tinham visto desta forma.

Você vai ver que a primeira parte do texto - Capítulo I - que apresenta a prática da "Escolinha" em si é mais leve, mais dialogada; enquanto a segun-

da parte - Capítulo II - que trata da teoria sobre a Economia Solidária é mais densa, mais pesada; desafia-nos a um maior nível de concentração, disciplina, organização do pensamento e uso do dicionário, da pesquisa, como qualquer ato de estudar. E isto faz parte dos desafios que precisamos enfrentar quando queremos intervir na realidade para transformá-la ou, como temos dito nos Fóruns Sociais Mundiais, quando queremos construir “outro mundo possível” - a busca de superação de nossos próprios limites.

Admitimos, portanto, aqui, que este livro “transita em registros semânticos diferentes”³. Acolhendo contribuição de diversas pessoas, optamos por manter a íntegra de suas elaborações, o que confere ao livro momentos diferenciados de abordagem, tanto no que se refere à concepção, quanto à linguagem adotada. Isto foi proposital.

Entretanto, apesar da diferença de falas ou escritas dos assessores durante a realização da atividade propriamente dita ou nesta sistematização, há uma “cumplicidade” entre os envolvidos na “Escolinha” que os permite entender-se rapidamente e aprender uns com os outros. Tal cumplicidade nasce de um compromisso comum: o compromisso com a construção da justiça e da liberdade. Com a construção de um mundo onde as pessoas sejam mais importantes que as mercadorias e o dinheiro.

Uma Escola de Formação como esta tem uma responsabilidade maior porque, não apenas quer formar lideranças mas, neste caso da “Escolinha”, quer formar lideranças que multipliquem a ideia de um Projeto Político Econômico diferente deste que aí está - capitalista; e diferente, inclusive, das experiências socialistas já vivenciadas, ainda que bebendo também nesta fonte. Por isso, talvez, este livro tenha que ser lido mais com o coração do que com a razão.

Falamos aqui nesta apresentação que estamos tratando da sistematização da experiência da “Escola de Formação Básica Multiplicadora da Economia Popular Solidária” e, de repente, começamos a tratá-la por “Escolinha”. Cabe portanto, um terceiro esclarecimento.

Esta “Escola” é bem diferente das outras ou, pelo menos, seus objetivos não são os mesmos. Ela não faz parte da “rede oficial de ensino”, nem é reconhecida pelo Ministério da Educação e Cultura. A rigor, a Escola de Formação Básica Multiplicadora da Economia Popular Solidária “História Social do Trabalho” é um curso de formação política para lideranças comunitárias, coordenadores e participantes de experimentos econômico-populares e outras pessoas que buscam construir, cotidianamente, relações mais humanas e solidárias. Que compreenderam que a vida pode ser muito mais do que vender e comprar. Que a história está em aberto para quem quiser fazê-la. Pois, como diz MORIN (2010, p. 2) “a história humana mudou muitas vezes de caminho. Tudo recomeça por

3 Euclides Mance, a partir da leitura do texto original - agora transformado em livro - nos deu importante contribuição alertando sobre este e outros problemas conceituais encontrados. Isto nos levou a explicitar melhor as opções aqui adotadas e mesmo correndo o risco de “violentar alguns conceitos”, tomamos o máximo cuidado em sermos fiéis à prática que está sendo sistematizada.

uma inovação, uma nova mensagem desviante, marginal, pequena, muitas vezes invisível para os contemporâneos".

Em 2004, quando teve início esta experiência "desviante, marginal, pequena", de que tratamos neste livro, já existia uma organização parceira do CEFURIA que se chamava "Escola Milton Santos" (hoje, chamada "Centro de Formação Milton Santos - Lorenzo Milani"), que também fazia formação política, porém mais dirigida para militantes já inseridos nos Movimentos Sociais. Havia, portanto, a necessidade de uma atividade de formação mais específica e de base, para uma quantidade crescente de pessoas de alguma forma envolvidas com a Economia Solidária. Daí surgiu esta proposta de uma "Escola de Multiplicadores" que acabou sendo chamada por seus participantes e coordenadores de "Escolinha", diferenciando-se então da outra escola de formação.

HISTÓRIA SOCIAL DO TRABALHO



ESCOLA DE FORMAÇÃO BÁSICA MULTIPLICADORA
DA ECONOMIA POPULAR SOLIDÁRIA
1ª TURMA 2004

CEFURIA

TALHER ESTADUAL. SINDIPETRO E AEC

HISTÓRIA SOCIAL DO TRABALHO



ESCOLA DE FORMAÇÃO BÁSICA MULTIPLICADORA
DA ECONOMIA POPULAR SOLIDÁRIA

Folders usados durante os oito anos

Este livro, portanto, vai apresentar a sistematização da "Escolinha" - "Escola de Formação Básica Multiplicadora da Economia Popular Solidária" - e estará organizado em dois capítulos fundamentais, além da Apresentação e das Considerações Finais.

No primeiro capítulo, mais extenso, apresentaremos a experiência propriamente dita, sua metodologia, formato, conteúdos, objetivos, participantes, parcerias, etc. Seguimos nele, o formato do curso, em cinco etapas. Articuladas ao relato de cada etapa, há contribuições na forma de depoimento e/ou reflexão de todos (as) os (as) assessores (as): Ana Inês Souza (1ª Etapa), que também é organizadora deste livro; Luzia do Rocio Pires Ramos (2ª Etapa); André Langer (3ª Etapa); Gisele Carneiro (4ª Etapa); Antonio Carlos Bez (5ª Etapa), que além de assessor, coordena a “Escolinha” como um todo⁴.

Encaminhamos também um questionário por correio e/ou e-mail para os (as) participantes de todas as turmas mas, infelizmente, poucos deles voltaram preenchidos, porque muitos endereços já estavam desatualizados. Os que voltaram serviram de base para as reflexões aqui presentes e que se colocam, na forma de provocação, para os (as) leitores (as) deste livro. Afinal, quais as contribuições da “Escolinha” para a construção desta outra economia, de uma nova concepção de desenvolvimento, de uma nova cultura do trabalho e de um modo de vida diferente? Sabendo, humildemente, que ela é parte de um esforço coletivo maior, espalhado por todo o planeta.

Estas iniciativas estão isoladas, nenhuma administração as leva em conta, nenhum partido toma conhecimento delas. Mas elas são o viveiro do futuro. Trata-se de reconhecê-las, inventariá-las, co-tejá-las, catalogá-las, combiná-las e de conjugá-las em uma pluralidade de caminhos reformadores. São estes caminhos múltiplos que podem, através de um desenvolvimento conjunto, se combinar para formar o novo caminho que nos levaria em direção à metamorfose ainda invisível e inconcebível. Para desenvolver formas que vão desembocar no Caminho, é preciso identificar alternativas limitadas, que limitam o mundo do conhecimento e do pensamento hegemônicos. Assim, é preciso ao mesmo tempo globalizar e desmundializar, crescer e diminuir, desenvolver e envolver. (MORIN, 2010, p. 2).

No segundo capítulo do livro, com menor número de páginas, buscamos uma reflexão mais de fundo - uma teorização - sobre a Economia Popular Solidária, sua origem, concepções, práticas, relação com projetos políticos mais amplos, etc. Ou seja, traremos um pouco da teoria já elaborada sobre o tema, buscando compreender em que medida a “Escolinha” sintoniza com os conhecimentos já acumulados na área ou se constitui numa experiência isolada. Convidamos para isto pessoas que tem pesquisado e escrito sobre a economia solidária a partir de diversos referenciais teóricos.

4 Muitas outras pessoas - educadores (as) do CEFURIA e da RECID, ex-participantes, voluntários (as), membros do Conselho do CEFURIA - têm contribuído com a “Escolinha” em nível de coordenação e/ou apoio, especialmente nas primeiras turmas. Citar seus nomes seria correr o risco de esquecer alguém. Assim registramos aqui este “anonimato ativo” sem o qual a experiência não teria representado o que representou e continua representando para o CEFURIA e todas as pessoas que com ela se envolveram em algum momento de sua história.

Assim, ainda que esta sistematização esteja sendo redigida por poucas mãos, ela traz relatos de experiência e reflexões de muitas outras pessoas que de alguma forma estiveram envolvidas com a "Escolinha" durante esses oito anos de existência. Que deixaram suas marcas durante os debates ou nas avaliações que fizeram ao final de cada uma das etapas do curso. Que se descobriram como produtoras de cultura, elevaram sua autoestima e perceberam que "juntos (as) somos fortes". E também de outras, que tem olhado tais experiências de forma mais ampla.

Esperamos que esta sistematização contribua com o crescimento do processo de formação em Economia Solidária, estimulando mais e mais pessoas a buscarem conhecer as experiências existentes na área. Que ela sirva para plantar esperança de que um mundo humano e justo pode ser construído se todos e todas que vivemos do suor de nosso trabalho, superarmos o individualismo e nos encontrarmos para agir e refletir juntos (as), abrindo-nos para o novo, confiando uns (as) nos (as) outros (as).

Novamente nos reportamos a MORIN (2010, p. 3) para dizer que "a verdadeira esperança sabe que não tem certeza. É a esperança não no melhor dos mundos, mas em um mundo melhor".

Finalizando esta apresentação, fazemos nossas as palavras de Stendhal, escritor francês que viveu entre os séculos XVIII e XIX: "um livro é uma garrafa lançada ao mar com a inscrição AGARRE QUEM PUDER".

A TERCEIRA MANHÃ

Almada Negreiros

Quando cheguei aqui
o que havia estava no fim
e o que estava por vir
andava disperso pelo sonho de alguns.
Mas a maioria
vivia
o seu dia a dia
e todos contentes
por serem todos assim.
Eles não davam pelo fim
quanto mais pelo que já assomava mais além
- isto que já começava nos sonhos de alguém.

E foi terrível isto de viver o que há-de vir
entre os que apenas usam o que ainda há.
Era como se tivessem apostado todos
em não me deixarem chegar
ao que eu andava a sonhar.
Enquanto pude fiz-me louco medido,
destes que andam à solta
sem ser preciso encerrá-los.
Encontrei exactamente a medida de escapar à medida deles
e sem estragar a medida de ninguém.
Sem eu o saber fiz todo um método
toda uma arte de atravessar a multidão.
Fiz-me invisível no simulacro de mim.
Mas guardava-lhes a surpresa
que tinha guardada em mim.
E foi aqui que eu me enganei:
A minha surpresa só serve para mim e para o futuro
e não cabe nestes dias de hoje
que já foram os sonhados por outros.
A minha surpresa ainda é só para mim
ainda é só o meu sonho que já nasceu para mim e para o futuro
e que tem apenas côr,
côr que ainda não tem nome,
nome que ainda não tem feitio,
feitio que ainda não tem perfil,
perfil que ainda não se desvenda,
é apenas inconfundível,
e apesar de ainda não estar registado
apenas o tempo sabe que já aqui chegou.

Capítulo I



8ª Turma (2006)

O que é a Escola de Formação Básica Multiplicadora da Economia Popular Solidária - a "Escolinha"?

Para entender o que é a "Escolinha" é preciso resgatar seus antecedentes, isto é, os motivos que lhe deram origem. É o que passamos a fazer.

No último triênio dos anos 90, o CEFURIA incluiu em seu plano de ação, além da formação e da articulação, o estímulo a experiências comunitárias voltadas para a geração de trabalho e renda, como resposta aos desafios postos pelas políticas neoliberais, entre eles o aumento do desemprego e o empobrecimento das famílias.

O texto do plano de ação para o biênio 1999-2000 diz o seguinte:

Frente aos problemas acima descritos, o CEFURIA quer intensificar o processo e garantir respostas às necessidades concretas de viabilização de recursos para a geração de emprego e renda. As experiências comunitárias seriam reforçadas por Projetos Alternativos. [...] Cujos objetivos são: (a) Buscar formas alternativas de economia que se contraponham ao sistema neoliberal excludente. (b) Permitir a geração imediata de renda familiar, a partir de trabalhos coletivos. (c) Criar

pequeno fundo rotativo de recursos financeiros para atender pedido de grupos organizados que queiram desenvolver-se (teórica e praticamente) na busca de alternativas políticas e econômicas. (d) Permitir que as experiências bem sucedidas em um grupo sejam repassadas solidariamente em outros grupos que queiram reproduzi-las. (CEFURIA, *apud* SOUZA, 2006, p. 242-243).

Um dos objetivos do CEFURIA para aquele período, fala explicitamente sobre “provocar reflexão sobre o que é o trabalho na sociedade capitalista”. E, ainda, “discutir formas alternativas de produção da existência, de forma solidária, incentivando a participação dos trabalhadores (as) em cooperativas e projetos de geração de renda, que resgatem a cidadania” (SOUZA, 2006, p. 312).

Como desdobramento desses objetivos foi realizado, em parceria com o Instituto de Filosofia da Libertação (IFIL) um curso em três módulos (junho, agosto e outubro de 1999) sobre “Trabalho, Cooperativismo e Autogestão”. Esta foi a primeira atividade de formação em Economia Solidária, com um programa bem definido, realizado pelo CEFURIA e que contou com a assessoria de Euclides Mance desde a sua preparação; além de contar com a participação de Heloísa Primavera (Rede de Trocas, Argentina); ambos estudiosos da Economia Solidária na América Latina e que acabaram por se tornar referências também em outros continentes.

Os debates em torno da Economia Solidária e a produção teórica vão se fazendo paralelamente ao desenvolvimento das práticas. Como exemplo, podemos citar a publicação do livro “A revolução das redes: a colaboração solidária como uma alternativa pós-capitalista à globalização atual”, de Euclides Mance, publicado em 2000 e a pesquisa de Gisele Carneiro, educadora do CEFURIA sobre os Clubes de Troca que culminaram com a defesa de sua dissertação de mestrado em 2004.

Muitos outros estudos foram se espalhando por todo o território nacional. Marcos Arruda, do PACS, RJ, publicou uma trilogia sobre “A formação do ser humano integral e a Economia Solidária”, também nos primeiros anos da década de 2000. Além de outros autores, como: Paul Singer, Lia Tiriba, Cláudio Nascimento, Jonas Bertussi, Pedro Cláudio Cunca Bocayuva e Telmo Adams; só para citar alguns dos (as) brasileiros (as) que se dedicaram e estão se dedicando à reflexão desta outra economia que brota “desde abajo”, resgatando práticas ancestrais de organização comunitária.

Ainda que imerso nas práticas de Economia Popular Solidária (EPS), o CEFURIA à época (final dos anos 90) não tinha ainda uma reflexão teórica aprofundada a respeito do tema. Impulsionado pelo trabalho de base e sem dele se afastar, a equipe do CEFURIA passou a se apropriar desta e outras teorias e se desafiou a produzir, coletiva e autogestionariamente um processo de formação permanente.

Além das padarias comunitárias, feiras de trocas solidárias passaram a ser organizadas numa parceria IFIL-CECOPAM-CEFURIA. Outras organizações foram se aproximando, como o Projeto Mutirão (Bairro Novo) e a Associação de Educação Católica (AEC). A prática foi explicitando conflitos, seja pela diferença de concepções em torno da EPS, seja pela própria inexperiência dos grupos envolvidos.

Foi assim que, no início dos anos 2000 ocorreu uma "explosão" de grupos de base voltados para geração de trabalho e renda e uma forte demanda por assessoria naquilo que estava sendo chamado de "uma outra economia" - a Economia Popular Solidária (EPS). O CEFURIA passou a ser desafiado a todo o momento para contribuir com a organização e a formação dos grupos.

Antonio Carlos Bez, um dos assessores da "Escolinha", diz o seguinte:

Ouvia-se muito ou em quase todos os encontros de base a fala: "precisamos de formação". Como os participantes sempre tiveram a oportunidade de dizer a "sua palavra", nos momentos de debate, trabalhos em grupo, as frases - "precisamos de formação ou mais formação" eram escutadas constantemente. Dentre outras preocupações isto me chamava muito a atenção. Fazia-me uma pergunta: o que este povo quer dizer sobre "precisamos de formação"? Partilhando com os colegas de trabalho sobre estas preocupações, começou a nascer "uma luz". Em 2003, fizemos três grandes seminários com representantes dos clubes de troca, padarias comunitárias, educadores do CEFURIA e outros colaboradores para pensarmos numa proposta. Acredito que este foi o berço da escolinha - ela nasce do anseio de encontrar-se e construir um processo de formação. (Antonio, 2011)

Pode-se dizer então que, partindo desta demanda de baixo para cima, a "Escolinha" se constituiu num curso de formação cujos objetivos expressos, são: (1) Ampliar o coletivo de educadores em Economia Popular Solidária para ajudar no trabalho de acompanhamento de clubes de troca, padarias comunitárias e outras iniciativas de trabalho e renda onde se desenvolvam valores não capitalistas. (2) Fornecer instrumentos teórico-metodológicos para os integrantes do coletivo de educadores e animadores destas iniciativas, tendo como referência o pensamento de Paulo Freire. (3) Avançar na elaboração de uma proposta de economia voltada para a construção de uma sociedade fundada em relações de solidariedade. (4) Resgatar o trabalho como construtor de vida humana, desvelando o emprego como uma das formas sociais historicamente possíveis, porém não a única.

O programa proposto, lançou mão de aportes que, colocando em parêntese a rigorosidade acadêmica e o preciosismo na categorização dos conceitos, dialoga com diversas tendências do pensamento crítico e com práticas concretas desenvolvidas no processo evolutivo da espécie humana, suas rupturas e continuidades. Discute sem preconceitos, a importância da dupla noção de trabalho em Marx (como alienação e como atividade vital); a ideia de "trabalho como

princípio educativo” em Gramsci; o método “ver, julgar e agir” das CEBs; as experiências anarquistas do século XIX; a teoria da complexidade em Morin e a ideia de “mudar o mundo sem tomar o poder” do movimento zapatista no México. São diferentes racionalidades ou epistemologias cujo ponto em comum é a transformação da realidade, a superação das desigualdades e injustiças, a construção da solidariedade e da humanização.

Estrutura e Conteúdo

Os eixos temáticos centrais da “Escolinha” são “A pedagogia de Paulo Freire” e a “História Social do Trabalho” que são tratados em cinco encontros de oito horas, num total de 40 horas por turma. Para explicar a lógica da organização dos conteúdos, utilizamos no primeiro e segundo encontros uma proposta “instituída” por Luzia do Rocio, assessora da segunda etapa, que é a simbologia da construção de uma casa.

Nesta simbologia, a primeira etapa (Pedagogia Freireana) corresponde à “planta da casa”, ou seja, o projeto político-pedagógico da “Escolinha” - sua concepção, seu fundamento - que estará presente em todas as outras etapas assim como deve estar nas práticas econômico-populares e em outras dimensões da vida em sociedade.

A segunda etapa (O Trabalho Humano, das sociedades comunais ao modo de produção feudal) corresponde ao “alicerce da casa”, ou seja, sem trabalho humano, concreto, nenhuma riqueza é produzida.

A terceira etapa (O Trabalho no Capitalismo, alienação e desumanização), é comparado às paredes de uma casa que são levantadas sobre o alicerce do trabalho humano, mas que sufocam os moradores da casa, transformando-os em objetos.

A quarta etapa (As Utopias em torno do Trabalho, liberdade e criação), são as janelas e portas da casa. Permitem a circulação das pessoas e deixam entrar o ar que os moradores respiram. O vento que bate em seus rostos lhes mostra que há vida fora da casa e que estando vivos, podem lutar por ela.

A quinta e última etapa (A Economia Solidária, que mundo estamos construindo?) corresponde ao telhado da casa, que abriga os moradores e lhes fornece os instrumentos para a construção de uma nova forma de produção e reprodução da vida.

Tal simbologia, permite também refletir com os participantes sobre o processo histórico percorrido pela humanidade até os dias de hoje e os desafios colocados para o futuro. Que o trabalho alienado é apenas uma forma histórica que comparada a outras formas na história da humanidade, corresponde a um tempo muito curto. Que as sociedades organizadas segundo o modo de produção que aliena o produto de seus produtores, embora fortes, não são eternas e podem ser transformadas. Depende de cada um e cada uma de nós; desde que superemos o

comodismo, o fatalismo, o assistencialismo, os preconceitos, o individualismo, o consumismo, etc. E mais, a construção de uma casa não pode começar pelo telhado. Se o projeto e o alicerce não forem bem feitos, a casa pode cair. É preciso, então, conhecermos a fundo tudo o que veio antes, para aproveitarmos o que foi positivo e evitarmos o que foi negativo.

A historicidade das formas de trabalho e modos de produção é reforçada no uso metodológico da linha do tempo, que vai sendo construída pelo assessor ou pela assessora com a contribuição dos (as) participantes, especialmente nas três primeiras etapas. Para que se explicitem as contradições do processo histórico, avanços e recuos da história humana, compara-se (na primeira etapa) a linha do tempo a uma pipa, que voa alto, plaina, cai, empina novamente, mas de cuja linha não podemos descuidar.

Cada uma das etapas da "Escolinha" tem um Caderno Temático específico que é estudado parcialmente em equipe pelos participantes, que os levam para casa como subsídio de estudo e aprofundamento. Os textos básicos destes cadernos foram elaborados e discutidos pela equipe de educadores do CEFURIA, após pesquisa, em 2003-2004, como forma de autoformação e preparação para as assessorias e coordenação das turmas. Um processo muito rico, como mostra a citação a seguir.

E o trabalho começou: muita leitura, pesquisas, livros e mais livros empilhados nas mesas, correrias, procura por figuras, fotos, filmes; conversas, reuniões; textos que não ficaram bons e tinham que ser refeitos, etc., etc. Mas foi um trabalho bonito, principalmente porque se juntaram a nós vários animadores de clubes de troca, com muitas ideias, sugestões e vontade de ajudar. (SOUZA, A. I. e KNAPIK, M., 2004, p. 7)

Nos anos seguintes, várias novas edições destes Cadernos foram feitas e, alguns deles, foram reformulados. Tais subsídios já foram adquiridos por diversas organizações espalhadas por todo o país e estão disponíveis na página do CEFURIA na internet para serem baixados gratuitamente. Isto estendeu a ação da "Escolinha" para outros espaços ou serviu como meio de divulgação da mesma.

Uma das participantes diz o seguinte.

Eu já havia utilizado as cartilhas da "História Social do Trabalho", visando meu crescimento pessoal e para a atuação como educador popular. Acho-as maravilhosas, material que recomendo a outras pessoas sempre que possa. Foi por isso que me interessei a acompanhar o curso, esperando ansiosamente o início dele em uma época em que eu pudesse realizá-lo. (Participante 6ª Turma, Agosto/2005)

Ao final da primeira turma (setembro de 2004) foi produzido um sexto Caderno (Rompendo o silêncio e escrevendo a nossa história) com a participação da turma. A ideia era refazê-lo ao final de cada uma delas, mas isto se mostrou metodológica e financeiramente impraticável. Assim ficamos apenas com a primeira edição.



A Escolinha foi pensada, em princípio para no máximo 25-30 pessoas por turma. Mas isto não foi possível, todas as primeiras turmas estouraram em inscrições. Seria para um público intermediário – coordenadores e lideranças de grupo, com caminhada já suficiente para fazerem a multiplicação em nível de base. Também tivemos que acolher além destes, pessoas bem de base e “universitários”. E acabamos por nos render ao fato de que isto enriquecia mais os debates: os “intelectuais” aprenderiam muito com “as pessoas simples” e vice-versa.

Esta visão, entretanto não é unânime. Uma das assessoras, da “Escolinha”, acha que quando os universitários predominam, podem comprometer o processo, pois muitas vezes lhes falta humildade. Mas, “quando a maior parte da turma é ligada à economia solidária sob qualquer título, a presença deles não atrapalha e até pode enriquecer”. Isto prova que a “Escolinha” e a diversidade de público exigem dos assessores e coordenação um esforço muito maior do que se trabalhássemos com turmas homogêneas. É um permanente aprendizado! Uma permanente busca de auto-superação. Um experimentar na prática o significado da metodologia dialógica, que só cria conhecimento novo quando se dá entre diferentes (não desiguais) e sempre de forma horizontal, radicalmente democrática, mas com objetivos claros.

O diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. Não é também discussão guerreira, polêmica, entre sujeitos que não aspiram a comprometer-se com a *pronúncia* do mundo, nem a buscar a verdade, mas a impor a sua. Porque é o encontro de homens que *pronunciam* o mundo, não deve ser doação do *pronunciar* de uns a outros. É um ato de criação. (FREIRE, 1987, p. 79).

A pluralidade de participação

Como já foi dito, no período de 2004 a 2011, passaram por esta atividade mais de 1200 pessoas - integrantes, coordenadores e apoiadores de associações, cooperativas, oficinas e outros grupos de trabalho coletivo, tais como: padarias e cozinhas comunitárias, oficinas de costura e artesanato, clubes e feiras de trocas solidárias, associações de coletores de materiais recicláveis; grupos de agroecologia; quilombolas; indígenas; lideranças comunitárias; agentes pastorais; sindicalistas; militantes de diversos movimentos sociais, como os de luta pela terra, pela moradia, ecológicos, etc.; militantes partidários; professores; estudantes universitários, principalmente de serviço social e seminaristas; religiosos e religiosos; servidores e gestores públicos. Homens e mulheres de diferentes idades, que movidos pela necessidade ou exigência profissional, pela fé ou por opção política estão inseridos em algum processo de transformação social (Ver Quadro síntese de dados sobre a "Escolinha" em Anexo).



1ª Turma (1º Semestre de 2004)

A procura ininterrupta por participação durante todos estes anos, deve-se ao próprio funcionamento dos grupos, onde as coordenações locais sentem a necessidade de formação permanente para os participantes. Também, pelo próprio “boca-a-boca”, através do que os participantes divulgam a “Escolinha” para outros companheiros e companheiras. De fato, esta é a principal forma de divulgação: os próprios participantes, que se encantam, comentam e convidam os (as) colegas, amigos (as), companheiros (as) de caminhada. A divulgação também é feita por *folder* impresso e por meio eletrônico - página do CEFURIA na internet e e-mails. Toda a equipe do CEFURIA se compromete com a divulgação, mas há uma pessoa que tem uma maior responsabilidade sobre isto e que a leva muito a sério. Que toma o cuidado de ligar para os (as) participantes entre uma etapa e outra, animando-os (as) à participação, relembrando das tarefas assumidas, etc. Também tem sido tarefa da coordenação pedagógica do CEFURIA, um acompanhamento mais de perto desta atividade e o empenho em sua divulgação.

Estes são cuidados que garantem a continuidade da atividade e contribuem para uma taxa menor de desistência, se comparada a outras atividades de médio e longo prazo, de adesão espontânea. Como exemplo, incluímos a seguir uma das mensagens de divulgação via e-mail.

AMIGOS E AMIGAS DO CEFURIA, COMPANHEIRAS E COMPANHEIROS

Desde 2004, o CEFURIA tem realizado o curso “História Social do Trabalho” - Escola de Formação Básica Multiplicadora da Economia Popular Solidária - que, carinhosamente, passou a ser conhecido por “Escolinha”. Até 2007 foram realizadas 14 turmas, com uma média de 40 participantes por turma. Uma experiência muito importante, porque discute o trabalho como práxis social e coloca em contato umas com as outras, pessoas que realizam diferentes tipos de trabalhos - da coleta de material reciclável aos mais intelectualizados - todos necessários à sociedade.

A Escolinha discute que a teoria e a prática não significam nada uma sem a outra, que práticas autoritárias desmentem discursos democráticos, que o poder não está apenas nos palácios, mas é disputado e se reproduz em todos os níveis da vida humana. Discute também que o trabalho não é apenas emprego - sua forma alienada, cada vez mais rara. Mas pode também ser formador de humanidade. Assim é a Escolinha: incorpora contribuições, estabelece diálogo de saberes, valoriza as práticas sociais e coloca os conhecimentos científicos a serviço da transformação da realidade.

Contiua ►

A Escolinha quer, cada vez mais, ser um espaço de troca de experiência e construção da solidariedade entre os trabalhadores do campo e da cidade, das fábricas e da coleta de material reciclável, entre militantes sindicais e do movimento popular, estudantes, trabalhadores sociais, educadores, de Curitiba e Região Metropolitana, do Paraná e outros estados do Brasil e, quiçá, de outros países irmãos. O que nos une a todos e todas se não o fato de todos sobrevivermos do nosso próprio trabalho?!

Como temos ainda algumas vagas para as duas turmas deste semestre, estou encaminhando em anexo o folder de 2008, para que os interessados e as interessadas possam ainda se inscrever.

Um forte abraço a todos e todas.

Como vimos, a pluralidade tem sido uma das marcas da "Escolinha" e, como consequência dela, a troca de experiência e o diálogo de saberes, ainda que nem sempre sem conflitos. É o que nos mostra alguns depoimentos de participantes:

Para nós, que temos uma caminhada de 6 anos, a "escolinha" proporcionou a aproximação com novos multiplicadores desta economia, desta outra forma de organização e conceito. O contato com estudantes que estão descobrindo uma causa para suas lutas – movimentos,



2ª Turma (2º Semestre de 2004)



3ª Turma (1º Semestr de 2005)

peças das comunidades, líderes - que veem nesta economia uma forma de organização mais humana, gestores públicos buscando alternativas de inclusão produtiva e social, entre outros, todos na busca de algo que acreditam ser melhor, assim como nós, foi muito importante. (Equipe do Programa Municipal de Economia Solidária da Prefeitura de Londrina, 2011)

Nestes encontros pude perceber quanta responsabilidade temos uns com os outros. Pude sentir e rever situações diversas. Somos complemento uns dos outros: as mudanças não acontecem só com uma mão, mas com a comunhão de muitas mãos. Aprendi que quando pensamos juntos, as dificuldades se tornam mais leves, pois há muitas costas de amigos companheiros de luta para ajudar a carregar. Descobri como sou capaz de pensar e ser livre para falar. (Participante da 1ª turma, 24/05/2004).

Interessante a pluralidade de pessoas no encontro: isso nos faz entrar em contato com realidades diferentes. (Participante da 3ª turma, março de 2005)



4ª Turma (2º Semestre de 2005)

A principal virtude do curso foi conseguir trabalhar com a diversidade. (Participante 4ª Turma, março de 2005)

Grupo com pessoas e diferenças que ajudaram a perceber que a sociedade, o grupo, não é homogêneo – somar essas diferenças para construir o novo é um desafio – mas também RIQUEZA. Ambiente bom. A participação de todos (as) foi um dado importante. (10ª Turma, agosto de 2006)

Achei muito importante essa integração de movimentos, e entidades, e essa junção campo e cidade, pois as pessoas da cidade têm muitas dificuldades de se inserir nas lutas, e às vezes até preconceito com os movimentos do campo. Se o campo não planta, a cidade não janta. Se o campo não faz roça, a cidade não almoça. (31ª Turma, março de 2011)



5ª Turma (2º Semestre de 2005)



6ª Turma (2º Semestre de 2005)

Parcerias na realização da “Escolinha”

Sendo a “Escolinha” um curso ofertado gratuitamente desde sua primeira turma, havia necessidade do CEFURIA constituir parcerias para sua realização, além da MISEREOR que já garantia a estrutura básica. Foi assim que se juntaram no apoio - financeiro e/ou político pedagógico - a AEC (Associação de Educação Católica) o Talher-PR/RECID (Rede de Educação Cidadã) e o SINDIPETRO/PR-SC, durante os primeiros anos (oito primeiras turmas).

A partir de meados de 2006, o CEFURIA conseguiu aprovar um projeto junto à FINEP/MCT (Financiadora de Estudos e Projetos, do Ministério de Ciência e Tecnologia), que além da “Escolinha”, permitiu a reforma da cozinha na Casa do Trabalhador/CEPAT (Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores), local onde os encontros aconteciam, para realizar também cursos técnicos em panificação. A parceria CEFURIA-MISEREOR-RECID-FINEP-CEPAT se estendeu até o final de 2007 e garantiu a efetivação de mais seis turmas (9ª à 14ª turmas).

Com o encerramento do projeto FINEP, outra organização entra na parceria - a CICA/Missão Central Franciscana. De fato, as irmãs catequistas franciscanas já vinham participando e contribuindo com as atividades que o CEFURIA realizava junto aos grupos de base. Esta nova parceria - CEFURIA-MISEREOR-RECID-CICA/Missão Central Franciscana permanece sólida ainda em 2012, reforçada nos anos de 2009 e 2010 pelo FDS (Fundo Diocesano de Solidariedade).



19ª Turma - Araucária (Setembro de 2008)



26ª Turma - Cecopam (Fevereiro de 2010)

Como desdobramento da "Escolinha" muitas outras demandas se colocaram. Novos grupos se organizam e buscam a assessoria e apoio do CEFURIA. Assim, a partir de 2011 um novo projeto passa a ser executado, desta vez em parceria com a PETROBRAS, que está garantindo inclusive a publicação deste livro.

Uma parceria estratégica na realização da "Escolinha" e seus desdobramentos desde o seu início em 2004 é a RECID, com quem o CEFURIA tem uma grande afinidade político-pedagógica e cujas equipes de educadores constituem um coletivo único.

Por fim é importante destacar outros (as) parceiros (as) na realização de turmas específicas da "Escolinha" - CECOPAM (Centro Comunitário e de Produção Alimentar Padre Miguel); ABAI (Associação Brasileira de Apoio à Infância); Prefeitura de Piraquara (Mulheres da Paz) e Prefeitura de Araucária (duas turmas com técnicos, educadores e participantes das atividades dos CRAS - Centros de Referência em Assistência Social).



29ª Turma - Abai (Setembro de 2010)

Metodologia e Mística

Do ponto de vista metodológico, além do que já foi dito anteriormente, é importante destacar uma dimensão que na educação popular chamamos de “mística”.

A mística não é uma celebração religiosa, porque a diversidade de crenças ou não crenças é uma das marcas da “Escolinha”. É uma “celebração” de outra ordem. Seu objetivo é deixar sempre presente os motivos pelos quais estamos juntos naquele espaço que, diferentemente da educação burguesa, não qualifica para o “mercado de trabalho” capitalista, ao contrário, tem como ponto de partida a crítica a este sistema; por isso ela deve trazer sempre presente a memória de homens e mulheres que doaram suas vidas na luta pela transformação social e a construção de um mundo melhor para todos e todas. É, neste sentido, a “experiência de Deus para uns (as)”, “celebração da vida para outros (as)”, ou ainda “um abastecer de forças para continuar lutando”.

A mística resgata a ideia de integralidade. Não somos apenas racionalidade e materialidade. Somos também espírito. Temos direito e devemos lutar pela possibilidade de desenvolver todas as nossas potencialidades. As pessoas não podem viver apenas para o trabalho - alienado, explorado, fragmentado, prescrito, unilateral. Não somos só aquilo que fazemos em nossas profissões - professor, médico, pedreiro, reciclador. Por trás de cada uma dessas pessoas há uma possibilidade de riqueza que o capitalismo não permite aflorar, porque para este sistema só existem consumidores e, portanto, todos devemos trabalhar muito para poder consumir todas as quinquilharias que são jogadas no mercado cotidianamente.

Mística é, então, aquilo que nos possibilita sermos pessoas inteiras em todas as dimensões da vida: pessoal, social, familiar, espiritual e cósmica. É o gancho onde a pessoa prende o sentido da sua existência, é o que a faz ter fé, sonhar, lutar. É o pé de apoio, o chão que lhe dá segurança para lançar-se em busca de conquistas reais, pessoais, sociais, comunitárias e políticas. É o lugar onde a pessoa aninha sua vida para voar em busca de novos horizontes.

[...]

A mística, essa compaixão com que se abraça uma causa, é que confere uma postura inarredável de fé num amanhã sintetizado das contradições do agora, uma confiança básica na solução boa, positiva, de todas as situações de morte porque passamos. Ela nos leva a acreditar que o pulsar da vida é mais vigoroso, mesmo quando as circunstâncias mostram o contrário. (Grupo TAO, 1996, p. 64).

Assim, na “Escolinha”, a cada encontro, a sala do curso é previamente ambientada com *banners* e cartazes relativos aos “lutadores e lutadoras do povo”, ao tema da etapa, à Economia Popular Solidária e a questões conjunturais, como campanhas, mobilizações e lutas que estão sendo empreendidas em cada momento pelos

movimentos sociais. As cadeiras são dispostas em círculo, de forma a que todos e todas possam se olhar de frente (com exceção dos momentos em que a aproximação ao quadro de giz ou tela de projeção, durante as exposições, o exijam; porém sempre evitando a "fila de carteiras" tão comum nas salas de aula).



25ª Turma - 1ª Etapa (Março 2010)



28ª Turma (Setembro de 2008)

No centro do círculo sempre estão dispostos símbolos, bandeiras, mapas, instrumentos de trabalho, fotos, frases que estimulem o exercício de reflexão, resgatem a capacidade de sonhar, plantem a esperança e nos ajudem a perceber que um Projeto Popular para o Brasil e a construção de uma sociedade justa, depende da ação de todos (as) presentes. Que o verdadeiro poder é o Poder Popular!



21ª Turma - 4ª Etapa (Junho 2009)

Cada uma das etapas, se constitui de uma exposição dialogada pela parte da manhã, com uso de recursos didáticos, como filme ou projetor, além do quadro de giz, tarjetas, etc. À tarde, faz-se o estudo em equipe do Caderno Temático que é apresentado de forma variada por cada grupo de estudo, após o que se abre um debate livre, articulando todo o conteúdo do dia. O trabalho em equipe e o debate, são dois momentos fundamentais, sempre muito ricos e provocadores. Momentos fortes para o exercício do diálogo e sempre destacados nas avaliações feitas pelos participantes.

Após o debate, encaminha-se tarefas para serem realizadas até o próximo encontro e divulga-se a pauta das atividades dos movimentos sociais no período, buscando articular o debate realizado com o conteúdo das mobilizações. Propõe-se também que duplas ou trios de participantes assumam a mística do encontro seguinte, momentos de reflexão, descontração, animação.

Ainda, ao final de cada etapa, solicita-se que os (as) participantes (às vezes em duplas ou trios) façam uma avaliação por escrito, destacando os pontos positivos, negativos e sugestões. Estas avaliações são digitadas pela coordenação

e divulgadas para a assessoria, equipe de apoio e direção do CEFURIA como um todo. Servem de base também para possíveis cuidados a tomar ou mudanças a fazer nos encontros seguintes. Cópias das avaliações são também entregues aos participantes no início do encontro seguinte para que conheçam o que o conjunto da turma escreveu. Quando necessário, são retomadas coletivamente.

Para que os (as) leitores (as) deste livro tomem contato com estas avaliações e garantir também a contribuição dos participantes da "Escolinha" nesta sistematização, vamos incluir algumas delas ao final da descrição de cada uma das etapas. São depoimentos que explicitam descobertas importantes na vida dos participantes, que assumem compromissos de mudança.

De maneira geral as avaliações são muito positivas. As pessoas destacam a acolhida, a simplicidade e preparo da assessoria e coordenação, a qualidade do material didático, o espaço, a alimentação, a iniciativa do CEFURIA. As avaliações negativas dizem respeito normalmente a horários não cumpridos (mais por conta dos colegas que da coordenação); pouco tempo para os debates; falta de continuidade após o término da "Escolinha". Houve casos (minoritários, mas que foram levados em conta), em que se reclamou da linguagem complicada e da explicitação de posicionamento político por parte da assessoria e/ou coordenação. Algumas pessoas sugerem também que o CEFURIA promova encontros de troca de experiência entre as etapas; que organize oficinas de "escutatória"; etc. Algumas sugestões foram colocadas em prática; outras não, porque nem sempre o CEFURIA consegue operacionalizá-las.

Passamos agora à exposição detalhada do formato e conteúdo de cada uma das etapas da Escola de Formação Básica Multiplicadora da Economia Popular Solidária.



25ª Turma (Março de 2010)

Canção Óbvia

Paulo Freire

*Escolhi a sombra desta árvore para
repousar do muito que farei,
enquanto esperarei por ti.
Quem espera na pura espera
vive um tempo de espera vã.
Por isto, enquanto te espero
trabalharei os campos e
conversarei com os homens.
Suarei meu corpo, que o sol queimará;
minhas mãos ficarão calejadas;
meus pés aprenderão o mistério dos caminhos;
meus ouvidos ouvirão mais,
meus olhos verão o que antes não viam,
enquanto esperarei por ti.
Não te esperarei na pura espera
porque o meu tempo de espera é um
tempo de que fazer.
Desconfiarei daqueles que virão dizer-me,
em voz baixa e precavidos:
É perigoso agir
É perigoso falar
É perigoso andar
É perigoso, esperar, na forma que esperas,
porque esses recusam a alegria de tua chegada.
Desconfiarei também daqueles que virão dizer-me,
com palavras fáceis, que já chegaste,
porque esses, ao anunciar-te ingenuamente,
antes te denunciam.
Estarei preparando a tua chegada
como o jardineiro prepara o jardim
para a rosa que se abrirá na primavera.*



Primeira Etapa⁵



15ª Turma (Março de 2008)

A pedagogia de Paulo Freire: uma pedagogia humanizadora

A primeira etapa da “Escolinha” é fundamental, pois nela realizamos um processo de apresentação individual dos participantes, que permite não apenas à assessoria e coordenação terem um conhecimento prévio da turma, mas também a cada um e a cada uma dos (as) participantes irem conhecendo um pouco os (as) colegas com quem conviverão 40 horas, nos cinco encontros, durante cinco meses. Assim, além do nome, local de origem, espaços de participação ou trabalho, procuramos levantar os motivos que os (as) trouxeram para a atividade, bem como as expectativas que têm em relação a ela.

As dinâmicas de apresentação podem variar, mas a que mais tem sido praticada é a seguinte: dispõe-se na forma de círculo, no centro da sala, as bolsas com o material didático e, numa cesta, os crachás com os nomes dos (as) participantes. Faz-se então uma corrente onde um (a) participante após se apresentar e receber seu material, chama outro (a) a partir dos nomes dos crachás que, por sua vez, segue com a apresentação, ao mesmo tempo em que a turma vai se acolhendo mutuamente.

Em seguida é lido um poema ou um texto, como por exemplo: “O mendigo e o diamante” (Stephen King); “Para repartir com todos: uma convocação para buscar o bem comum” (Thiago de Mello); ou outro mais adequado ao momento histórico em que a “Escolinha” está se realizando. Faz-se referência à importância do material didático disponibilizado para estudo pois, para transformar a realidade é preciso conhecê-la.

5 A assessoria desta etapa é de responsabilidade de Ana Inês Souza. Mas também, pode contar, eventualmente, com a assessoria de Olma Callefi.

O MENDIGO E O DIAMANTE

Numa pequena cidade do interior, havia um pobre mendigo. Fazia o que todo o mendigo faz. Dormia nas calçadas, pedia pão e roupas velhas (é o que todo mundo dá). Ganhava estas coisas e as colocava dentro de sua mochila.

Nos dias bonitos de sol, ele sentava na praça, tirava do saco todos os trapos lavava-os na fonte da praça e os estendia no chão para secar. Pegava o pão velho e amassava-o com uma pedra que ele trazia também no saco, comia como se fosse uma sopa.

Era um mendigo que não incomodava, até gostava de conversar e brincar com algumas crianças. Assim levava a vida... Quando ele demorava para aparecer o povo sentia falta, mas ele, mais cedo ou mais tarde, sempre chegava.

Acontece, porém, que num dia muito frio, o mendigo não apareceu. Estava morto lá no começo da rua principal. O povo correu para ver o homem morto. Do lado dele estava a mochila e mais nada. O povo “cheio de bondade”, ajeitou o enterro e o levou para o cemitério.

Um jovem curioso revirou a mochila e gostou da pedra. Levou para casa a pedra e, lavando-a descobriu: UMA PEDRA PRECIOSA – DIAMANTE que todo o dinheiro da cidade não dava para comprar.

(Adaptação da adaptação feita por Stephen King, de uma parábola hindu, publicada em “Pesadelos e paisagens noturnas”, V. II, 1993).

PARA REPARTIR COM TODOS:
uma convocação para buscar o bem comum

Thiago de Mello

*Com este canto Te chamo, porque preciso de ti.
Quero encontrar um diamante,
sei que ele existe e onde está.
Não me acanho de pedir ajuda:
sei que sozinho nunca vou poder achar.
Mas desde logo advirto: PARA REPARTIR COM TODOS.
Traz a ternura que escondes machucada no teu peito.
Eu levo um resto de infância que meu coração guardou.
Vamos precisar de fachos para as veredas da noite
que oculta e, às vezes, defende o diamante.*

VAMOS JUNTOS.

*Traz toda a luz que tiveres, não te esqueças do
arco-íris que escondeste no porão.
Eu ponho a minha coronga, de uso na selva,
é uma luz que se aconchega na sombra.
Não vale desanimar nem preferir os atalhos sedutores
que nos perdem, para chegar mais depressa.
Vamos achar o diamante PARA REPARTIR COM TODOS.
Mesmo com quem não quis vir, falta de sonho.
Com quem preferiu ficar sozinho bordando
de ouro seu umbigo engelhado.
Mesmo com quem se fez cego ou se encolheu
na vergonha de aparecer procurando.
Com quem ficou indiferente e zombou
das nossas mãos enfatigadas na busca.
Mas também com quem tem medo do diamante e seu poder,
e até com quem desconfia que ele exista mesmo.*

E EXISTE:

*o diamante se constrói
quando o procuramos juntos
no meio da nossa vida
e cresce, límpido cresce,
na intenção de repartir
o que chamamos de AMOR.*

A coordenação passa a apresentar, então, todo o programa do curso, utilizando a simbologia da construção de uma casa, conforme descrito anteriormente e, à medida que vai fazendo o desenho no quadro de giz, os (as) participantes vão acompanhando o calendário, conteúdo, objetivos, etc. pelo *folder* da “Escolinha”.

Na primeira etapa, como forma de marcar a concepção do curso, quase sempre é lido também, já como introdução ao conteúdo, o poema “Monólogo”, de J. G. de Araújo Jorge, a partir do qual a assessoria inicia a problematização perguntando se a turma conhece o mundo de que fala o poeta.

“MONÓLOGO”

Meu filho,
se te dissesse que poderia haver um mundo de duas classes,
em que uns trabalham e outros não,
e os que trabalham, mendigam, e passam fome,
e os inúteis gozam e desperdiçam.

Se te dissesse que poderia haver um mundo
em que uns tem tudo: pão, remédio, crianças, futuro,
- já nasceram proprietários do futuro! -
e os outros não têm nada, nem mesmo meios para a luta,
a grande luta desigual.

Se te dissesse que nesse mundo
há homens de automóveis, tapetes, mulheres perfumadas,
e homens na chuva, ao relento, mulheres nas calçadas,
e aos primeiros não causam a menor impressão tal acontecimento
e os outros não se revoltam, - estendem apenas as mão vazias
- e exalam lamúrias.

Se te dissesse que a justiça e a fé são mercadorias inacessíveis
aos realmente necessitados:
e o direito é apenas a lei que manterá tal estado de coisas;
e há homens que jogam a riqueza pelo prazer de jogar
e outros que mereciam e morrem sem conquistá-la.

E se te dissesse que apesar de tudo esse mundo existe realmente
e vive, progride, e avança,
havia de me dizer: impossível, meu pai,
um tal mundo jamais poderia existir
nem poderia a vida afinal se tão má!

Entretanto, meu filho, basta abrires teus olhos,
aí está, - parece incrível, não é? - mas aí está!

(Poema de JG de Araújo Jorge extraído do livro Estrela da Terra - 1947)

Mostra-se assim que a pedagogia freireana não é algo solto no ar, uma abstração, ou um livro para se deixar na estante. É uma teoria da ação, que inicia com a denúncia das desigualdades sociais. Para Paulo Freire, denúncia e anúncio devem andar lado a lado, ou seja, não basta fazer a crítica, é preciso desde já ir colocando os tijolos na construção que queremos erguer - a Economia Popular Solidária.

Talvez melhor do que se falar em construção a erguer, quando queremos representar melhor a concepção desta "outra economia", devamos falar em "elos de uma corrente" ou "nós de uma rede" que se tece coletiva e horizontalmente. Por isso usamos os valores político-pedagógicos da educação popular freireana como princípio orientador deste novo modo de produção e reprodução da vida.

Denúncia e anúncio, nesta pedagogia, não são palavras vazias, mas compromisso histórico. Por outro lado, a denúncia da sociedade de classes como uma sociedade de exploração de uma classe por outra exige um cada vez maior conhecimento científico de tal sociedade e, de outro, o anúncio da nova sociedade demanda uma teoria da ação transformadora da sociedade denunciada. (FREIRE, 1982, p. 59)

Uma pedagogia utópica⁶ da denúncia e do anúncio tem de ser um ato de conhecimento da realidade denunciada [...], enquanto ação cultural para a liberdade. Daí à ênfase que damos à constante problematização da realidade concreta. (FREIRE, 1982, p. 60)

6 Falando desta pedagogia, Paulo Freire diz que ela é "utópica, não porque se nutra de sonhos impossíveis, porque se filie a uma perspectiva idealista, porque implique um perfil abstrato do ser humano, porque pretenda negar a existência das classes sociais" [...] mas, "utópica porque, não 'domesticando' o tempo, recusa um futuro pré-fabricado que se instalaria automaticamente, independente da ação consciente dos seres humanos. Utópica e esperançosa porque, pretendendo estar a serviço da libertação das classes oprimidas, se faz e se refaz na prática social, no concreto, e implica na dialetização da denúncia e do anúncio, que tem na práxis revolucionária permanente, o seu momento máximo". (FREIRE, 1982, p. 58-59)

A historicidade como proposta metodológica

Quando apresentamos a pedagogia freireana, o fazemos dentro da linha do tempo que é construída coletivamente, como o “fio da pipa”, e que chamamos de “História de opressão e resistência no Brasil e o pensamento de Paulo Freire”. Nesta linha, a história do Brasil não começa em 1500, mas quando estas terras ainda eram chamadas por seus habitantes de “Pindorama” (ALENCAR, 1999).



Relembramos, de forma dialogada, o que estava acontecendo no mundo quando os europeus aqui aportaram; como "Pindorama" se tornou uma empresa colonial de exploração e alimentou a acumulação primitiva do capitalismo na Europa com o tráfico de pau-brasil e mão de obra indígena. Sendo rápido o esgotamento das matas costeiras que continham a madeira que servia para tingir tecidos nas tecelagens europeias, a atividade econômica se voltou para o plantio da cana de açúcar. Fez-se a divisão das terras em capitanias doadas a titulares que gozaram de plenos poderes sobre "as terras e as gentes" (RUGENDAS, 1940, *apud* FREIRE, 1983, p. 69) originando os latifúndios e o trabalho escravo. Este quadro se constituirá nas "marcas do ontem" que, segundo Paulo Freire, se manifestam no comportamento do homem brasileiro. (FREIRE, 1983 e 2001)⁷.

Mostra-se assim que o pensamento de Paulo Freire se construiu a partir da experiência concreta de seu país e de seu povo, como denúncia do sofrimento dos indígenas, negros africanos para cá trazidos como escravos, camponeses pobres, mestiços, etc. E se consolidou como anúncio de uma sociedade justa, livre e democrática a ser construída com a organização e a luta de todos os oprimidos.

A pedagogia que Paulo Freire nos legou e da qual tratamos na "Escolinha", como base para a construção da Economia Popular Solidária (EPS), nos obriga a rever nossas práticas e refletir em que medida elas podem estar carregadas de autoritarismo, de assistencialismo e nos propõe devolver a palavra e garantir a voz àqueles e àquelas que, historicamente, tem sido privados dela.



18ª Turma (2008)

7 Além dos livros de Paulo Freire - "Educação e atualidade brasileira" e "Educação como prática da liberdade" - onde o autor enraíza sua pedagogia como crítica e como superação - nos valem das obras de Caio Prado Junior (História econômica do Brasil); Chico Alencar (BR 500: um guia para a redescoberta do Brasil); e dos Cadernos da ACO (Ação Católica Operária e História da classe operária no Brasil) para desenvolver essas reflexões.



34ª Turma - Araucária (2010)

A resposta à questão “educar para domesticar ou para libertar” nos faz optar por uma determinada pedagogia, neste caso, aquela que desvela a realidade pelo diálogo e problematização. Que nos faz aprender com a própria história e assim, contribuir para qualificar nossas ações, visando transformar a realidade opressora, superar os limites de nossas próprias interpretações, ampliar nossa visão de mundo.

Nesta pedagogia, que parte sempre da realidade concreta, a pesquisa é fundamental, pois a realidade não é só o dado bruto (objetivado), mas também a interpretação que os sujeitos fazem dela; como explicam os problemas que vivem. Portanto, é preciso ouvi-los. O diálogo, então, começa já na busca do “tema gerador”⁸, que não é o que nós educadores ou intelectuais orgânicos definimos, mas aquilo que tem significado para as pessoas ao lado das quais queremos trabalhar.

A experiência exitosa da “Escolinha”, talvez resida no fato de ter surgido a partir da escuta que o educador do CEFURIA foi capaz de fazer em 2003. Ou seja, a fala geradora nos grupos de base “precisamos de formação”, desencadeou um diálogo em diferentes espaços e se desdobrou nos temas geradores centrais para compreender e construir a proposta da Escola de Economia Popular Solidária: “A história Social do Trabalho” e a “Pedagogia Freireana”.

8 Para entender este conceito “tema gerador” pode-se ler o livro *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire (especialmente o 3º capítulo) e o livro de Antonio Fernando Gouvêa da Silva, organizado por Ana Inês Souza, “A busca do tema gerador na práxis da educação popular” (1º livro desta série “Metodologia e sistematização de experiências coletivas populares”).

Estes, por sua vez, se desdobraram em diversos outros "temas-dobração"⁹ que compõem a "Escolinha" como um todo e que, por consequência, foi se desdobrando em outras ações e atividades em nível de base e assessorias a outras organizações da sociedade civil promotoras da EPS; universidades; espaços de gestão e implementação de políticas públicas; etc. Quem sabe, não seria demais dizer também, o desdobramento de outras publicações específicas, para além dos próprios cadernos temáticos que subsidiam a "Escolinha", como os outros volumes desta série de "sistematização" e a cartilha "Outro consumo é possível"; esta última em parcerias estratégicas com a CICAF (Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas) e a RECID (Rede de Educação Cidadã).



Catadores Almirante Tamandaré 2008

É evidente que o trabalho de educação popular no acompanhamento a grupos de base, assessorias a outras organizações, e publicações, já existia no CEFURIA desde a sua fundação. Entretanto, em se tratando da temática "Economia Popular Solidária", é preciso reconhecer que a "Escolinha" proporcionou outra qualidade ao trabalho já realizado, pois ela desafiou a equipe de educadores (as) do CEFURIA a se aprofundar no tema, a buscar parcerias, etc.

9 Ao "captar" a temática significativa e analisá-la buscando seus núcleos fundamentais, que Paulo Freire chama de "redução", a equipe [interdisciplinar] responsável "reconhecerá a necessidade de colocar alguns temas fundamentais que, não obstante, não foram sugeridos pelo povo [...]. A introdução destes temas, de necessidade comprovada, corresponde, inclusive, à dialogicidade da educação, de que tanto falamos. Se a programação educativa é dialógica, isto significa o direito que também têm os educadores-educandos de participar dela, incluindo temas não sugeridos. A estes, por sua definição, chamamos 'temas dobração'. Como tais, ora facilitam a compreensão entre dois temas no conjunto da unidade programática, preenchendo um possível vazio entre ambos, ora contêm, em si, as relações a serem percebidas entre o conteúdo geral da programação e a visão do mundo que esteja tendo o povo". (FREIRE, 1987, p. 115-116)

Ora, isto é o que nos propõe a Pedagogia Freireana. Ela não é um conjunto de técnicas e recursos didáticos, mas compromisso histórico com a transformação da realidade e a humanização. Articulada à Economia Popular Solidária, cujo fundamento é o trabalho humano e a participação nas ações coletivas mais amplas, empreendidas pelos Movimentos Sociais, uma pedagogia libertadora avança para a emancipação; que não se dá apenas em nível de consciência, mas no processo de produção e reprodução da vida, na produção de cultura que, nas palavras de Paulo Freire “é toda criação humana” (FREIRE, 1983. p. 109).



Trabalho Acampamento Celso Eidt (2008)



Curso Técnico Panificação

O desvelamento da realidade

De fato, a "escuta" (sistemática ou não) nos traz um "universo temático" ou a "temática significativa" (FREIRE, 1987, p. 87), cuja codificação - uso de símbolos, cartazes com desenhos ou figuras, fotos, esquemas construídos em quadros de giz ou apresentados em projeções, vídeos, etc. - permite às pessoas imersas nas situações codificadas, momentos de "afastamento epistemológico".

O diálogo e a problematização a partir de tais codificações, permitem a reflexão e a análise de tal situação. Neste movimento de análise, os (as) educadores ou assessores (as) vão intercalando os "temas-dobradiça" que juntando as peças do quebra-cabeça, permitem aos (às) participantes fazerem os nexos entre as várias temáticas ou problemas que eles e elas vivenciam ou sobre os quais refletem de forma fragmentada.

Quando as pessoas envolvidas retornam ao seu cotidiano, sua maneira de vê-lo já não será mais a mesma. Compreenderão que as "situações-limite" são construções históricas cuja superação depende delas mesmas. Começam a sentir-se desafiadas a praticarem "atos-limite", ou seja, ações concretas - individuais e coletivas - que permitam ir dando passos no sentido de superação daquelas situações (FREIRE, 1987, p. 90-93).

Na perspectiva freireana, a "Escolinha", como qualquer outra prática político-pedagógica transformadora, independente do nível onde ela se realiza, deve promover o desvelamento da realidade e a ação subsequente que transforma o mundo - ação que é trabalho, luta, produz cultura, constrói o "inédito viável" (FREIRE, 1987, p. 94) - e, ao mesmo tempo, transforma as pessoas, tornando-as melhores como seres humanos.

Para finalizar o capítulo da primeira etapa, acrescentamos, então, algumas das avaliações e depoimentos, feitos nesta etapa, pelos (as) participantes das diferentes turmas.

Encontros como este só vem enriquecer na caminhada do povo que acredita na vida e na libertação. O trabalho em grupo é um aprendizado de como trabalhar com o povo, a se organizar, e onde todos tem vez e voz. (1ª Turma, maio de 2004)

Numa realidade hostil e competitiva como vivemos, merece destaque uma iniciativa como esta, que congrega pessoas para pensar sobre a história, o trabalho e as possibilidades de transformação da sociedade. (3ª turma, março de 2005).

Procurar ser mais fiel no horário; cuidar com as palavras: não empobrecer a fala mas "explicar" seu sentido. Ex.: capitalismo – todos entendem? Tempo maior para trabalho de grupos. Apresentação deve ser sintetizada. Mais inovação nas apresentações, ex: teatro. (4ª Turma, março de 2005)

Eu não conhecia a caminhada de Paulo Freire, muito menos a luta dele para um Brasil melhor. Como foi meu primeiro dia, foi de muito proveito, pois foram usadas palavras simples da maneira que a gente podia entender todos os assuntos da pauta. E de agora em diante não vou perder a oportunidade de conhecer cada vez mais. (6ª turma, agosto de 2005)

O dia foi proveitoso, clareou ideias e sairei daqui sendo uma pessoa melhor do que quando entrei. Contribuí na presença e discussão de ideias. Acho que contribuirei ainda mais quando sair e puder ser lá fora o que aqui aprendi. Foi boa a acolhida a convivência a valorização de cada um. Fiquei feliz de encontrar pessoas tão diferente e tão iguais a mim. O alimento do corpo nota dez. A vivência e a esperança de um dia ver a sociedade um pouco melhor com a contribuição de todos ou de alguns. Bom saber que pessoas se propõem a levar mudanças construtivas, informação e amor a muitos; foi bom conhecer um pouco a vida de Paulo Freire e ver que não depende só da igreja a mudança da sociedade. Senão estávamos perdidos. Muito bom o respeito e o carinho com os humildes. Bom saber que é possível uma sociedade mais justa. Não conseguiremos a perfeição, mas a modificação. (8ª Turma, março de 2006).



Aprendi que devo fazer uma mudança radical em minha vida cotidiana. Ter coragem de participar e brigar pelos meus objetivos. O mundo tem jeito. Com a transformação pessoal poderá mudar a cultura opressora que aí está. Devo me informar sem medo de errar. Ninguém ama o que não conhece. (8ª Turma, março de 2006).

Sempre me disseram e eu pensava quando criança, adolescente, jovem e agora adulta, que eu sou louca! Por ver o mundo de maneira

clara e por questionar tudo à minha volta, e à volta do planeta Terra. Mas hoje eu reafirmei a minha maneira de ser, através de pessoas como eu, é claro, mais vividas, ou até menos. E sinto que estou no caminho certo. Não sei onde isso vai parar e aonde eu vou chegar. Só sei que não quero parar. (9ª Turma, agosto de 2006)

A "Escolinha" é um encontro de pessoas que visam o Brasil unido, organizado e livre e, para isso, em algumas horas se dispõem a trocar experiências, questionamentos e provocações. Não estamos satisfeitos com os acontecimentos do nosso país, mas procuramos interferir de várias maneiras para o povo ser feliz. (12ª Turma, março de 2007)

Nesta 1ª etapa da escolinha posso dizer que me emocionei, desde o café já estar pronto para nos acolher na manhã fria de Curitiba, o carinho com que acolhem os familiares dos participantes, dando oportunidades até para as crianças de participarem. Me emocionei com os cantos, já ouvidos outras vezes, mas neste contexto de uma procura por transformação me tocou mais. Me emocionei com a capacidade das adolescentes se manifestarem; é só darmos a eles um ideal, um sonho e eles desenvolvem, nos surpreendem. Me emocionei com a realidade que bateu na nossa porta, estávamos tão envolvidos na dinâmica da utopia, mas a realidade está posta, precisamos avançar. (13ª Turma, agosto de 2007)

Eu cheguei e achei que era chegar aqui, e eu ia aprender a fazer coisas de panificação. Mas vi que não. Vi também que tudo o que aprendi aqui faz parte até para fazer o curso de panificação. Tem que saber de um pouco do passado do Brasil, mas foi bom, pois tem muitas coisas que eu não sabia e fiquei sabendo, principalmente sobre a privatização dos patrimônios do povo brasileiro. Obrigado por esse dia. (14ª Turma, agosto de 2007)

Eu cheguei com sono. Na quinta-feira, fui dormir depois da meia-noite. Acordei às quatro e meia da manhã para viajar até a cidade de Mafra, onde eu deveria dar aulas a partir das 7:15 horas. Cheguei em casa na sexta-feira à noite. Meus filhos e minha esposa cobravam um tempo de presença. Acabei adormecendo no sofá. Hoje levantei às 6h30 minutos. Cheguei bocejando e achando que nada valia a pena, porque a vida é muito pequena. Estou indo para casa mais inteiro, mais gente. Talvez o mundo não seja pequeno, nem a vida um fato consumado. (15ª Turma, março de 2008)

Além das avaliações, ao final da primeira etapa da 17ª turma - Agosto de 2008 - foi solicitado aos participantes que escrevessem um ou dois parágrafos que sintetizassem aprendizados e sentimentos aflorados durante o encontro. Algumas destas manifestações são apresentadas a seguir:

Olá, queridos amigos: procurar uma metodologia includente é um desafio histórico, pois são séculos de opressão, lutas e resistência, onde o opressor usa de mecanismo para se fortalecer dentro do seu habi-

tat. Mas não deixamos de semear a semente que gera construção de consciência limpa e clara entre o nosso convívio. Para isso, é preciso uma mudança de linguagem quando falamos para implantar uma consciência libertadora a partir do meu "eu". Este é o pensamento que resume este primeiro encontro da Escolinha.

Ninguém é tão alguém que nunca precise de ninguém. Nestas palestras, acredito que vou aprender muito até o término delas. Essa primeira, já adquiri muito sobre a pedagogia humanizadora de Paulo Freire. Na verdade, nunca tinha ouvido falar nele, e nem conhecia sua história e pelo que já vi até aqui, ele lutou pela igualdade das pessoas, ricas e pobres. Estou gostando muito, demais, o conhecimento é algo que ninguém pode nos roubar.

Desde adolescente, sempre tive vontade de fazer algo diferente, ou seja, não viver só por viver, mas construir algo diferente. Por isso me identifiquei com o curso de Serviço Social. Nunca me contentei com o mundo em que vivemos, mas continuo tendo esta visão. Mas acredito na mudança do ser humano. Não vou mudar o mundo, mas posso mudar a consciência das pessoas que me rodeiam, por isso o meu papel é primeiramente trabalhar a minha consciência e depois trabalhar na construção de um projeto ético, político. Através desta oportunidade que estou tendo, participando da Escolinha, vou aperfeiçoar ainda mais o meu conhecimento, e vai fazer muita diferença para mim como ser humano, rodeado de falhas.

Construir um país mais justo é uma tarefa árdua. Porém, para transformações sociais, é preciso lutar; o CEFURIA está plantando a semente e, com certeza, os frutos virão. Vejo por mim que a partir do primeiro dia do curso, mudei minha forma de refletir sobre a história de luta do povo brasileiro. Posso dizer que foi instigante e que construiremos saberes juntos.

Vivemos em um sistema econômico injusto, onde somos treinados a todo instante que o mais importante é o bem pessoal. Nos acostumamos com a violência, mentiras, fome, miséria, mas acredito que estamos vivendo um momento especial de reestruturação e fortalecimento dos movimentos sociais e que estamos caminhando, sim, para a revolução. O mais importante é que tenhamos consciência de que não será fácil, será um caminho difícil e trabalhoso de desconstrução de tudo que está posto e o principal, que nossas relações sejam verdadeiras.

O trabalho – atividade humana que garante sua subsistência, bem-estar e crescimento – foi expropriado de seu caráter humano e transformado em ferramenta, máquina de acumulação de capital. Nossa luta: reinventar o trabalho (e a escola, e a família, e a vida).

O primeiro encontro sobre Economia Solidária, no método de Paulo Freire, nos mostrou a verdadeira "cara" de nosso país. As lutas e conquistas em diversos aspectos como político, cultural, etnia, sociais e outros; este resgate histórico nos possibilitou a reflexão dos fatos e que devemos desconstruir as "inverdades", colocadas pelo sistema

burguês, e disseminar tudo que foi desvelado neste encontro, pois as sementes de mundo melhor e igual para todos já estão plantadas. Portanto, temos apenas que regá-las todos os dias.



24ª Turma (Março de 2010)

Para as pessoas que foram impedidas de frequentar a escola ou ter acesso aos conhecimentos sistematizados, a "Escolinha" mostra um mundo, talvez desconhecido, um mundo vivido como fatalidade, sentido, mas talvez não pensado. Para outras, há um reviver, um repensar; e para outras ainda, mesmo tendo passado pela universidade, uma nova visão de algo já visto, lido, estudado, um "virar pelo avesso".

Acredito que nós temos muito que dialogar, pois são bastantes as informações e muito nós temos para aprender e vocês estão preparados para nos ajudar nesta luta pela humanização. É partilhando que poderemos aprender e também vivenciar a causa. (18ª Turma, Agosto de 2008)

Esta formação foi muito importante para mim. O ambiente é muito bonito e acolhedor e os temas abordados me levaram a um processo de reflexão. Parece que o tempo foi curto demais para tanto conteúdo, mas acredito que a dúvida, o continuar pensando sobre as questões, tem o seu papel na continuidade das etapas. (21ª Turma, março de 2009)

Gostaria de deixar claro que o trabalho de vocês é simplesmente maravilhoso, a forma com que todos abordam os assuntos, todos do grupo entendem, sem falar na riqueza das trocas de saberes de pessoas

que acham que não sabem nada e nos dão informações mais valiosas que diamante, enfim, nada é mais emocionante que o carinho com que todos aqui na casa são tratados independente de cor, classe ou etnia. (23ª Turma, agosto de 2009)

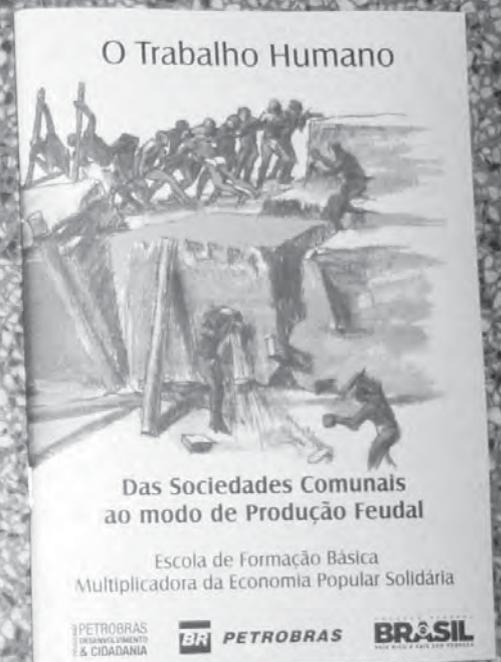
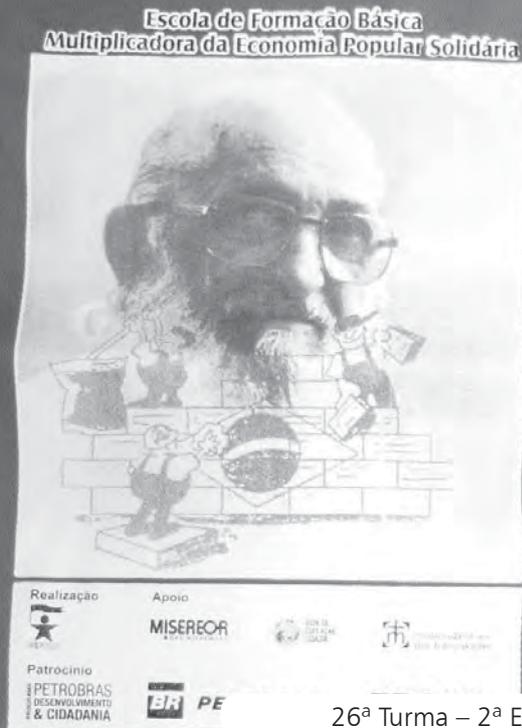
Este primeiro momento foi fundamental para demarcar a concepção deste encontro que, através de uma perspectiva história de todas as formas de opressão da sociedade capitalista que vivemos, mostra que sempre houve e haverá homens e mulheres (um grande exemplo disso é Paulo freire) que estão dispostos a construir a humanização. E nesta humanização que acontece em meio a dificuldades, torna-nos aprendizes enquanto educamos. Estaremos educando os outros todas as vezes que procuramos formas de romper com as desigualdades, mostrando que nesse mundo há, sim, espaço para que todos e todas possam viver uma vida mais feliz e com DIGNIDADE. (28ª Turma, agosto de 2010).

A princípio eu iria para mais um curso, adquirir informações. Acabei descobrindo que informação não se adquire mas se constrói coletivamente, respeitando-se cada cultura. O tema opressão me fez refletir muito. Ela pode estar onde menos se espera e de formas variadas e ocultas. Descobri que de certa forma sou opressor, mas agora com subsídios para me libertar e ajudar a libertar "alguém". Já me sinto alguém melhor. (28ª Turma, agosto de 2010).



24ª Turma (Março de 2010)

Segunda Etapa¹⁰



26ª Turma – 2ª Etapa – Cecopam - bolsa e caderno da etapa (Abril de 2010)

O Trabalho Humano: das sociedades comunais ao modo de produção feudal

Em se tratando da “História Social do Trabalho”, esta segunda etapa é imprescindível. É o alicerce para as que se seguem e, ao mesmo tempo, é a que mais desafia a assessoria, pois trata de um longo período da história da humanidade. Efetivamente, ela aborda desde a origem da vida na terra e a transição da passagem do mundo animal para o mundo humano propriamente dito - o mundo da cultura - até o final da Idade Média. Por isso, é uma etapa que está em permanente debate na equipe de coordenação e assessoria. O caderno temático específico já sofreu três modificações, assim como a forma de abordagem por parte da assessoria, a fim de aproximar o conteúdo a uma forma de linguagem acessível às pessoas mais simples, sem descuidar da rigorosidade.

Como os (as) leitores (as) deste livro percebem, o diálogo de saberes e o aprendizado mútuo não se dá apenas durante as etapas propriamente ditas, entre assessores (as) e participantes, mas também entre os (as) assessores (as) mesmos (as) e entre estes (as) e a coordenação, durante as reuniões preparatórias ou de avaliações, ainda que sejam menos frequentes do que gostaríamos.

Este é o espírito da Pedagogia Freireana e da Economia Popular Solidária, cuja “tensão construtiva” pode ser percebida na contribuição elaborada pela assessora desta segunda etapa, Luzia do Rocio Ramos Pires, que tem sido como que “a consciência crítica” da coordenação e assessoria da “Escolinha”.

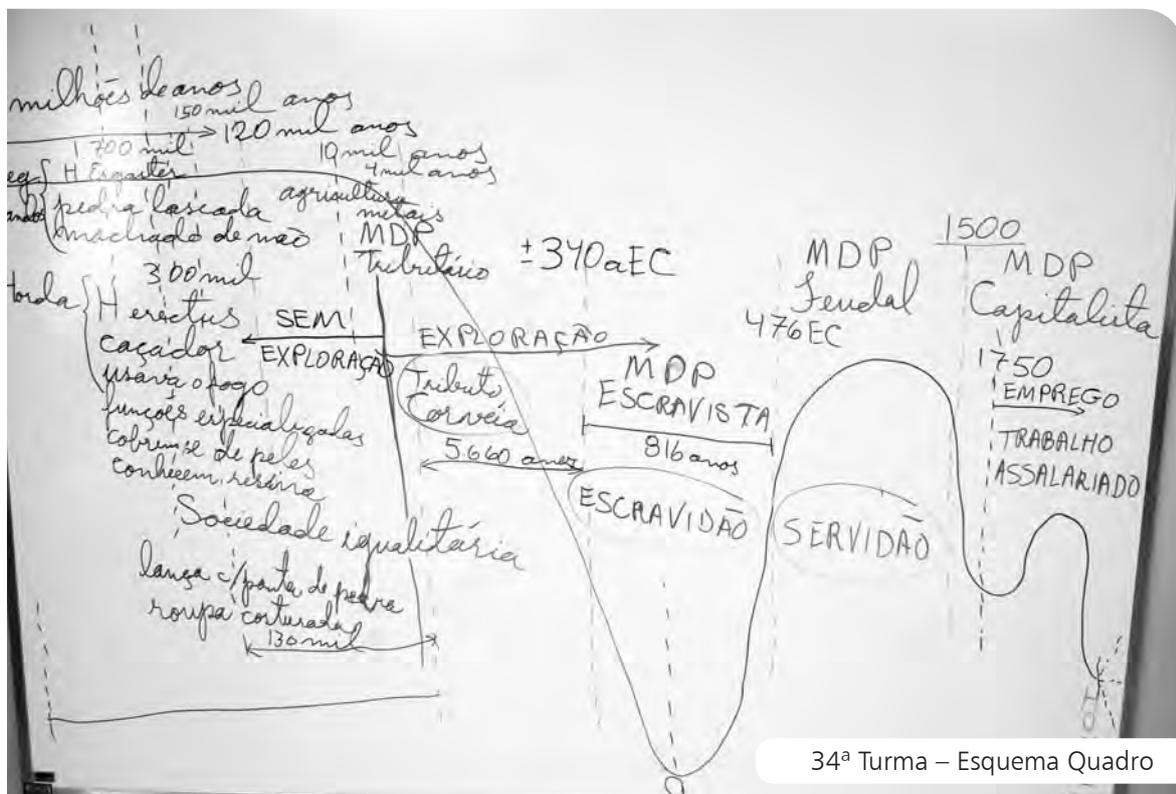
10 A assessoria desta etapa é de Luzia do Rocio Pires Ramos desde meados de 2005. As três primeiras turmas haviam sido assessoradas por Márcia Carneiro Knapik e João Ferreira Santiago.

Luzia faz o seguinte depoimento sobre sua participação:

Fui puxada para o trem em movimento. E, erradamente, só perguntei pelas questões práticas e próximas (Fazer o que? Quantas pessoas? De que jeito?), não me ocorreu perguntar pelas questões de fundo. Recebi e li a cartilha da 2ª etapa e fui enfrentar as feras. Apaixonei-me pelas pessoas; naquelas primeiras turmas havia preponderância de pessoas da base, sedentas por saber. Era muito bom.

Eu tenho compromisso com uma revolução particular, lenta, sem violência, de ideologia cristã, que mude a sociedade para que "todos tenham vida e a tenham em abundância". Assim, assumi a escolinha como mais um espaço onde é possível trabalhar para fazer o mundo melhor.

Comecei a criticar e propor mudanças para a cartilha da 2ª etapa; ela tinha uma linguagem muito anticlerical. Não que a cartilha deva ser um livro de catequese, mas é possível defender ideias e apresentar conceitos científicos com muita precisão e muito rigor sem machucar as pessoas e sem colocá-las na defensiva "a priori". Não se "ganha" o outro atacando aquilo que sempre fez sentido pra ele. Além disso, eu não conseguia encaixar naquela, a minha lógica de ver a história.



34ª Turma – Esquema Quadro

Propus uma mudança partindo dos Modos de Produção [MDP] e não encontrei resistências, ninguém me disse que este não era o eixo. Penso que a história do trabalho humano embute a história da exploração do trabalho humano, e

esta é muito mais evidente a partir dos MDP. De mais a mais, o título da cartilha que me foi entregue era O Trabalho Humano, das Sociedades Comuns ao Modo de Produção Feudal¹¹.

Também percebi que, entre os participantes, havia pessoas com uma visão muito fundamentalista da fé, da Igreja, etc. Para que elas se libertassem era preciso desconstruir aquela visão. Então comecei a perguntar pelo trabalho humano desde sua origem, aí os homens e as mulheres ficaram muito mais velhos (as) que a historinha de Adão e Eva. Quando necessário, perguntei também pela origem do planeta Terra e do Universo, porque nestes tempos de preocupações ambientais e ecológicas é preciso reconhecer que esta casa não é só nossa e que, descuidando dela, é a espécie humana que passa a correr risco de extinção.

Finalmente mudei parte da cartilha. Porém, ainda respeitei demais a primeira autora [Márcia Carneiro Knapik], por isso não tirei coisas que gostaria de tirar. Além disso, contaminada por um "academicismo" fiz uma redação dos aspectos teóricos dos MDP separada da descrição das sociedades organizadas segundo aqueles MDP. Isto não funciona com pessoas da base. Estou querendo redigi-la de novo, de outra forma, aceitando a contribuição do Frei Betto que diz que o povo acompanha melhor a informação apresentada sob a forma de história (BETTO e FREIRE, 1986).

Labour e poiesis nos diferentes modos de produção

Estava faltando explicitar esta distinção do "trabalho que nos humaniza ("poiesis") ou que nos desumaniza ("labour")". Por isso, não nos entendemos quando eu digo que os seres vegetais e animais também trabalham¹². Claro que o trabalho deles não é "poiesis", é labor, trabalho duro, para manutenção e reprodução da vida. "Poiesis" é trabalho exclusivo dos seres humanos, penso que o Marx falava de "poiesis" mas não fazia esta distinção.

11 De fato, quando discutíamos o programa da "Escolinha" em 2003, a partir da demanda levantada pelos grupos, tivemos como referência os cursos sobre "Como Funciona a Sociedade". Mas não queríamos centrar a discussão apenas no sistema econômico como um todo, queríamos que a ação concreta das pessoas fosse valorizada, a produção de cultura que se faz pelas mãos de homens e mulheres; ou seja, os povos não são apenas determinados, mas criam resistências que pressionam as classes dominantes a buscarem alternativas e, nesta tensão, a história vai se construindo. Não apenas como luta de classes, mas também com os sonhos, as motivações que empurram o ser humano para frente. Não há portanto incompatibilidade, pelo contrário, o trabalho é determinado pelo modo de produção dominante num determinado período histórico, seja como exploração, seja como resistência. E como afirma a própria assessora desta etapa nas páginas a seguir: *sempre por iniciativa dos seres humanos que não se conformaram com a situação e não acreditaram que "sempre foi assim"*.

12 Esta fala se refere a um debate permanente entre as assessoras da primeira e segunda etapas a respeito do significado do trabalho. Para a primeira (responsável pela organização deste livro), trabalho (explorado ou não) é sempre humano; o que plantas e animais fazem seria atividade vital, porém instintiva, não planejada e, neste sentido, não poderia ser chamada de trabalho. O debate, entretanto, continua em aberto e, para quem tiver interesse nele, uma boa leitura é o livro "O que é trabalho", da Coleção Primeiros Passos.

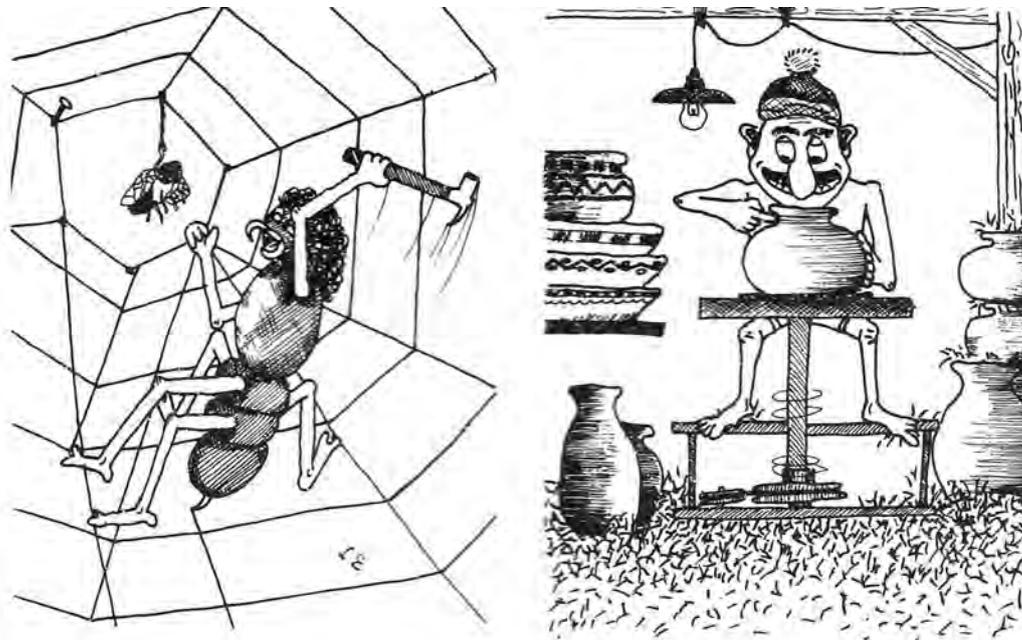


Ilustração de Clemente Borges. Livro "A incrível história dos homens e suas relações sociais"

Para boa parte do nosso público trabalho é "labour", trabalho duro que não proporciona nenhum prazer. Por isso é importante resgatar o trabalho desde o principio, quando não se diferenciava do trabalho animal e o bicho-homem aprendia por imitação do bicho-bicho. Em algum momento daquela longa jornada o bicho-homem, pelo trabalho, foi se fazendo humano. E criando outras formas de expressão, desenho, pintura, música, fala, linguagem. É importante para o nosso público preferencial perceber que na maior parte da história humana, o trabalho foi algo agradável e, principalmente, não era explorado por outro. Infelizmente, falta tempo para explorar a visão de trabalho dos povos indígenas.



Ilustração de Clemente Borges. Livro "A incrível história dos homens e suas relações sociais"

Também considero importantíssimo, conhecer um pouco do MDP Asiático ou Tributário. A ignorância dos marxistas ortodoxos não deve nos levar a desconhecer este MDP. Seu estudo nos faz perceber pela primeira vez na história a divisão de classes, e isto acontece antes do surgimento da propriedade privada da terra, o único meio de produção naquele momento. Conhecendo as sociedades que se organizaram segundo este MDP, os participantes podem refletir sobre o que leva um grupo a explorar o trabalho de outro, e como os camponeses mesmo explorados, continuavam a produzir de modo comunitário, sem opressão entre eles.

Passar rapidamente, por premência do tempo disponível, pelas sociedades organizadas segundo os demais MDP, ajuda a perceber que a exploração do trabalho pode ser maior ou pior, pode chegar ao extremo do trabalho escravo e pode sair dele para formas de exploração diferentes, sempre por iniciativa dos seres humanos que não se conformaram com a situação e não acreditaram que "sempre foi assim".

Por fim, perceber que a história muda, que os homens e as mulheres fazem a história, que nenhum ET vem mudar o mundo pra nós, e que o mundo não foi sempre capitalista, ajuda o grupo a acreditar que com a Economia Solidária nós podemos fazer história e mudar o mundo para melhor. Depende de nós!

A escolinha me ensinou que o gênero Homo é muito mais antigo do que eu supunha. Fez-me aprender mais sobre o surgimento do universo e seu desenvolvimento ou sua evolução. Obrigou-me a refletir sobre a minha prática e me empenhar por melhorá-la. Exigiu-me criatividade para criar aquele discurso sobre "os alicerces" das edificações, da história e do estudo¹³. E penso que isto ajudou, não só a minha avaliação a melhorar, mas as pessoas a ficarem mais predispostas a aprender coisas aparentemente chatas.

Continuo achando que a escolinha é um instrumento válido para fazer o mundo melhor, construindo uma sociedade mais solidária e com menos exploração. Quero mudar o conteúdo da cartilha da 2ª etapa. Quero, cada vez mais, trabalhar com grupos como os de Araucária¹⁴. Vai demorar para eles e elas se engajarem nos movimentos de transformação social, mas permite-lhes vislumbrar uma luz que não vão mais esquecer. E é isto que levará à mudança.

O texto acima, elaborado por Luzia do Rocio Ramos, explicita claramente o "espírito" da Escola de Formação Básica Multiplicadora da Economia Popular Solidária, cuja proposta não pode ser cristalizada, mas constantemente revista para melhor contribuir com a reflexão e a prática de quem com ela se envolve. Ainda que os eixos temáticos permaneçam os mesmos, a cada etapa,

13 Referência à simbologia da construção de uma casa para explicar a lógica teórico-metodológica da "Escolinha", já apresentada na primeira parte deste livro.

14 Referência à 34ª Turma que foi realizada em parceria com a Prefeitura de Araucária - Secretaria de Assistência Social, onde participaram técnicos, educadores e integrantes das atividades oferecidas pelos CRAS. Foi uma turma bastante dinâmica, na maioria envolvidos com experiências de geração de trabalho e renda, exercitando uma forma de superar o assistencialismo mas, ao mesmo tempo, percebendo a precarização do trabalho realizado, porque ainda integrado à lógica capitalista de exploração, terceirização, etc.



34ª Turma - Araucária - Grupo Estudo (2010)

cada assessor renova sua abordagem como resultado da prática com a turma anterior ou pelas características da turma atual, ou por necessidade sentida pela própria assessoria.

Ainda que a segunda etapa percorra a história humana antes do modo de produção capitalista se tornar dominante, a assessoria não se furta de incorporar “temas-dobradiça” atuais, num movimento constante entre passado, presente e futuro, incorporando as experiências relatadas pelos participantes e ajudando-os a estabelecer as necessárias relações, para que se percebam também como sujeitos desta história.

Depois da acolhida, apresentação, mística, resgate do conteúdo da etapa anterior, a 2ª etapa tem um “para início de conversa” baseado na fala de Paulo Freire:

Não há transição que não implique um ponto de partida, um processo e um ponto de chegada. Todo amanhã se cria num ontem, através de um hoje. De modo que o nosso futuro baseia-se no passado e se corporifica no presente. Temos de saber o que fomos e o que somos para saber o que seremos. (FREIRE, *apud* KNAPIK, 2004, p. 6)



34ª Turma - Araucária (2010)

E segue com Ferreira Gullar:

A história humana não se desenrola apenas nos campos de batalhas e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais, entre plantas e galinhas, nas ruas de subúrbios, nas casas de jogos, nos prostíbulos, nos colégios, nas usinas, nos namoros de esquinas. Disso eu quis fazer a minha poesia. Dessa matéria humilde e humilhada, dessa vida obscura e injustiçada, porque o canto não pode ser uma traição à vida, e só é justo cantar se o nosso canto arrasta consigo as pessoas e as coisas que não tem voz. (GULLAR, 1999)

Atenta a isso, Luzia do Rocio cita no texto que escreveu como contribuição a este livro, a essência de um debate entre Sérgio Besserman (ex-IBGE) e Rafael Abramovay (FGV)¹⁵, elaborando sua própria reflexão:

Os debatedores diziam que o crescimento econômico não produz equidade, que as ações compensatórias ajudam até certo ponto, mas também não conduzem à igualdade. Um dos dois afirmou que até os anos 80 a diferença salarial entre o trabalhador do chão da fábrica e o presidente da companhia era de 40 vezes, hoje, depois de 20 anos de neoliberalismo, essa diferença é de 1.000 vezes. Segundo eles, para aproximar-se da equidade entre a população é preciso investir em conhecimento, em informática e meio ambiente. Além disto, é preciso reintroduzir a ética na economia, aceitar a existência de limites para o Mercado, o Estado, as empresas, etc.

Eles não chegaram a afirmar, mas eu fiquei pensando: é provável que o velho Marx estivesse certo. Esta sucessão de crises que, desde os anos setenta, afeta a economia capitalista, num processo cada vez mais acelerado, e que o neoliberalismo não conseguiu equacionar, pode estar levando ao último suspiro do MDP Capitalista.

Desafios para a construção de uma outra economia

Este é o momento por excelência de apresentar novas possibilidades, novos conceitos para a organização das sociedades. A Economia Solidária precisa ser apresentada a cada vez mais gente como uma proposta viável de construir "um outro mundo, possível se a gente quiser".

Porém, para que isto se viabilize é preciso investir na formação dos agentes multiplicadores da Economia Popular Solidária. A "escolinha" faz uma boa motivação inicial, mas é necessário ir além. Conhecimento em informática o povo vem adquirindo por seus próprios meios. É uma novidade, todos intuem que é

importante e buscam apropriar-se dela. O Estado, em seus três níveis, o sistema S, algumas empresas, etc. proporcionam oportunidades de formação nesta área. Sobre a preservação e o uso responsável do meio ambiente há muito menos disponibilidade. E acesso ao conhecimento universal, então, nem se fala.

Aí está uma ação com que nós podemos contribuir na construção da sociedade nova, com mais igualdade, menos exploração, mais solidária e menos injusta. É necessário continuar o processo de formação dos agentes que passam pela “escolinha”, aprofundar a História do Brasil que não foi contada¹⁶. Quem não conhece sua história está condenado a repeti-la como farsa. Estou pensando num resgate histórico que parta dos povos que primeiro ocuparam este território, e prossiga com a forma de vida e a cultura das várias nações indígenas para chegar às lutas do povo brasileiro e ao conhecimento dos pensadores que tentaram explicar o Brasil.

Isto tudo trabalhado no sentido de entender nosso país, superar os preconceitos, entender a questão do respeito ao meio ambiente, perceber as muitas vitórias já alcançadas pelo povo “de baixo” e entusiasmar os lutadores para construir a Economia Solidária sem os defeitos dos MDP pelos quais a humanidade já passou. Sem esquecer que é preciso continuar o processo de desconstrução de ideias equivocadas que grudaram na cabeça das pessoas mais do que chicletes gruda nas solas dos sapatos.

Luzia ainda se refere a outros debates que tem assistido na TV entre jornalistas, empresários, economistas que, efetivamente, não são de esquerda, mas que atestam “o fim do sistema neoliberal” e/ou defendem “a intervenção do Estado para regular os mercados e os negócios”. Por conta disso, ela conclui:

Se a burguesia está afirmando que o capitalismo está nos estertores é porque, de fato, a famosa “mudança de época” está sinalizando o fim do MDP Capitalista. Se a Economia Popular Solidária estiver preparada para ocupar o palco, veremos uma pequena vitória da revolução pacífica que estamos empreendendo. Claro que precisamos das Classes Médias. Como incorporá-las ao processo?

Uma característica fundamental da “Escolinha” é a preocupação constante em contribuir o máximo possível, com a reflexão e diálogo sobre as ferramentas teórico-metodológicas que nos capacitem a uma mudança concreta na sociedade. E esta segunda etapa, em especial, afirma e reafirma a noção de que o modo de produção atual, baseado na exploração do homem pelo homem, não é eterno, assim como não foram os que o precederam. E a mudança depende de quem?

16 Estávamos buscando responder a esta preocupação, ofertando aos participantes da “Escolinha”, em parceria com o Centro de Formação Milton Santos - Lorenzo Milani, o curso “A história que não foi contada”; ainda que possa ser insuficiente na perspectiva levantada pela assessora. Hoje, a parceria se encaminha para um trabalho de formação diferenciado, mas que pode também incluir os (as) aqueles (as) participantes.

DEPENDE DE NÓS

Ivan Lins

Depende de nós
Quem já foi ou ainda é criança
Que acredita ou tem esperança
Quem faz tudo pra um mundo melhor

Depende de nós
Que o circo esteja armado
Que o palhaço esteja engraçado
Que o riso esteja no ar
Sem que a gente precise sonhar

Que os ventos cantem nos galhos
Que as folhas bebam orvalhos
Que o sol descortine mais as manhãs

Depende de nós
Se esse mundo ainda tem jeito
Apesar do que o homem tem feito
Se a vida sobreviverá

Que os ventos cantem nos galhos
Que as folhas bebam orvalhos
Que o sol descortine mais as manhãs

Depende de nós
Se esse mundo ainda tem jeito
Apesar do que o homem tem feito
Se a vida sobreviverá

Depende de nós
Quem já foi ou ainda é criança
Que acredita ou tem esperança
Quem faz tudo pra um mundo melhor

Além da linha do tempo construída didaticamente no quadro de giz, a assessora desta segunda etapa utiliza-se de vários slides com ilustrações dos diferentes momentos da história humana, desde o início da vida no planeta, além

de filmes¹⁷ que ilustram o processo de “hominização”. Também se utiliza de músicas, cujas letras são projetadas, os participantes podem cantar juntos e, em seguida, refletir sobre as relações que podem ser estabelecidas entre as letras das músicas e o tema da etapa.

Também fundamental, como parte da metodologia, é a preparação prévia da sala do curso, onde são colocados no meio do círculo de cadeiras, diversos “símbolos” (objetos) de trabalho a partir dos quais a assessora inicia a problematização, pedindo para que os participantes identifiquem os símbolos e discutam sobre: o que é e o que não é ferramenta de trabalho; o que é do capitalismo e o que não é; e propõe que os participantes “montem a história para trás”, organizando os objetos do mais moderno ao mais antigo. Isto facilita muito a compreensão das mudanças ocorridas nos diferentes períodos da história humana e nos diferentes modos de produção que antecederam o capitalismo, estabelecendo já, desde o início do encontro, a dialogicidade proposta por Paulo Freire, já abordada anteriormente.



17 Documentário: Homem pré-histórico: vivendo entre as feras. Discovery Channel, 2002. Filme: A Guerra do Fogo. (La Guerre du feu, 81, FRA/CAN) Direção de Jean-Jacques Annaud.

Outra singularidade desta etapa, em algumas turmas, é o exercício de adaptação à realidade atual, do poema de Bertolt Brecht "Perguntas de um trabalhador que lê", a exemplo dos textos a seguir elaborados pelas 22ª e 23ª Turmas, em setembro de 2009:

*Quem mantém os faxinais?
Na mídia estão os secretários de governo.
Pegaram eles na enxada e na pá?
E a câmara dos deputados, tantas CPI's.
Quem movimenta o povo em protesto?
Em quais ônibus (lotados) vão eles à Brasília?
E para onde foi a produção com a greve dos caminhoneiros?
As grandes metrópoles estão pontilhadas de monumentos.
Quem levou o cimento, a pedra e a areia?
A agitada São Paulo, só tem arranha céus para seus habitantes?
Sobre quem guerreia Bush e Cia?
Mesmo no saudoso World Trade Center, aqueles que saltaram, e os
que assistiam davam gritos desesperados, no dia em que as torres
caíram.
O companheiro Luís Inácio, conquistou lideranças no mundo todo, sozinho?
Requião banuiu os transgênicos.
Não teve sequer apoio popular?*

*A cada luta um novo desafio!
Quem mobiliza a galera?
Cada dois anos, eleição, fraude, eleição.
Quem tem paciência?
Tantas Utopias.
Quantos desafios.*



22ª Turma - 2ª Etapa (Setembro de 2009)

*Quem construiu Curitiba?
Nos livros estão os imigrantes.
E a linha verde quem a construiu?
A fama vai pro Richa, e o trabalhador como fica? Só com as rixas!
Os imigrantes japoneses, italianos, alemães construíram o Paraná sozinhos?
Quem mais trabalhou? Tem colaboração africana?
Quem paga pedágio? Quem paga impostos?
Quem paga é pagão - o povo, o trabalhador, o consumidor, o contribuinte.
E o que é ter democracia?
O que é construído para o povo, pelo povo, é usufruído por aqueles cujos
nomes ficam na história.*

*Quem construiu Brasília? Cidade patrimônio da humanidade.
E a rodovia Transamazônica, tantas vezes retomada pela floresta,
quem a reconstrói a cada vez?
Em que casas da cidade maravilhosa moram seus construtores?
Para onde foram os trabalhadores?
Cada pagina uma vitória.
Quem cozinha o banquete?
A cada quatro anos novos governantes.
Quem paga a conta?
Tantas histórias, tantas questões.*



26ª Turma Cecopam Trabalho Humano (2010)

Quem são os trabalhadores que fizeram as grandes obras se perpetuarem?
De onde surgiram aqueles que criaram os heróis e mitos?
Quais realmente choravam por aqueles que não retornaram a batalha?
Afim quem são estes? Quando surgiram? Ainda existem?
Enfim, tudo foi possível graças ao seu esforço, "o povo".
E nós somos parte integrante de que?
Se somos povo devemos nos valorizar, não somente a obra ou o muito que foi
criado com nosso trabalho.

Quem construiu o Museu do Olho?
Nos livros consta o arquiteto Oscar Niemeyer.
Construiu ele alicerces e levantou paredes?
E as nossas ruas e calçadas tantas vezes esburacadas, quem tampa os
buracos?
Foram e são os trabalhadores, com suor, força e cansaço.
E seus nomes também constam lá?

Quando começou a história do Brasil?
Quem o descobriu?
Nos livros está o nome de Pedro Álvares Cabral
Mas será que não havia ninguém aqui?
Perguntem aos tupinikim as barbaridades que fizeram na terra deles.
Quem disse que esta terra se chama Brasil?
Esta terra chama-se Pindorama.
E os índios?
Quem os denominou assim?
Na língua nativa chamavam-se de Borum (Ser humano)
Foram os europeus a fim de domesticá-los.
O que nós devemos a eles?
Sua terra, seus saberes, instrumentos, sua cultura.
E o que deram em troca?
A violência, a dominação, a desvalorização dos costumes através da
imposição da sua ideologia.
Cada página uma vitória
Quem resistiu? E ainda resiste?
Dos mais de 6 milhões de Indígenas, hoje resistem 230 mil.
Tantas vitórias.
Tantas questões.

Na parte da tarde, quando a turma é dividida em equipes para leitura e discussão do Caderno Temático da etapa para em seguida socializar o estudo em plenário e abrir o debate, muitos optam por fazer apresentações criativas, na forma de teatro, poesia, música. Segue-se um exemplo disso, realizado na 36ª turma (1º semestre de 2012):

*Lá na Grécia quem pensava mandava,
quem trabalhava obedecia,
e isso chamavam de democracia.
Patrícios e plebeus viviam em Roma
juntaram tantas riquezas que
atraíram os bárbaros e foram levados à lona.
Nos castelos os senhores viviam em seus feudos,
cercados de comida boa e o povo passando fome
sem ter para comer uma só broa.
Na baixa Idade Média havia o medo da Inquisição
e as cruzadas dizimando muita população.
Depois de tanta exploração
surge o desejo de fugir da opressão.
As bases da economia solidária indicam um novo dia,
trazendo esperança de mudar esta realidade doentia.*



Dando continuidade ao diálogo estabelecido nesta segunda etapa do curso, passamos a citar alguns depoimentos e/ou avaliações dos participantes:

Agora começo a compreender o porquê da escola de Formação Básica Multiplicadora. Pois tinha dúvidas. Este encontro me desperta para uma outra realidade, a verdadeira realidade, pois vivemos em um mundo tão capitalista, que estamos todos alienados às condições impostas. "Lembrar é reviver", hoje volto para casa com um despertar de consciência um pouquinho melhor, uma consciência que pede por atitude. (7ª Turma, Abril de 2006)

A discussão sobre a história do trabalho foi de extrema importância, pois dificilmente iremos encontrar essas explicações nos bancos escolares e nas mídias. O primeiro momento em que estavam espalhados os objetos foi crucial para despertar o interesse pelo assunto. E a cada vez que há essa mística, o contato físico, faz-me refletir sobre a diferença que encontramos nos nossos relacionamentos fora desta "escola". Não há um calor humano, uma solidariedade, enfim, algo que devemos construir e difundir através das práticas que estamos tendo neste lugar. Acho que no final do curso poderíamos conhecer grupos que praticam a economia solidária, pois ainda tenho pouca visão e experiência nessa forma econômica. (7ª Turma, Abril de 2006)

FORMIDÁVEL! A Luzia tem uma particularidade especial. Em algum momento houve em sua vida uma ruptura, dando-lhe uma nova visão e direção. Agradeço a oportunidade de ter ouvido essa grande mulher. A temática foi desafiante, ainda não fiz minha ruptura, mas com certeza a Luzia construiu em mim mais um degrau para esse novo ressurgimento. (17ª Turma, setembro de 2008)

Bom chegar e sermos recepcionados com afetos expressos na forma de abraço, café quentinho, pão caseiro, olhares acolhedores e conversas que aquecem e alimentam o coração. É no encontro que a ação se dá. É na troca, na superação de pré-conceitos, na disposição do auto-conhecimento e da ação que a mudança se mostra possível. Isso vivenciamos hoje, percebendo-nos como seres que influenciam e são influenciados, como cidadãos, de construção. Redescobrimos nossa possibilidade de interação e construção de alternativas para o que está posto através do trabalho, percebendo este como algo que faz parte da vida e a significa desde que prazeroso e repleto de intenção/significado. (17ª Turma, setembro de 2008)

Apesar do assunto/tema ser bastante polêmico (ou ter se tornado no dia de hoje), gostei bastante, pois fez com que tivesse uma noção mais ampliada da relação do trabalho com o ser humano. Gostei da exposição da Luzia, demonstrou grande conhecimento do assunto. E com isso (com as intervenções dela) pude fazer algumas reflexões acerca do meu papel frente ao capitalismo. (21ª Turma, março de 2009)

Momentos como esse eu resumiria em uma palavra: reflexão. Eu gosto muito de participar de eventos elaborados pelo CEFURIA porque

me levam a refletir. Meus olhos são abertos a cada encontro, de acordo com o assunto tratado. Querendo ou não, nós vivemos numa sociedade alienada, andamos como se tivéssemos uma “viseira” nos impedindo de olhar para os lados, limitando nossa visão. Esses cursos vão literalmente arrancando essas viseiras, fazendo as escamas caírem. (27ª Turma, setembro de 2010).

Tenho um sonho desde menino de viver num mundo ideal; e até há pouco tempo sentia-me impotente; porém com este curso, vendo quantas pessoas têm consciência crítica dos erros impostos aos seres deste planeta, fiquei feliz em vislumbrar um sonho que pode se realizar no futuro. (32ª Turma, setembro de 2011).

O dia foi ótimo, pude entender melhor os fatos que a escola esconde. Gostei do método de trabalho da assessora, resumir 7 milhões de anos em 7 horas. O que poderia melhorar era o intervalinho, para melhor nos concentrarmos depois. (36ª turma, 2012, em processo).

Terceira Etapa¹⁸



33ª Turma (2011)

O Trabalho no Capitalismo: alienação e desumanização

A etapa sobre o trabalho no capitalismo é bastante participativa pois os integrantes das turmas tem muitos exemplos a dar sobre a exploração do trabalho assalariado. É o que, de fato, todos conhecem por experiência própria.

Ela é iniciada com a “mística do elefante”, uma dinâmica que consiste na distribuição, para os participantes, de peças de um quebra-cabeça e a tentativa de identificação do que ela é. Exercício difícil porque consiste apenas num fragmento, uma parte do todo que cada participante e a turma desconhece.



33ª Turma (2011)

18 Assessoria de André Langer desde 2005. As turmas de 2004 foram assessoradas por Ana Inês Souza, Lourdes Marchi e Maria Izabel Machado, organizadoras do Caderno Temático desta etapa.

A partir dessa dinâmica o assessor inicia a problematização sobre a fragmentação do trabalho e a alienação do trabalhador que, produzindo apenas uma parte do produto não consegue se reconhecer no produto acabado. Ou seja, depois de colocado em circulação no mercado, o fruto do trabalho humano - explorado, fragmentado, alienado - passa a ser mercadoria que, como tal, parece ter vida própria. Daí o seu "fetiche" (MARX, 1991).

Seja feita com máquinas mecânicas ou informatizadas, a fragmentação do processo de produção não muda. Ao contrário, neste último caso, com a chamada "produção flexível" a dispersão pode se dar por todo o globo terrestre; até chegar numa "montadora" ou "maquiladora" onde trabalhadores (as) "montarão as peças do quebra cabeça", que pode ser um carro, uma televisão, um tênis, um computador, enfim - uma mercadoria - que entrará em circulação e poderá, inclusive, voltar para o país onde algumas de suas peças foram feitas ou não.

Mais grave ainda, é o fato de o processo de trabalho dominante em nível de produção material, acabar se estendendo como modelo para todas as dimensões da vida humana. É como nos diz, de forma poética, Eduardo Galeano.

Estavam três cegos diante de um elefante. Um deles apalpou o rabo, e disse: - É uma corda. Outro cego acariciou uma pata do elefante e opinou: - É uma coluna. E o terceiro cego apoiou a mão no corpo do elefante e adivinhou: - É uma parede. Assim estamos: cegos de nós mesmos, cegos do mundo. Desde que nascemos, nos entregam para ver não mais do que pedacinhos. A cultura da fragmentação nos proíbe de armar o quebra-cabeças. (Eduardo Galeano, Ser como ellos y otros artículos. Siglo Veintiuno Editores, México, 1992)

Como continuidade da anterior, esta etapa começa na transição do modo de produção feudal para o modo de produção capitalista. Ou seja, um novo MDP começa a se gestar dentro do que o precede e este, resiste à sua dissolução, fazendo com que marcas do passado permaneçam presentes ainda por muito tempo.

O que é o trabalho "livre"?

Do ponto de vista histórico temos que reconhecer que o capitalismo avançou se comparado aos MDP que o precederam. Entretanto, o fim da escravidão e da servidão não garantiu ao homem, os meios para a produção de sua existência.

O que passou a se chamar "trabalho livre" - sua força, sua energia, sua inteligência - teve que enfrentar num mercado supostamente democrático, o poderio dos proprietários das terras e das fábricas, que prescreveriam o quê, como, para quê e para quem o homem faria seu trabalho. Obedecendo a prescrições, o homem foi sendo gradativamente expropriado dos seus saberes; foi tendo sua criatividade tolhida; foi tornando-se apêndice das máquinas que, ao invés de

constituírem extensão de seus braços para garantir-lhe uma vida menos sofrida, acabaram por subjugar-lo.

No início do capitalismo, durante o processo da chamada "revolução industrial", o trabalho infantil era extensamente usado e as condições de trabalho nas primeiras fábricas eram desumanas¹⁹. Assim os capitalistas foram acumulando capital e tornando cada vez mais "sagradas" suas propriedades privadas.

CONDIÇÕES DE TRABALHO NO RELATÓRIO DOS COMISSÁRIOS DO TRABALHO INFANTIL

O presente inquérito reuniu, também, uma grande quantidade de provas sobre os diversos aspectos das condições das fábricas, que exercem importante influência na saúde dos trabalhadores, adultos e crianças. Nas fábricas antigas e pequenas o relato uniforme é: suja; mal ventilada; mal drenada; sem banheiros ou vestiários; sem exaustores para a poeira; maquinaria solta; passagens muito estreitas; alguns tetos são tão baixos que se torna difícil ficar em pé no centro da sala. Disto resulta: - Que as crianças empregadas em todos os ramos de manufatura do Reino trabalham o mesmo número de horas que os adultos; - Que os efeitos de trabalho tão prolongado são: a deterioração permanente da constituição física; a aquisição de doenças incuráveis; a exclusão (por excesso de fadiga) dos meios de obtenção da educação adequada; - Que, na idade em que as crianças sofrem prejuízos com o trabalho, elas ainda não são emancipadas sendo alugadas e seus salários recebidos pelos seus pais ou responsáveis.

(Report of Commissioners on the employment of children in factories (1832), in Parliamentary Papers, 1833, XX).

Ao subjugar completamente a humanidade a esta forma prescrita de trabalho assalariado, chamada emprego, o sistema econômico que a criou desenvolveu a tal ponto suas forças produtivas que foi capaz de substituir em grande parte o trabalho vivo - a energia do homem - pelo trabalho morto, as máquinas, cujo desenvolvimento deveu-se à apropriação privada da ciência, isto é, dos conhecimentos humanos, historicamente construídos, reduzidos a uma "tecnociência" (BRAVERMAN, 1977; SANTOS, 2000).

Expropriados de seus saberes, dos meios de produção de sua existência e até do trabalho alienado, os homens tornaram-se novamente presas da escravidão,

19 Vale a pena ver o filme "Daens: um grito de justiça". Tempo de Duração: 138 min. Ano de Lançamento: 1993. Direção: Stijn Coninx. Bélgica, França e Holanda.

servidão, superexploração, precarização e todas as formas de desumanização. Transformando-se muitos deles novamente em coletores, não mais de frutas silvestres, mas de lixo produzido nas cidades.

O controle sobre os processos de trabalho, que na Economia Solidária é chamado de “autogestão”, rearticula nos trabalhadores, aquilo que a gerência científica²⁰ separou: a teoria e a prática; a concepção e a gestão. Não atentar para isto, segundo Braverman, foi um dos erros da experiência soviética, que embora tendo feito uma revolução social, os trabalhadores não foram emancipados da alienação do trabalho. E essa semelhança de processos de trabalho nas indústrias capitalista e soviética “estimula fortemente a conclusão de que não há outro modo pelo qual a indústria moderna possa ser organizada” (BRAVERMAN, 1977, p. 25), o que não é verdade.



Catadores, Projeto Mutirão, 2007

Catadores Almirante Tamandaré (2008) (foto acima)

20 A gerência científica estuda as melhores formas de organização do trabalho para alcançar maior produtividade e, conseqüentemente, maiores lucros. Uma dessas formas, na história do capitalismo foi a parcelização, ou seja, a divisão dos processos de trabalho em pequenas tarefas, permitindo assim a introdução das máquinas. De artifice, o trabalhador passou a ser operador de máquina ou de ferramentas, passando horas em movimentos repetitivos. O filme “Tempos Modernos”, de Charles Chaplin, usado nesta terceira etapa, mostra brilhantemente este processo de desumanização. Para entender melhor, ler o livro “O que é taylorismo”, da Coleção Primeiros Passos.

Olhar a realidade a partir do vale ou da montanha?

Retomando o ponto de vista metodológico, André Langer, assessor desta terceira etapa, diz que *sua abordagem, assim como a da etapa anterior, apresenta ao mesmo tempo uma dificuldade e uma vantagem. A dificuldade reside em tomar um período da história relativamente longo (século XVI-XVII até hoje) e sobre o qual existe muito mais informação e análise. A vantagem de uma visão panorâmica consiste em inserir este período da história no leito maior de toda a história da humanidade, ou da vida como um todo, caso se queira. Este modo de analisar favorece uma leitura histórica do capitalismo, o que sempre é uma das descobertas que os e as participantes fazem e destacam.*

Costuma-se, a título de introdução, levar os participantes a se imaginarem ora num vale, ora sobre uma montanha. Do vale vê-se não muito longe, mas com maior nitidez as coisas mais próximas. Ao mesmo tempo, para quem nunca saiu do vale, tem a sensação de que o mundo acaba logo ali na primeira cadeia de montanhas. Entretanto, ao subir até aí, consegue ver mais longe, mas com menos detalhes. Dá-se conta de que o mundo é maior. Aplicado ao tema, há mais mundo que o capitalismo. Ou seja, antes do capitalismo havia outras formas (múltiplas) de organização da produção e do trabalho que não as da economia de mercado. Ajuda a historicizar o capitalismo e a não vê-lo como um sistema natural, como muitas vezes se propaga.

A visão panorâmica é uma novidade especialmente para os/as participantes que já são estudantes universitários. Ajuda-lhes muito essa compreensão de conjunto. Tem-se sempre presente uma leitura mais histórica do que conceitual, embora os principais conceitos sejam analisados. Nessa leitura panorâmica, recorre-se ao conceito de "grande transformação", tomado de Karl Polanyi. O período que engloba os séculos XVI, XVII e XVIII coloca em ação uma transformação estrutural (não meramente conjuntural) da sociedade, que representa fundamentalmente uma "mutação" nas relações: com a natureza, com os outros, de cada pessoa consigo mesma e com o transcendente, caso se queira. Essa transformação de enormes proporções implica num novo lugar do ser humano no mundo e numa nova concepção de ciência. É a isso que Marx se refere no Manifesto do Partido Comunista ao atribuir a uma determinada classe social, a burguesia, a capacidade do "contínuo revolucionamento (Umwältzung)".

Novas formas de organização da produção e do trabalho surgem, ancorados em novos valores, e que suplantam as sociedades tradicionais. As antigas bases sociais são suplantadas em vista das novas formas de organização social e produtiva. Isso é fundamental para se perceber o que está em jogo com o capitalismo. Trata-se de perceber que o capitalismo é mais do que uma nova maneira de organizar a produção e do trabalho (economia de mercado) e de que ele está impregnado de uma ideologia, de um "espírito", no dizer de Max Weber. Esse "espírito" penetra em todas as mentes e corações com seus desejos.

Subjacente está a ideia de que não basta mudar o modo de organizar a produção e o trabalho para se sair do capitalismo, embora este seja um fator fundamental da manutenção deste sistema.

É preciso que as nossas práticas e consciências sejam “descapitalizadas”. É, portanto, um trabalho de conscientização que se dá a partir da prática (nossa ou de outros), em que o momento da formação é apenas isso, um momento sumamente importante que ajuda nesse processo (coletivo e individual) de tomada de consciência e de necessidade de mudança de práticas (individuais e coletivas).



17ª Turma - 3ª etapa (2008)

Para o processo de conscientização, tem-se sempre presente a “teoria da complexidade”, na perspectiva desenvolvida por Edgar Morin. De acordo com a teoria da complexidade, as coisas não se dão (mais) de maneira linear, em cascata. Essa mentalidade estava muito presente entre os movimentos sociais nos anos 1980. Hoje, compreende-se que todos os lugares, todas as situações, grupos e organizações sociais mais variadas são pontos de partida para o processo de mudança e de transformação. Está ainda hoje muito difundida a ideia de que a mudança começa por nós, em cada um de nós. O que dá um protagonismo exagerado ao eu, um egocentrismo infundado.

Ao contrário, muitas das mudanças de atitudes começam e são propostas pelos outros; muitos dos germens de transformação são acalentados por grupos em relação aos quais muitas vezes não alimentamos simpatia, em decorrência de uma chave de leitura anterior que aprendemos a manejar. O novo é acalentado por uma minoria, já dizia Milton Santos. E é frágil. A ideologia da mídia dominante faz ter olhos e ouvidos apenas para o que é mais vistoso e barulhento. Exige reeducar os nossos sentidos para ver e valorizar experiências

e protagonistas novos, embora frágeis, mas que apontam para a superação do "espírito" do capitalismo.

Essa nova perspectiva requer olhar não apenas para nós, mas também para os outros, a fim de estarmos atentos aos sinais de mudança já presentes, mas para os quais nós estamos cegos, justamente pelos "óculos" (instrumentais teóricos) que usamos. Portanto, junto com a atenção ao conteúdo, é preciso focar nos instrumentos teóricos mais apropriados para perceber a mudança. O processo de formação implica isso.



24ª Turma - 3ª etapa (2010)

O que parece abstrato nesta descrição é conduzido de maneira a incorporar elementos práticos e exemplos. A intervenção dos e das participantes sempre enriquece a explanação e é vivamente incentivada. Ela contribui para trazer ao alcance dos participantes temas aparentemente abstratos e ao mesmo tempo abre linhas de análise e de discussão muito ricas. Os conceitos são trabalhados como que de maneira genética e não conceitual: vai-se da compreensão histórica em busca do conceito.

Em termos mais de conteúdo, estão presentes nesta terceira etapa os seguintes temas: surgimento da sociedade industrial e, concomitantemente, do operariado; invenção da forma particular de trabalho entendida como emprego; dualização da sociedade em duas classes sociais; progressiva produção da expropriação do conhecimento dos/das trabalhadores/as; taylorismo/fordismo; nova revolução tecnológica e crise do capitalismo; toyotismo e emergência da produção e do trabalho imaterial; resistências e organizações dos trabalhadores (sindicalismo).

A distinção entre trabalho e emprego é fundamental, pois já abre vias para a reflexão posterior sobre a economia solidária, o cooperativismo e outras formas autogestionárias de produção. Da mesma maneira, analisar as resistências e formas de organização coletiva ao longo da sociedade industrial leva a perceber que os trabalhadores e as trabalhadoras souberam aproveitar as brechas que o sistema oferecia para buscar saídas para uma vida melhor. Assim, hoje é preciso não repetir formas próprias daquela época, mas inventar novas, que correspondam às circunstâncias atuais do capitalismo financeiro e cognitivo, articulado não mais em nível de Estado, mas de mundo.

A este respeito, e a modo de conclusão-introdução, vale a consigna de André Gorz (2004): "É preciso aprender a discernir as possibilidades não cumpridas que dormitam nas dobras do presente. É preciso querer apropriar-se daquilo que se transforma. É preciso ousar romper com esta sociedade moribunda que não mais renascerá. É preciso ousar o Êxodo".



34ª Turma - 3ª etapa (2011)

A seguir apresentamos algumas avaliações e depoimentos das turmas, referentes a esta terceira etapa:

A cada dia da escolinha a fome e sede de conhecimento, nos motivam em busca de novos espaços, que nos permitam continuar a luta para conquista do poder popular. (3ª Turma, maio de 2005)

A dinâmica de hoje foi interessante. Nunca vi desse ângulo as coisas que ocorrem, que acontecem no nosso meio social. Muitas vezes nos preocupamos com aquilo que vemos e na verdade, é só uma parte de um todo bem pior. A questão social da distribuição de renda, do trabalho, merece uma análise bem pensada de nossa parte. Temos que de algum modo, fazer nossa parte do melhor modo possível, em ação, ideias, trabalho. Acordamos para a realidade. (4ª Turma, maio de 2005)

Temos que entender plenamente o que é o Capitalismo para podermos talvez criar algo que nunca foi visto, que não possui rótulos. Baseando-se no capitalismo podemos ver todos os erros da burguesia e construirmos uma sociedade mais justa. (5ª turma, outubro de 2005) A reflexão desta etapa possibilitou o fortalecimento da ideia de necessidade da classe trabalhadora unir esforços na busca de "frear" as imposições do capitalismo selvagem que cria e recria mecanismos de dominação e exploração do homem sobre o homem, esvaziando as relações humanas. (7ª Turma, maio de 2006)

O encontro de hoje foi muito interessante, produtivo. Me fez relembrar algumas questões, situações vividas por mim mesma em meu trabalho. Fiz um paralelo com as questões teóricas dos autores estudados (Taylor, Ford) e com as situações de hoje. Enfim, foi muito válido, e faz aumentar o interesse por essas discussões e participar mais e mais. Muito obrigada, essas ideias realmente estão me ALIMENTANDO, para lutar mais e mais por um mundo melhor! (9ª Turma, outubro de 2006)

O assunto é difícil, pois não se trata de falarmos da história, mas do que vivemos, de como o capitalismo nos domina e nos consome, inclusive nossa energia vital. Como foi dito, respiramos trabalho e isso é muito estressante. A grosso modo, achamos que trata-se de um traço de nossa personalidade; no entanto, é como se coloca a forma do capitalismo, que não é algo externo, já está impregnado em nossa pele, nosso corpo. E se libertar disso é difícil, a mídia nos transforma em mero espectadores e não autores de nossa história. Espero viver para ver uma transformação que será lenta e difícil. (10ª turma, outubro de 2006)

Com o capitalismo surge uma grande transformação: muda a relação entre as pessoas, com a natureza; o consumismo impera. A saída? É a transformação pela Economia Solidária, com valorização do trabalho. (12ª Turma, abril de 2007)

O conteúdo veio enriquecer as discussões do cotidiano, mas também me trouxe à responsabilidade dessas discussões. Me fez perceber o quanto vamos nos deixando sugar pelas estruturas e ideias aí estabelecidas. (15ª Turma, maio de 2008)

O André explanou o assunto de forma clara e objetiva, o que fez compreender o conceito e noções básicas do que é o capitalismo e como foi se implementando na sociedade. Nos fez refletir sobre o que estamos

fazendo com a natureza e dessa forma nos autodestruindo e às futuras gerações. (17ª Turma, outubro de 2008)

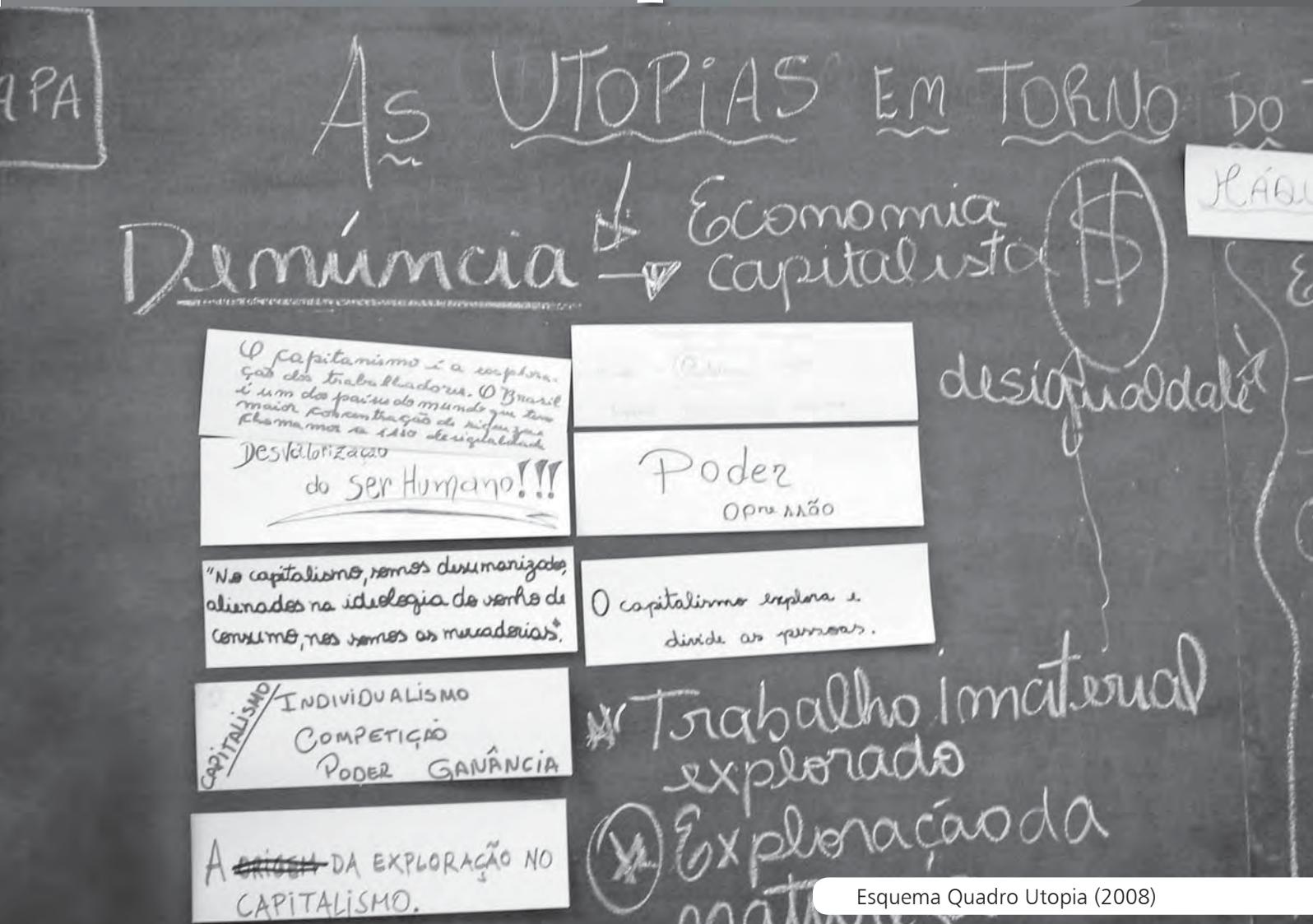
Considero o tema de hoje de muita importância, dentro do atual quadro em que vivemos onde o ter tem mais valor que o ser. O individualismo e o fetiche da mercadoria tomam conta de tudo. Como sempre, quem sai em desvantagem é o trabalhador que continua sendo explorado e servindo de massa de manobra. O André, o palestrante do dia, explica de forma clara este processo. (17ª Turma, outubro de 2008)

O caminho que leva à emancipação dos trabalhadores é longo e deve ser construído dia a dia. Atividades como essa são imprescindíveis, não devem se resumir a um sábado, cada um deve continuar a luta no seu cotidiano. Nosso objetivo deve ser a unidade na luta pela derubada e contestação do capitalismo e pelo socialismo. (21ª Turma, maio de 2009)

Em verdade, na medida em que acontecem os encontros, vamos tendo uma maior compreensão sobre o porquê falamos de uma Economia Solidária, já que com esta palestra sobre o Trabalho no Capitalismo se percebe porque nossa sociedade encontra-se numa situação de exploração do trabalho, apatia política, insegurança pública, má educação. E neste sentido, temos que gerar mudanças, a partir de outro modelo, a "Economia Solidária" (21ª Turma, maio de 2009)

Muito boa a explanação do André, trouxe além do contexto histórico, uma expansão do conhecimento e um desvelar do "novo espírito do capitalismo", caracterizado pelo movimento tecnológico que permite [contraditoriamente] o enfraquecimento do capitalismo através da democratização das informações. (31ª Turma, maio de 2011)

Quarta Etapa²¹



As utopias em torno do trabalho, liberdade e criação

Esta quarta etapa é o momento do anúncio propriamente dito. Aqui mostramos que desde o início do capitalismo sempre houve quem o criticasse e lutasse contra ele, colocando uma "pedra no sapato" do capitalista, para quem seria muito bom se os trabalhadores e as trabalhadoras não tivessem necessidades de se alimentar, se agasalhar, estudar; que fossem mudos e não pensassem sobre o processo de exploração a que estão submetidos e, conseqüentemente, não lutassem contra ela.

Ainda que tenham sido criadas máquinas, robôs, computadores, o trabalho humano concreto não pode ser definitivamente dispensado. E os trabalhadores continuam falando, pensando, protestando, amando e produzindo cultura, sonhando com um mundo diferente e, o mais importante, construindo dia a dia este outro mundo.

21 Esta quarta etapa é assessorada por Gisele Carneiro, eventualmente substituída ou acompanhada por outro membro da equipe de educadores do CEFURIA e da RECID.

Junto com Paulo Freire, acreditamos que “o utópico não é o irrealizável; a utopia não é o idealismo; é a dialetização dos atos de denunciar e anunciar; o ato de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante. Por esta razão a utopia é também um compromisso histórico” (FREIRE, 1980, P. 27).



23ª Turma (Novembro de 2009)



23ª Turma (Novembro de 2009)

A "Escolinha" então, ajuda a "organizar o sonho", a fornecer os instrumentos teórico-metodológicos para que seus participantes, assessoria, coordenação se qualifiquem para a tarefa de "mudar o mundo". E esta não é uma tarefa fácil, demanda sacrifício porque *"a utopia exige o conhecimento crítico. É um ato de conhecimento. Eu não posso denunciar a estrutura desumanizante se não a penetro para conhecê-la. Não posso anunciar se não conheço"* (FREIRE, 1980, p. 28); ainda que tenha um sonho projetado em minha mente, um projeto, o "inédito viável", que só pela ação, pode ser transformado em realidade.

Neste sentido, ainda nesta etapa das utopias, é preciso se desconstruir muitas ideias enraizadas, mitos criados pela ideologia dominante, que nos aparecem como verdades eternas. Como isto é feito? É o que nos conta o texto de Gisele, assessora desta etapa, transcrito a seguir.

O que é trabalho? O que significa utopia? Quais são as nossas utopias em torno do trabalho? Quais são as utopias históricas que inspiram, hoje, a denominada economia solidária? Quais as utopias que precisamos reinventar? Geralmente, iniciamos a quarta etapa com estas provocações. É preciso escutar o que vem da turma. Princípio fundamental da educação popular crítico freireana: partir da realidade e buscar construir conhecimento coletivamente.

A invisibilidade do trabalho imaterial

As representações dos participantes da escolinha em torno do trabalho, geralmente se orientam pelo seu sentido material, ou seja: atividade que possibilita a sobrevivência, geralmente relacionada a salário, emprego, obrigação, dever, sacrifício, sofrimento, penitência a qual é preciso se submeter de forma resignada. Ao problematizarmos sobre a atividade não remunerada realizada por uma mãe ao cuidar dos filhos, por exemplo, trabalho este necessário para que a vida se reproduza, já é possível alargar o raio de visão.

Trabalho também pode ser sinônimo de cuidado, de afeto. Trabalho também pode gerar prazer e realização mas nem sempre quem o realiza tem direito à sobrevivência. Nesta direção podemos citar músicos(as), dançarinos(as), escritores(as) de talento, que desenvolvem suas atividades nas horas livres porque o trabalho alienado, subordinado vem em primeiro plano, pois possibilita sobrevivência. Da mesma forma, há também o trabalho militante em torno da defesa dos direitos humanos e os direitos da natureza.

Produtos industrializados se sobrepõem ao trabalho artesanal porque faz parte da lógica do capital. O(a) trabalhador(a) não tem o direito de realizar o todo da produção porque isso lhe confere poder. É preciso realizar só uma parte,

é o trabalho alienado, desumanizado. Ao contrário de artesãos, que primeiro imaginam na sua mente o objeto que desejam criar e vão construindo este objeto, apropriando-se dele, até ver com orgulho o produto final daquilo que primeiro germinou no seu imaginário. Por que o “trabalho-emprego-desumanizado” é socialmente valorizado e o “trabalho-cuidado-com-a-vida não é?

No sistema capitalista, as horas de trabalho expropriadas do trabalhador servem para reproduzir o capital. Já imaginou se estas horas fossem transferidas para o campo da reprodução e cuidado com a vida? E que nenhum(a) trabalhador(a) tivesse mais que gastar seu tempo produzindo objetos inúteis, visando aumentar a acumulação capitalista, para poder sobreviver? A natureza agradeceria – como dizia Paul Lafargue (2000). Este autor dizia já no século XIX, que graças à tecnologia, já seria possível realizar apenas 03 horas diárias de trabalho para produzir “coisas”. E hoje, em pleno século XXI? E se o montante de horas de trabalho realizado hoje pela humanidade fossem destinadas a reconstruir o planeta adoecido diante de tanta depredação?

É uma constante escutarmos de trabalhadores(as) da Economia Solidária frases como: “desde que entrei no grupo, saí da depressão”. Ou: “A gente vai sendo solidário e as pessoas vão revivendo”. Frases recorrentes ditas por quem trabalha de forma coletiva, solidária, cooperada. Reconstituição da vida.



22ª Turma (Novembro de 2009)



31ª Turma - 4ª etapa (2011)

E utopia? O que significa? A cartilha²² apresenta uma definição de Paulo Freire de utopia, que a vê como um sonho possível, construído por meio da práxis, tendo como exigências o conhecimento, o compromisso histórico, o ato de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante.

Economia solidária, então, pode ser compreendida como um sonho possível, que para ser anunciado, exige conhecer com profundidade a denúncia sob a qual se funda, ou seja: o trabalho explorado, desumanizado, alienado. É preciso conhecer os mecanismos de opressão para poder combatê-los. É quando retomamos a terceira etapa, que trata do "trabalho no capitalismo". Buscamos aprofundar a "denúncia-capitalismo", perceber a forma como ele se manifesta.

Uma nova subjetividade e um novo espírito

Todo este diálogo é permeado por auto confrontações: descobrimos que nossos sonhos são sonhos capitalistas, bem como nossos atos, nossos pensamentos, nossas palavras. Estamos impregnados (as) do que Max Weber denominava "O espírito do capitalismo" (WEBER, 1981). A Economia Solidária precisa de um outro espírito, ou uma outra subjetividade, como dizem Negri e Hardt (HARDT; NEGRI, 2001). É preciso construir o "espírito da economia solidária", fazê-lo se expandir, criar um novo discurso, uma nova forma de ser, agir, de se relacionar.

Fomos levados(as) a acreditar no que Paul Lafargue (2000) chamava "religião do trabalho" e adoramos ao "deus trabalho". Foi bem sucedido o "convencimento" que as elites do capitalismo nascente fizeram à população do campo, de que era necessário permanecer nas fábricas horas a fio, distanciando-se do ritmo da natureza para submeter-se ao ritmo enlouquecido das fábricas como se isso fosse um desígnio de Deus. E as leis "quem não trabalha não merece viver", ou "o trabalho dignifica o homem" vigoram nos imaginários fazendo com que as pessoas se culpem e percam sua autoestima diante de uma situação de desemprego.

Uma nova economia requer uma nova subjetividade, e isso exige da humanidade o movimento de lembrar, desaprender, reaprender e criar: "Lembrar" do tempo em que trabalho era sinônimo de humanização; "desaprender" o vício de compreender o trabalho como sinônimo de "tortura", como um "ganha pão"; "reaprender" o trabalho criativo, livre, humanizador, e criar novas práticas e novos sonhos, como por exemplo, a renda mínima universal que possibilite a todos os seres humanos desfrutarem da riqueza socialmente construída pela humanidade no decorrer de todos os séculos de trabalho humano.

O sistema capitalista está mergulhado numa crise permanente, estrutural. Karl Marx já previu, na sua época, que o capitalismo está submetido a uma lei,

22 Referência ao Caderno 4 da Série "História Social do Trabalho" - As utopias em torno do trabalho: liberdade e criação.

que é a “lei da queda tendencial da taxa de lucro”, (MARX, 1991) desencadeada pela superprodução e a decorrente queda dos preços que acontece simultaneamente à superexploração dos trabalhadores. É visível, hoje, a concretude desta lei. Objetos antes inacessíveis às classes populares, hoje são facilmente adquiridos no mercado. Aparelhos celulares, computadores, TV digital e tantos equipamentos eletroeletrônicos são produzidos, descartados, e outros são produzidos no seu lugar, gerando lixo muitas vezes tóxicos. Os preços insistem em cair. A produção aumenta a cada dia, visando compensar a queda dos preços. Trabalhadores(as) são cada vez mais explorados porque são eles que arcam com esta conta. O capitalismo tem seus dias contados, mesmo que isso pareça ser impossível. Um outro limite simples de se observar e que Marx não previu na sua época, é o risco a que o planeta está exposto diante de tanta depredação²³.

Se o sistema capitalista tem seu dias contados, o que pode vir no seu lugar? É neste ponto que a “escolinha” tem um papel fundamental: ajudar a apontar novas maneiras de ser, de se relacionar, de “funcionar” numa sociedade não capitalista, livre, democrática, justa. Para tanto, busca-se acessar as utopias dos séculos passados que inspiraram o que hoje se chama economia solidária. Utopias que se fundaram na crítica ao capitalismo industrial do século XIX e que têm como base a autogestão.

Autogestão é compreendida (de forma simplificada) como “decisões compartilhadas em todos os níveis”; horizontalidade, liberdade, todos(as) têm voz e vez. Empoderamento popular. Protagonismo. Economia solidária tem relação com partilha, justiça, trabalho coletivo, mutirão. Não é suficiente dizer que “é a economia de antigamente, quando, no interior, as pessoas trabalhavam em mutirão e dividiam tudo o que tinham” - fala recorrente dos participantes da escolinha. Mas economia solidária é mais do que mutirão e partilha. Significa também igualdade de poder, ausência de hierarquia. Radicalização da democracia. Isso é inovador.

Quem “abraça” a economia solidária passa a questionar as relações nos diversos espaços de inserção, a começar pelas relações familiares. As relações de opressão que acontecem dentro de casa, em especial o machismo e o sexismo, passam a ser questionadas e não mais vistas como naturais. A hierarquia presente nas igrejas, escolas e instituições de modo geral também não é mais naturalizada. As relações patrão x empregado já se tornam uma aberração. Nas experiências simples de economia solidária, seja padarias comunitárias, clubes de troca, coletivos de produção etc., os conflitos se explicitam. Isso porque, na mesma medida em que se radicaliza a democracia, se radicalizam também as tensões porque a partilha do poder não é aceita socialmente numa sociedade movida por princípios e valores do individualismo, competição, relações de mando x subordinação.

23 Ver o filme “Home: o mundo é a minha casa”, documentário lançado em 2009, produzido pelo jornalista, fotógrafo e ambientalista francês Yann Arthus-Bertrand, inteiramente composto de imagens aéreas de vários lugares da Terra. Ver também o vídeo “A história das coisas”, versão brasileira do documentário The Story of Stuff, de Annie Leonard. Também vale a pena ler a cartilha “Outro consumo é possível” (CARNEIRO, 2009).



32ª Turma - 4ª Etapa (Agosto de 2011)

Na escolinha também os conflitos vêm à tona. Aqueles que não aceitam a “abolição da hierarquia” e a liberdade como valor central se indignam; e o diálogo se torna desafiador. O papel dos sujeitos que já vivenciam a autogestão é fundamental nos momentos de impasse, porque argumentam, de maneira simples, que é possível uma sociabilidade diferente – não só é possível como já acontece.

Os chamados “socialistas utópicos” do século XIX lutaram para construir uma sociedade sem patrões e sem empregados, com partilha justa de toda a riqueza socialmente produzida, bem como a partilha do poder. Na experiência da Comuna de Paris (1871), milhares pagaram com a vida tamanha ousadia.

As comunidades tradicionais, especialmente os povos indígenas, hoje também inspiram esta construção e mostram que a hierarquia e a concentração de riquezas nem sempre existiu. É uma construção humana e por isso, pode ser desconstruída.

Na quarta etapa também abordamos as escolas libertárias e descobrimos que a liberdade é possível e não precisa ser vista como libertinagem, desordem ou caos. A Escola da Ponte, em Portugal e a antiga Sumerhill na Inglaterra têm a nos ensinar que crianças, quando em liberdade, podem naturalmente participar e atuar em comunidade de maneira organizada, respeitosa e saudável, tornando-se adultos felizes e equilibrados²⁴.

A nossa tarefa, enquanto militantes da economia solidária, é desafiadora porque precisamos lutar contra uma cultura estabelecida durante séculos, que é a cultura do mando e da obediência; é a cultura do “deus trabalho”, alienado, explorado, desumanizado; é a cultura que glorifica o “vencedor” e desqualifica

24 Ver as obras “Liberdade sem Medo”, de A. S. Neil, e A Escola com que sempre sonhei sem pensar que pudesse existir”, de Rubem Alves (referências em anexo).

o “perdedor” da corrida capitalista do “vale tudo” e do “salve-se quem puder”. Estamos na contramão propondo cooperação, solidariedade, igualdade, respeito, esperança. Esperança que é para Paulo Freire, “ingrediente” essencial na construção do mundo novo. É a esperança que possibilita caminhar, enfrentar os obstáculos, construir história.



O texto acima, escrito por Gisele, explicita o que significa já o “espírito da Economia Solidária”. Ela, como assessora, encarna esta outra subjetividade e percebe, “escuta” as falas significativas, encharcadas de mitos a serem desconstruídos; e tem a certeza de que “um outro mundo, uma outra economia, uma nova sociabilidade são possíveis”. E, segundo CHAUI (*apud* LAFARGUE, 2000) “a utopia é afirmação de que uma outra sociedade, uma outra vida humana, a liberdade e a felicidade são possíveis”.

Passamos agora a ver o que dizem os participantes da “Escolinha” sobre a experiência vivida nesta etapa. Quais são seus sentimentos e avaliações:

Estou aprendendo que nós devemos lutar para que os trabalhos sejam mais justos, que nós juntos podemos melhorar. Gostaria que mostrassem mais filmes das lutas daqui, das lutas do povo, pode ser foto. Vamos mostrar nossa história mais recente, isto é, 1º de maio, romaria da terra e outros movimentos. (3ª Turma, junho de 2005)

Creio que esta escola está nos ajudando muito no trabalho que realizamos na comunidade, conseguimos realizar um trabalho mais participativo e igualitário. O dia de hoje foi excelente, a dinâmica muito boa, parece que foi mais fácil de assimilar com vídeo e exposição. O conteúdo foi explorado e passado numa linguagem acessível. (3ª Turma, junho de 2005)

Foi um aprendizado. De repente deu para perceber que os sonhos não são somente "sonhos", podem ser realizados, ou pelo menos temos a capacidade de tentar fazê-los realidade. Lutar, cada um a seu modo, em sua comunidade, pelos direitos, pela dignidade dos oprimidos. Fazê-los conhecer e terem ânimo, vontade de produzir, fazer algo para si. Sinto-me um "grão de areia", mas tenho o "sonho" de ajudar o suficiente para que haja no mínimo uma vitória. (4ª Turma, junho de 2005)

Nós não devemos nos esquecer que o que torna o sonho impossível não é o sonho em si mas, sim a incapacidade do sonhador. Que nós possamos seguir os nossos ideais - esse possível - não esquecendo de pessoas como D. Pedro Casaldáliga e tantos outros que sofreram na luta por seus ideais; e que possamos fazer do sangue daqueles que morreram na luta por um mundo mais humano, o nosso fermento. (4ª Turma, junho de 2005)

Fico feliz em saber, ver, sentir que existe a possibilidade concreta de vivermos a construção de um novo projeto de sociedade, pautado nas premissas fundamentais da felicidade, vida com dignidade, sem opressor e oprimido. Este momento da Escolinha tem carregado e recarregado nossas baterias para construirmos este projeto de sociedade. "Utopia". (9ª Turma, Novembro de 2006)

O dia foi bastante rico, pois o fato de estarmos reunidos discutindo sobre a realidade, mostra que a "utopia" não está tão longe. E a cada encontro é um momento de crescimento e conscientização. (10ª Turma, Novembro de 2006)

O caminho para chegar ao seu objetivo é longo e cheio de estratégias, mas o conhecimento, a oportunidade que tivemos aqui, nos torna fortes e dinâmicos a ponto de estimular o nosso lado. (16ª Turma, junho de 2008)

A 4ª etapa da Escolinha foi ótima. Fez pensarmos e refletirmos na mudança do sistema econômico de nossa sociedade. As utopias em torno do trabalho podem parecer impossíveis, mas se nos mobilizarmos, ela pode, sim, ser possível! Só depende de nós. Basta ter esperança, fé, vontade de fazer acontecer, trabalhar coletivamente, refletir e tentar mudar. (17ª Turma, novembro de 2008)

Utopia em torno do Trabalho: tema bem sugestivo para não deixarmos de sonhar com um mundo melhor, não para mim, mas para todos. Foi um encontro muito rico, com testemunhos e trocas de ideias e experiências concretas desse novo modo de viver. (17ª Turma, novembro de 2008)

Agora a "luz" se fez presente. Não adianta só revolta, atirar pedras para todos os lados. É preciso ter consciência das dificuldades, mas também ter diretrizes para um futuro mais esperançoso. O que a Gisele, com muito carinho, nos passou. (17ª Turma, novembro de 2008)

Como sempre, quando saio da Escolinha, a Esperança é reforçada, reavivada. O encontro de hoje foi muito enriquecedor, na medida em que saio com a certeza que a utopia, o sonho, a esperança, é a fonte geradora de VIDA, ou seja, enquanto existirem mulheres e homens, o fazer histórico – as lutas da humanidade pela sua vocação de SER MAIS – não acaba. Conseqüentemente, a Denúncia e o Anúncio de um mundo mais humano jamais morrerá. (18ª Turma, novembro de 2008)



Achei o encontro de hoje maravilhoso! O assunto foi bem explorado, as participações das pessoas foram válidas e geraram boas discussões. A participação do Nelson e do Valdemar (MST) engrandeceu o encontro e me fez ter uma esperança renovada de que é possível sim, através de movimentos e articulações conquistar um mundo melhor com solidariedade e cooperação. A educação para a liberdade foi que achei mais importante e o MST inspira seu movimento numa pedagogia voltada a essa libertação para uma sociedade mais justa para todos. (21ª Turma, junho de 2009)

As utopias são necessárias, não teria sentido viver somente aquilo que nos resta, ou seja aquilo que sobra. Temos que sonhar, buscar alternativas, construir algo novo, não podemos ficar conformados, achando que é assim mesmo, não tem jeito, sempre foi assim... Nós somos pequenos, mas unidos podemos pelo menos tentar, se não conseguir mudar o sistema, pelo menos não fiquei calado, resmungando. (28ª Turma, outubro de 2010).

A etapa de hoje demonstrou claramente o amadurecimento das ideias do grupo dentro da caminhada que nos propusemos desde o primeiro encontro. Sinto enorme satisfação em perceber que confrontar nossos medos, gerar novos conflitos, contribuiu imensamente para fortalecer a ideia de coletividade, convivendo simultaneamente com o respeito, a individualidade (não individualismo!!!). Já sinto que estamos vencendo nossa luta em busca de um mundo melhor. (30ª Turma, junho de 2011)

Quinta Etapa²⁵



Economia Popular Solidária: que mundo estamos construindo?

Chegamos então ao telhado da casa que estamos construindo desde a primeira etapa. Temos certeza de que o projeto permitiu uma construção sólida desde o alicerce, as paredes, aberturas? Podemos, então, cobri-la? O diálogo continua.

De fato, desde o início da “Escolinha”, os assessores vão trabalhando as diferenças fundamentais entre as duas economias: a capitalista e a solidária, como denúncia e como anúncio. Além de buscar sempre os aprendizados que se pode ter com as resistências criadas ao longo da história a todo processo de dominação.

O que temos a aprender, por exemplo, com as comunidades indígenas e os quilombos negros? Com experiências como as de Belo Monte, uma comunidade mística, igualitária, fundada no sertão de Canudos²⁶? Com as experiências anarquistas e socialistas? Com a Comuna de Paris? Com o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra no Brasil, com suas cooperativas, produção agroecológica, escolas?

A ideia é compreender que a Economia Popular Solidária de que falamos hoje não está começando do zero, mas inspira-se numa tradição de lutas de trabalhadores e trabalhadoras que nos antecederam, especialmente nos últimos 200 anos. Aliás, o caderno temático deste quinta etapa, diz o seguinte:

25 Esta quinta etapa é assessorada por Antonio Carlos Bez, eventualmente substituído ou acompanhado por outro membro da equipe de educadores do CEFURIA.

26 Para conhecer esta experiência comunitária e de luta, pode-se ler o livro “Belo Monte: uma história da guerra de canudos”, cuja referência completa faz parte da bibliografia deste livro.

A Economia Solidária surgiu junto com o modo de produção capitalista, e o persegue como se fosse uma sombra. Representa a resistência dos trabalhadores a um modo de produção que não leva em conta a vida, mas a acumulação material e a exacerbação do poder. [...]

Há pistas da economia solidária naquela que se denominava “economia social”, sistematizada há 150 anos, na Europa. Já na época, os adeptos da economia social criticavam a ênfase ao reducionismo econômico, que não leva em conta os problemas sociais. Eram experiências econômicas sem fins lucrativos, pautadas na ética e nos princípios de solidariedade, como as associações de apoio mútuo e as cooperativas. (BEZ e CARNEIRO, 2004, p. 7).



15ª e 16ª Turmas (2008)



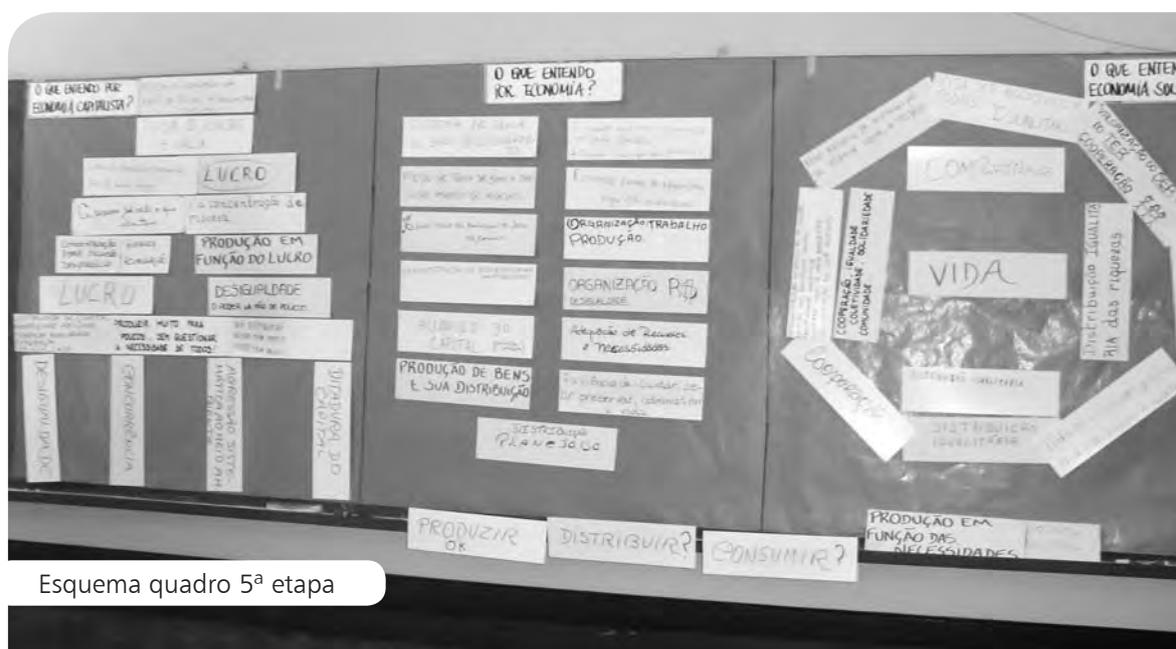
15ª e 16ª Turmas (2008)



20ª Turma (2009)

Noção central da EPS trabalhada na “Escolinha” é a horizontalidade - a roda, o círculo, a rede - associada à autogestão; que se contrapõe à verticalidade, à forma piramidal, à hierarquia. Imagens sempre presentes, nas místicas, dinâmicas, trabalhos em equipe que se completam com a dialogicidade, a democracia, o direito à vez e voz; contrapondo-se ao autoritarismo, à burocratização, às ordens e prescrições.

Por isso, a assessoria inicia a etapa distribuindo aos participantes uma tarjeta na qual devem escrever o que entendem por economia. Em seguida, escrevem o que entendem por capitalismo e, finalmente o que é a Economia Solidária. Estas tarjetas são organizadas na forma de pirâmide e de círculo, estabelecendo simbolicamente a diferença entre as duas economias.



Esquema quadro 5ª etapa



Uma dinâmica fundamental, neste momento, é a reflexão sobre os dados da distribuição de renda no mundo e o conseqüente processo de exclusão de grandes contingentes populacionais. Ainda que o caderno da etapa traga os gráficos da concentração de renda a partir de dados do Relatório para o Desenvolvimento Humano, usado por Henrique Dussel em “Ética da libertação”, esses dados não são simplesmente apresentados racionalmente. O assessor pede para que alguns dos participantes lavem suas mãos e depois, propõe que partam um pão caseiro, produzido por uma das padarias comunitárias, em 100 pedaços. A seguir pede para separar quantidades de pedaços em bandejas diferentes, conforme distribuição de renda no mundo. Separa-se o plenário em grupos também de acordo com o acesso à renda e então, tem-se um retrato vivo da concentração e da exclusão.

Esta dinâmica coloca um divisor de águas entre capitalismo e economia solidária. E mostra o grande desafio que temos quanto à desigualdade entre ricos e pobres e o tamanho da denúncia que devemos fazer contra o capitalismo. Ao mesmo tempo, se aponta as iniciativas, experiências, germes da economia solidária que já acontecem, diz Antonio Bez, assessor da etapa.

Fechando a fábrica da pobreza

Como grande parte das experiências econômico-populares, ou grupos de geração de trabalho e renda, apoiados ou não pelo CEFURIA, estão se desenvolvendo a partir da base da sociedade, com a participação majoritária de pessoas empobrecidas, especialmente mulheres com mais de 40 anos, busca-se quebrar, nesta etapa, a forte tendência ao assistencialismo. Discute-se com mais profundidade o problema da exclusão, como resultante do sistema capitalista, e suas respostas assistencialistas, compensatórias, insuficientes. Pergunta-se: “nossa luta é para sustentar ou fechar a fábrica da pobreza?”.

O "mito da doação" permanece com intensidade no Brasil, agora sob a roupagem da "responsabilidade social" das empresas, da caridade cristã e outras formas de ação da sociedade civil, tendo como destino as populações empobrecidas. A abertura de postos de trabalho e criação de empregos pelos empresários é considerada "benemerência".

Nesse processo generalizado de "doação" e de "sensibilidade social", há os apelos tais como: "adote um aluno", "seja amigo da escola". A sociedade como um todo é convocada a dar conta das mazelas sociais que o capitalismo cria e impõe, na ânsia de compatibilizar capital-trabalho, desonerando as empresas e preservando as desigualdades sociais (BEZ e CARNEIRO, 2004, p. 40).

Lourdes Marchi, membro do Conselho do CEFURIA e militante da Economia Solidária há muitos anos, diz que "ao falar em EPS é necessário não perder de vista elementos essenciais à sua formalização. A EPS é um processo de construção popular e coletiva, em que o ser humano coloca-se como protagonista de sua própria economia, através da valorização do trabalho como atividade humana, geradora de realização pessoal e de novas relações interpessoais.

Como proposta alternativa à ditadura do capitalismo - concentrador de riqueza, da competição estéril, do lucro, da especulação - a Economia Solidária sustenta-se na radicalidade da democracia pela autogestão; na distribuição justa de riqueza; pelo consumo solidário; na confiança e solidariedade como novo jeito de relacionamento e partilha da vida". (MARCHI, apud, BEZ e CARNEIRO, 2004, p. 41).



30ª e 31ª Turmas - Feira (2011)



30ª e 31ª Turmas - Feira (2011)

Sendo esta, a última etapa da “Escolinha”, sempre se realiza ao final do encontro uma avaliação geral do curso. Em dezembro de 2005, juntando-se as duas turmas do segundo semestre, distribuiu-se um questionário para aferir de alguma forma os aprendizados resultantes (para além da avaliação do curso em si). A sistematização dessa atividade é apresentada a seguir.



30ª e 31ª Turmas - Feira (2011)

QUAL A DIFERENÇA ENTRE ECONOMIA CAPITALISTA E ECONOMIA SOLIDÁRIA?

A economia capitalista visa o lucro, não considerando se está gerando degradação do meio ambiente, exploração da mão-de-obra e distanciando cada vez mais os ricos da classe pauperizada. Visão individualista. A Economia Solidária visa compartilhar, pensando no coletivo, sem a visão da mais-valia.

A economia capitalista visa o lucro (dinheiro). A Economia Solidária visa a pessoa humano, o bem-estar delas.

Capitalismo visa o lucro, o acúmulo de capital; desumanização do trabalho; dependência do consumo; trabalhadores sem posse dos meios de produção; não tem acesso ao produto; depredação do meio ambiente; competitividade; valorização do ter (importados). Economia Solidária: estimula a solidariedade; não visa o lucro; visa o bem comum; acesso aos produtos; posse dos meios de produção; humanização do trabalho; preserva o meio ambiente; autogestão; desenvolvimento da comunidade; valorização da produção local.

A Economia Capitalista concentra o lucro nas mãos de poucos. E a Solidária procura partilhar.

A Economia Capitalista tem sua base no lucro, consumo, concentração de riquezas. Estimula a competição e exclusão social. Economia Solidária, ao contrário, tem sua base na partilha, não acúmulo e sim o atendimento das necessidades de forma consciente. Valorização do trabalho e do ser humano; oportuniza e favorece a inclusão social.

Economia Capitalista: acúmulo de capital; violência de consumo; instância valorativa: propriedade; lócus global; alienação. Economia Solidária: sustentabilidade política + econômica + social + ambiental; partilha; instância valorativa: foro coletivo; lócus local; autonomia e consciência.

Capitalismo: beneficia poucos "donos"; acúmulo de riquezas; promove desigualdade social, ou seja, rico cada vez mais rico e pobre cada dia mais necessitado; insustentável; destrói as reservas naturais; individualista.

Economia Solidária: beneficia o coletivo; justa distribuição de riquezas; menos desigualdade social; combate ao desperdício, fome, miséria; preserva e conserva a natureza; consumo consciente; autogestão.

Capitalismo só pensa no dinheiro, lucro, acumulação. É imposto de cima para baixo. O povo só tem valor se pode consumir. Gera muita competição e desumanização. E todos os problemas que enfrentamos hoje: desigualdade social. Economia Solidária: valorização do ser humano, do seu trabalho, o que ele produz, sem patrão. É construir juntos. Há diálogo entre a equipe, partilha, transparência; é o resgate da nossa cultura.

Economia Capitalista: é a renda ou lucro concentrado numa só pessoa. Economia Solidária: todos por um e um por todos; uma forma de atingir as pessoas de baixa renda.

Capitalismo: lucro; competitividade; exploração da mão-de-obra; alta tecnologia (domínio); devastação do meio ambiente; uso de conservantes agrotóxicos para maior lucro; concentração de renda. não pensa na questão social (nos estritos limites de manutenção do sistema). Economia Solidária: geradora de seus próprios recursos; centra-se na qualidade de vida; preservação ambiental; autogestão; distribuição de renda; humanização.

Capitalismo: lucro; competição; individualismo; concorrência. Economia Solidária: solidariedade; desenvolvimento mútuo; troca de experiência; partilha; coletivo.

Capitalismo: visa só lucro; não é preço justo; incentivo ao consumismo; competitividade; desumanização. Economia Solidária: visa sustentabilidade; preço justo; atende às necessidades; solidariedade; humanizar – dignificar o ser humano; autogestão.

Capitalista: o lucro de uma só pessoa – patrão; tem patrão; individualismo; excludente; horas excessivas de trabalho alienante; destrói o meio ambiente. Economia Solidária: divisão do excedente entre todos; autogestão; solidariedade, união, trabalho em conjunto; valoriza a vida e trabalho da pessoa, bem como lazer, família; preserva e defende o meio ambiente.

ASSIM COMO A LUTA PELA REFORMA AGRÁRIA EXIGIU QUE OS AGRICULTORES SEM TERRA SE ORGANIZASSEM NUM MOVIMENTO SOCIAL, COMO OS PARTICIPANTES DA ECONOMIA SOLIDÁRIA PODEM ENCAMINHAR SUA LUTA?

Divulgando; educando.

Ampliar o conhecimento pela luta solidária; tomar iniciativas pelo social; lutar por um trabalho que valorize a vida humana.

Formação contínua dos militantes; organização do Movimento "Economistas" Solidários – MES; desencadear ações mais concretas (recursos humanos, material de apoio, matéria-prima, aquisição/organização de local para recepção e escoamento de produtos, divulgação via meios de comunicação); pôr em prática a solidariedade em nossas atividades.

É preciso capacitar as pessoas (informar, trazer conhecimento) para que se crie uma consciência individual e social do que é, o que significa e a dimensão da ECONOMIA SOLIDÁRIA. Preços justos.

Compra e venda solidária; fugir das marcas; crescer na organização, multiplicar os parceiros solidários. Só assim nós poderemos dar continuidade à luta para chegarmos a um novo Brasil.

Criar redes, cooperativas, inserção nos movimentos sociais; consumo solidário e ético; feiras solidárias; formação política.

A Economia Solidária no Brasil já existe enquanto movimento social desde o final da década de 90, com os Encontros de Porto Alegre e de Mendes. A criação da SENAES é resultado da ação organizada das entidades que compõem o movimento, assim como a constituição do FBES. A participação da Economia Solidária como temática dos FSMs também caracteriza este movimento. O encaminhamento da continuidade da luta passa pela organização social e política dos trabalhadores e trabalhadoras a partir de encontros como estes e da formação continuada em Economia Solidária e da educação para a autogestão para todos e todas. O fortalecimento dos Fóruns locais, estaduais e brasileiro da Economia Solidária.

A luta já está se encaminhando – das práticas públicas às políticas públicas.

Sensibilizar/conscientizar sobre as mudanças necessárias de paradigmas; denunciar, problematizar e anunciar; incentivar o consumo consciente; incentivar a participação nos movimentos populares.

A partir de nós mesmos, praticar a Economia Solidária, dando prioridade para a produção dos grupos e os grupos se qualificarem e sempre procurar melhorar na qualidade dos produtos. Trabalhar a formação política; trabalhar a sociedade para ser consumidora solidária.

Unindo da forma que estamos aqui: troca de experiências; motivar e divulgar para mais pessoas; motivar essas pessoas que já estão nesse grupo, para que continuem e assim superar as dificuldades; mobilizações, seminários, congressos, reuniões, conferências, fazendo com que isso nos leve a sermos reconhecidos perante a sociedade; constituir o Movimento da Economia Solidária.

Formação contínua (sistemática); fórum.

O que se luta “contra” na Economia Solidária é bem menos explícito que na Reforma Agrária; trabalho de base, para que as pessoas tenham consciência que Economia Solidária não é apenas uma proposta para a geração de renda; trabalho de base com as crianças deveria ser prioridade, partindo principalmente da família; revolução no consumo: esgotar ao máximo ações nossas que reproduzam o capitalismo; espaços de militância social, como a Assembleia Popular, devem ser cada vez mais frequentes; mudança a partir de nós mesmos, da família, da comunidade, do bairro.

Conhecimento entre grupos e iniciativas dentro da Economia Solidária; fazer uma rede entre a cidade e o campo para intercâmbio de produtos solidários; levar mais pessoas a conhecer e participar do Comitê Gestor da Economia Solidária; fazer reuniões nas comunidades específicas para falar sobre a Economia Solidária e a conscientização das mesmas.

O boicote ao capitalismo (representado através do consumismo: moda, MacDonald's, troca excessiva de celular, etc.). Divulgar em todas as oportunidades possíveis a proposta da Economia Solidária: implantar na prática do trabalho a proposta da Economia Solidária (ex.: começando pelo Clube de Trocas nos grupos já existentes). E mais clubes de mulheres, idosos, grupos de geração de renda. Assim como os grandes vêm se organizando no Brasil (esses gringos Wal Mart, Carrefour, Big, MacDonald's), se instalando com belas fachadas para te chamar a atenção, para te enganar, enquanto aquela mercearia do teu bairro tem o melhor. Deixa pra lá esses gringos. Cuidado com o capitalista: vamos nos unir e lutar por um Brasil melhor; deixar de lado o egoísmo; deixar de ser solitário para ser solidário é um caminho melhor para nossas crianças.



15ª Turma - 1º Semestre (2008)

A seguir apresentamos algumas avaliações feitas pelos participantes na quinta etapa, referidas à "Escolinha" como um todo.

Vivi 40 horas maravilhosas onde desconstruí muita coisa em minha bagagem. Paulo Freire, o grande mestre, aliado com os monitores deu o seu recado. O conhecimento nos dá mais segurança para as lutas. Com certeza aprendi muito e com a continuidade dos trabalhos e o material adquirido crescerei mais. Ao pessoal do Cefuria meu muito obrigada em nome da minha cidade. (3ª Turma, julho de 2005)

Pessoalmente este curso foi muito proveitoso. Aprendi muito! Todas as pessoas precisam ficar sabendo o quanto os grandes e poderosos estão fazendo contra o povo. Aquele povo que dá a vida e produz tudo o que eles acumulam. Esta verdade tem que ser espalhada a todos através da escolinha. Parabéns por essa iniciativa de mudança que se inicia. (3ª Turma, julho de 2005)

A "escolinha" transforma as pessoas já em seus pensamentos, suas ações as une na diversidade. São ouvidas e dialogam. As mulheres são mães, irmãs, amigas e filhas. Os homens as ouvem e se reconhecem humanos em nome de Deus. Há felicidade. Há esperança. Há construção. Há transformação! Não somos mais os mesmos no 5º encontro, somos e estamos mais sábios e solidários. Vida longa a todos nós! (3ª Turma, julho de 2005)

Acredito que é através do conhecimento, do momento em que sou capaz de fazer uma leitura do mundo, que é possível transformar a realidade na qual estou inserida. Onde buscar estes espaços de reflexão, de formação? Fora do que já está constituído ou da educação formal? Este é o grande desafio para os movimentos sociais, pastorais, etc, e o Cefura já abriu esta possibilidade. Agora é preciso um trabalho persistente e sistemático. (4ª turma, julho de 2005)

Aprendi a olhar o sistema capitalista com outros olhos, ampliei a visão e me interessei em ler artigos e livros que aprofundem mais estes temas abordados. (7ª e 8ª Turmas, julho de 2006)

Aprendi sobre a existência do escritor, educador Paulo Freire, sobre sua pedagogia realmente libertadora. A principal lição, ou melhor, descoberta que obtive foi que não sabia que meu aparentemente inofensivo tênis Nike representa uma marca que explora e escraviza seus funcionários. Como que o capitalismo e o consumismo, a estética, nos cega, a ponto de não percebermos isso que está por trás de um produto. As amizades aqui construídas, a partir das diferenças sociais, culturais e econômicas, mostrando que na verdade nós, despidos do preconceito, pregado também pelo capitalismo, somos capazes de construir além de amizades uma sociedade mais unida, justa e mais feliz. (9ª e 10ª Turmas, Dezembro/2006)

Aprendi que a vida é muito mais que os bens que possuímos, aprendi que devo ter dinheiro suficiente apenas para suprir minhas necessidades básicas, aprendi que devemos respeitar não só o nosso semelhante, mas todos os seres vivos, pois somos uma só vida. (9ª e 10ª Turmas, Dezembro/2006)

Ser mais solidária, lutar por um mundo melhor, valorizar mais as pessoas respeitando sua dignidade, aceitando suas limitações. (14ª Turma, Dez/ 2007)

Que somos capazes de promover "mudança", encontrar meios para não depender somente dos padrões estabelecidos pelo sistema capitalista. (15ª e 16ª Turma, julho/2008)

O que levo desse aprendizado é o respeito às pessoas, as lutas e resistências, o sonho por um mundo melhor. Aqui, todos tem voz e vez, fala o que pensa, é respeitado, por isso levarei para mais pessoas a importância da mudança, de fazermos uma sociedade diferente, que tenha a vida em primeiro lugar. 24ª e 25ª Turmas, Julho/2010)

Capítulo II

Introdução à reflexão teórica

Economia Popular Solidária (EPS) é o nome que se dá a um conjunto de práticas econômico-populares que surgiram no Brasil e no mundo, a partir das duas últimas décadas do século XX. Tais práticas são compreendidas como resultantes do processo histórico brasileiro e mundial, dominado pela lógica mercadológica do lucro e das finanças, que criou categorias desumanas como o “desemprego estrutural”, “populações descartáveis”, “consumo compulsivo”, “obsolescência planejada”²⁷. A EPS é, portanto, uma resposta a tais anomalias e se estrutura sobre bases opostas a esta lógica.

Embora compreenda-se a EPS como resultante deste processo histórico, não a vemos determinada por ele em suas práticas. Ao contrário, acreditamos, com base na observação empírica, que tais práticas criam resistências à internalização dos valores capitalistas tanto em nível individual quanto coletivo. Ainda que este processo seja extremamente difícil, pois é algo novo se fazendo dentro do velho, onde conflitos e contradições afloram a todo momento e precisam ser explicitados, para que se desconstruam os valores antigos e as pessoas possam se reconstruir (e às suas práticas) com base em valores de solidariedade.

De verdade, a Economia Solidária é bem mais antiga do que este período atual a que estamos nos referindo. Segundo Paul Singer “a economia solidária foi inventada por operários nos primórdios da revolução industrial, como resposta à pobreza e ao desemprego resultantes da difusão ‘desregulamentada’ das máquinas-ferramenta e do motor a vapor no início do século XIX” (SINGER, 2002, p.83). Ela é parte da luta dos trabalhadores por melhores condições de trabalho e vida. Por direito à liberdade, ao lazer, à felicidade. Não se trata apenas da racionalidade econômica limitada aos números, a taxas de juros e câmbio de moedas estrangeiras. Tão pouco à ideia de progresso ilimitado, crescimento, desenvolvimento.

27 Durante muito tempo o capitalismo conviveu com o desemprego, porém de forma conjuntural, ou seja, temporária. Nas crises de super produção os trabalhadores eram dispensados e mais tarde recontratados. Entretanto, no “novo capitalismo”, com a informatização e a robotização das fábricas, muitos postos de trabalho são extintos. É a chamada reestruturação produtiva, ou seja, os trabalhadores não retomam às suas funções porque elas deixam de existir; estão sendo feitas por máquinas; é uma mudança na estrutura da produção e, portanto, o desemprego passa a ser estrutural, permanente. Nesta nova fase, chamada flexível, ao contrário do tempo das grandes fábricas, máquinas pesadas, muitos trabalhadores, a produção é revolucionada constantemente. As fábricas podem rapidamente se adaptar para produzir mercadorias diferentes ou modelos diferentes das mesmas mercadorias, utilizando-se da propaganda para estimular o consumismo. Induzem as pessoas a quererem sempre algo novo e dispensar o que já possuem. Se prestarmos atenção, vemos que a durabilidade das mercadorias cai rapidamente e elas passam a ser descartadas, quer dizer, ficam obsoletas, fora de uso ou de moda com grande velocidade. Isto não é por acaso. Para vender bastante, o tempo de durabilidade é também planejado; quanto menos durar o produto, mais a fábrica vende. É isso que se chama de obsolescência planejada. Para compreender melhor isso, pode-se ver um vídeo didático, disponível na internet, chamado “A história das coisas” (já indicado anteriormente). Se não há mais empregos para todos os trabalhadores, significa que, na mesma medida em que as mercadorias ficam obsoletas (não servem mais para uso), as pessoas também ficam excluídas - obsoletas - pois já não há mais lugar para todos neste mundo que, parece ser cada vez mais, “um montão de mercadorias” guiando os seres humanos.

Se pensarmos, entretanto, em formas não monetárias de organização da vida em comunidade, podemos situar a Economia Popular Solidária (EPS) em marcos bem mais antigos. Um exemplo disso, é o “ayllu”²⁸ peruano, cuja força transcendeu a devastação provocada pela conquista espanhola.

No continente latino-americano central, as experiências da Forma Comunidade são fenômenos de “longa duração” e fazem parte do processo civilizatório das comunidades indígenas, dos povos originários. [...] O “AYLUU” peruano tem sua origem no pré-incaico “ayllu”, o qual se perde na nebulosa da pré-história americana. O mais provável é que a origem do “ayllu” seja paralela à conversão do nômade em sedentário. “Ayllu” foi célula comunitária do império Inca. Tão grande é a força da comunidade agrária nos Andes que a mesma se manteve desde o pré-incaico até nossos dias, apesar da obra devastadora da Conquista, que arrasou durante os primeiros anos as mais recônditas cavernas dos Andes. (NASCIMENTO, 2011, p. 71).

Esta citação nos obriga a colocar em discussão a questão do poder, como serviço (poder comunitário) e como dominação (o poder da conquista). A EPS deve resgatar e se inspirar no poder comunitário como forma de produção e reprodução da vida em todas as suas dimensões. E, diferentemente do que diz Paul Singer, as origens da Economia Solidária poderiam ser encontradas em formas de vida muito anteriores ao capitalismo²⁹.

É por isso que os instrumentos teórico-metodológicos convencionais - manuais, estatísticas e gráficos de eficiência, eficácia, produtividade, oferta e procura, etc. - ditos científicos, centrados na “racionalidade econômica”, nem sempre dão conta do desafio de estudar e compreender a verdadeira economia. Daí que processos de formação em EPS se utilizem dos conceitos freireanos da educação popular libertadora ao lado dos conceitos fundamentais da teoria marxiana, além de outras referências críticas ao sistema de produção de mercadorias. Momentos de celebração da vida, de exercício da afetividade, de canto, poesia, teatro, acolhida, cuidado são também fundamentais, para romper com os valores do individualismo, competição, egoísmo.

A afirmação acima, nos remete à outra, qual seja, a EPS não pode ser estudada por uma única área de conhecimento científico, dada a multiplicidade de práticas, concepções, objetivos e significados que ela engendra. Portanto, o estudo, reflexão e avaliação destas práticas, devem estar pautados numa epistemologia interdisciplinar - uma nova forma de conhecer - que articule as múltiplas dimensões dos problemas humanos aos quais a EPS procura responder. Pessoas

28 Ayllu, em quéchua, significa “grupo de parentes” (NASCIMENTO, 2011).

29 Em mensagem enviada como contribuição ao processo de elaboração deste livro, Euclides Mance diz que datar a EPS nos marcos do capitalismo “é uma tese bastante eurocêntrica e que revela uma concepção particular de Economia Solidária que mereceria ser problematizada no horizonte da interculturalidade”. Para MANCE, a Economia Solidária é muito anterior ao capitalismo, pois a solidariedade econômica já estava presente na própria origem da humanização de nossa espécie” (MANCE, em e-mail enviado à Ana Inês Souza em 16/03/2012).

e organizações apoiadoras, pesquisadoras ou que estão buscando praticar a EPS estão desafiadas a trabalhar com uma grande diversidade.

Estamos diante de formulações que combinam a emergência de novos atores e sujeitos do trabalho com um potencial de crítica à economia política do capital, em que uma brecha utópica se abre para as classes populares no resgate de uma nova centralidade do trabalho vivo. (BO-CAYUVA, 2007. p. 10).

Apesar da multiplicidade de práticas, temos identificado na Economia Popular Solidária, três elementos importantes: a centralidade no trabalho realizado coletivamente; a preocupação com a formação das pessoas envolvidas, no que se refere aos princípios da EPS, destacando-se a autogestão e a crítica aos pilares que sustentam o capitalismo; e, por fim, o estímulo à participação dos grupos econômico-populares nas mobilizações e lutas sociais mais amplas. Isto nos permite vislumbrar na EPS as sementes ou os fundamentos do que poderíamos chamar de uma "trilogia da emancipação", fundada no trabalho, na participação e na educação. Talvez esteja aí o embrião de uma nova teoria da ação "fundada num novo horizonte, numa nova epistemologia e numa nova práxis", como nos dizia Ignacio Martín-Baró (1998, p. 296), referindo-se à psicologia social latino-americana.

Se denunciarmos o capitalismo como um sistema econômico desumanizador, as novas práticas devem sempre ser realizadas no sentido da humanização. É preciso então, como diz Marcos Arruda:

Identificar os atributos, qualidades e potenciais que conformam o ser humano atual e acenar com as transformações a realizar em nós próprios, na economia e na educação para que a humanidade passe da atual etapa predominantemente *infra-humana* a um momento evolutivo sempre mais humanizado. Isto implica emancipar a economia e a educação das suas amarras economicistas e utilitárias, e colocá-las a serviço de um *Homo* em processo de desabrochamento e de auto-construção (ARRUDA, 2006, p. 19).

Isto quer dizer que a EPS se constitui na continuidade do esforço de auto-produção do homem enquanto espécie, o que transcende em muito as noções de empreendedorismo ou geração de renda. Assim ela é também luta contra todas as formas de exploração e depredação da vida. "Os caminhos da emancipação do trabalho são complexos e envolvem atos de vontade humana coletiva para percorrê-los, enfrentando a força material do capital com o poder imaterial da práxis econômica solidária". (ARRUDA, 2006, p. 23).

Esta força material do capital avança sobre os recursos naturais e sobre os territórios onde populações tradicionais resistem, mantendo seus modos de vida não hegemônicos (ZIBECHI, 2008). Esta resistência significa o poder comunitário contra o poder de dominação, que coloca em risco a vida humana. Só a força do

primeiro pode enfrentar o poder destruidor do segundo, “dissolvendo a relação sujeito-objeto entre o ser humano e a natureza que tem sido hegemônica nos últimos cinco séculos” (ZIBECHI, 2008, p. 1).

As noções de autonomia, autogoverno e autodeterminação são comuns ao conceito de Economia Solidária e ao de território como espaço de resistência. Ambos precisam enfrentar a lógica econômica dominante. Daí a importância de uma cada vez maior articulação entre as práticas coletivas dos povos tradicionais e as novas práticas econômico-populares baseadas na autogestão. O que significa fortalecer alternativas econômicas não capitalistas.

Neste início do século XXI, após um período de desalento e conformismo, motivado pela crença propagada do denominado “fim da história” e do “pensamento único”, que teve como terreno fértil a falência do socialismo real e o advento do neoliberalismo no final do século XX, as utopias se impõem com vigor renovado. O ativismo ressurgiu, reivindicando uma globalização contra hegemônica. Acompanhando a crítica e a contestação, surgem alternativas econômicas que se propõem emancipatórias e viáveis. Trata-se do que SANTOS³⁰ denomina uma *reinvenção* de formas econômicas não capitalistas, que parecem ter a pretensão de superar o modelo vigente não de uma só vez, mas gradualmente, ultrapassando a noção do “caminho único” representado pelo socialismo centralizado que orientou as lutas operárias no século XX e tornando cada dia mais incômoda a expansão do capital. (CARNEIRO, 2004, p. 81-82).

Também para Zibechi (2008, p. 7) este processo está em marcha na América Latina, dissolvendo pela ação coletiva a dicotomia campo-cidade e desordenando as categorias teóricas, forçando-nos a pensar de outro modo. Para exemplificar esta afirmação o autor menciona aspectos comuns aos territórios rurais e urbanos reconfigurados pelos povos organizados em movimento que passaremos a transcrever a seguir, numa tradução livre do espanhol para o português.

1. Em muitos desses territórios existem, em germe, sociedades outras: de valores de uso, comunitárias, autocentradas, femininas no sentido profundo do termo, que estão sendo capazes de produzir e reproduzir a vida das pessoas que delas participam. Existe uma débil desvinculação espacial e social entre a produção e o consumo. Ou seja, são territórios nos quais não impera uma lógica econômica do desenvolvimento que, como tem assinalado Porto Gonçalves³¹, é sempre uma lógica de guerra.

2. Se trata de territórios complexos onde há espaços e tempos para a diversidade, cuja trama está formada pela expansão de uma lógica familiar-comunitária centrada no papel da mulher-mãe em torno da qual se modela um mundo de

30 SANTOS, B. de S. Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, apud CARNEIRO, 2004.

31 PORTO GONÇALVES, C. W. Mudanças de poder na agricultura. Folha de São Paulo, 01/11/2007, apud ZIBECHI, 2008.

relações outras: afetivas, de cuidados mútuos, de contenção, inclusivas. Se trata do surgimento de outra racionalidade, de outra cultura, de uma episteme relacional como aponta Alejandro Moreno (2006, *apud* ZIBECHI, 2008).

3. Nestes territórios podem nascer, ainda que isto não seja certamente o mais comum, mas apenas tendência, poderes outros, não hierárquicos ou, como tenho assinalado em outros trabalhos "poderes não estatais". Esses poderes e esses territórios são espaços de paz e não de competição, são potencialmente anticapitalistas, já que como dizem os zapatistas hoje "não se pode entender nem explicar o sistema capitalista sem o conceito de guerra. Sua sobrevivência e seu crescimento dependem primordialmente da guerra". Por isso, ainda que soe ingênuo, "a paz é anticapitalista". (Subcomandante Insurgente Marcos, 2007, *apud* ZIBECHI, 2008).

Para aprofundarmos esta teorização sobre a Economia Popular Solidária, a partir de práticas milenares dos povos que nos precederam, incluímos a seguir dois artigos muito importantes: um de Cláudio Nascimento e outro de Telmo Adams, ambos referências nos estudos destas novas práticas. Com certeza os artigos valorizam e trazem "luz" à sistematização que empreendemos neste livro.

Economia Popular e Solidária, Trabalho e Autogestão Comunal

*Cláudio Nascimento*³²

Vou iniciar com uma longa citação de Che Guevara sobre o conceito de trabalho, tema de nosso artigo:

A última e mais importante ambição revolucionária é ver o homem liberto de sua alienação. É preciso acentuar sua participação consciente, individual e coletiva, em todos os mecanismos de direção e produção e ligá-lo à ideia da necessidade da educação técnica e ideológica. Isso se traduzirá concretamente na reapropriação de sua natureza através do trabalho liberado e da expressão de sua própria condição humana através da cultura e da arte.

Para que se desenvolva a primeira, o trabalho deve adquirir uma condição nova; a mercadoria homem deixa de existir e se instala um sistema que outorga uma cota pelo cumprimento do dever social. Os meios de produção pertencem à sociedade e a máquina é só a trincheira onde se cumpre esse dever. Fazemos todo o possível para dar ao trabalho essa nova categoria de dever social e uni-lo ao desenvolvimento da técnica.

E nossa atitude deve ser totalmente diferente. O TRABALHO DEVE SER UMA NECESSIDADE MORAL NOSSA, o trabalho deve ser algo para o qual vamos toda as manhãs, cada tarde e cada noite, com entusiasmo renovado, com interesse renovado. Temos que aprender a tirar do trabalho o que tem de interessante ou o que tem de criador, a conhecer o mais mínimo segredo da máquina ou do processo em que nos toca trabalhar. (Che Guevara, "O Socialismo e o Homem em Cuba").

Em ensaio recente para o produto da sistematização dos coletivos populares da RECID, em torno do eixo temático "construção do poder popular", dizíamos que: "em algumas conjunturas históricas, a sistematização é uma forma de DES-OCULTAR experimentações que ocorrem nas profundezas de um país".

A sistematização desenvolvida nesse livro do CEFURIA, socializa através da sua publicização, as experimentações inventivas da economia popular e solidária, e, sobretudo, nos permite mais fundamentalmente perceber o potencial da práxis popular na construção dos germens de um futuro social emancipatório com base no trabalho associado ou autogerido. O eixo temático a "Historia Social do Trabalho" traz a grande questão sobre o FUTURO do

32 Autor de vários ensaios sobre Autogestão, Economia Solidária, Socialismo e Sindicalismo, sobre cujos temas atua como consultor no Brasil e outros países. Trabalhou no CEDI, no INCA, na CUT (Programa Integrar, Escola Sul, ADS), na SENAES e na RECID. Mais recentemente tem colaborado com o CFES-Sul/SENAES (Centro de Formação em Economia Solidária).

trabalho na perspectiva emancipatória, isto é, o trabalho em uma sociedade "Para Além do Capital".

Este é o título da obra principal do filósofo húngaro, Istvan Mészáros, um dos raros pensadores socialistas contemporâneos a inscrever na ordem do dia a questão da estratégia socialista, como forma antagônica ao Capital, e não apenas a sua forma histórica atual, o sistema capitalista. Em obras fundamentais: "O Poder da Ideologia" (1989) e, sobretudo, em "Para Além do Capital" (1996), Mészáros tratou do tema do socialismo na perspectiva de uma sociedade constituída por "produtores livremente associados", ou seja, da autogestão socialista.

Em seu livro "Estrutura Social e Formas de Consciência" (2009), Mészáros trabalha com a ideia de "Sistema Comunal" e, desse modo, vem ao encontro dos teóricos que buscam analisar as experiências em curso em países como Bolívia, Venezuela, Equador e também, em forma menos radical, países que têm a economia popular e solidária como uma práxis em processo, tanto no campo dos movimentos sociais quanto no plano institucional-governamental, como é o caso do Brasil.

Partindo das definições de Marx sobre a experiência da Comuna de Paris, Mészáros define a natureza da tarefa: "realizar a 'emancipação econômica do trabalho' mediante a 'forma política finalmente descoberta', para que o 'trabalho livre e associado' assuma a forma de 'sociedades cooperativas unidas', a fim de regulamentar a produção 'nacional' segundo um plano comum".

Mészáros parte da ideia da 'crise estrutural' do capital como marca fundante desta nova época, que alguns chamam de 'globalização'. E, por várias razões, nos mostra que a única alternativa à barbárie do capital é uma hegemonia radical socialista, antagônica ao Capital. Em suas últimas obras, essa alternativa é definida como "ordem hegemônica alternativa do trabalho – o sistema orgânico comunal". Ele assinala a fonte dessa ideia: "a ideia de um modo comunal de produção e consumo – debatida em detalhe considerável pelo 'Marx maduro', em suas obras de síntese mais importantes, incluído os Grundrisse e O Capital" (MÉSZÁROS, 2009, p.262).

Mészáros se destaca por definir sempre o caminho para concretizar as estratégias, isto é, o Método. E, no que diz respeito ao sistema comunal, como que advertindo os pragmatismos sem esperança e/ou os radicalismos apressados, nos diz que

Muitas das categorias da teoria socialista, vislumbrando uma solução positiva para os problemas aparentemente intratáveis da humanidade, possuem um longo período histórico de gestação. Em alguns casos, têm sido advogadas há milhares de anos, incluindo a ideia de uma vida comunal, mas impedidas de sequer chegar perto de sua realização possível" (MÉSZÁROS, 2009, p.268).

A Economia Solidária tem relação profunda com as categorias de "Possibilidade" e de Utopia Concreta, o "inédito viável" de Paulo Freire. Portanto, não se

trata de “volta nostálgica a épocas passadas”, ou de “romantização do passado”. Adiante veremos a ideia de Eduardo Galeano sobre essa questão.

Esta radical eliminação do capital pelos indivíduos auto-emancipados de sua presente dominação do metabolismo social *é o exato conteúdo do projeto socialista*. Em oposição ao modo como se exerce o domínio do capital sobre a sociedade, a concepção socialista vislumbra, nas palavras de Marx, *um plano geral de indivíduos livremente associados*. É o que se quer dizer com a proposta de *transformação do trabalho em auto-atividade*.

Portanto, a retomada em nova forma e conteúdo da “vida comunal”, será o “trabalho como auto-atividade”. A Ontologia Social de Marx está centrada na relação “Indivíduo e Comunidade”. A ideia de “Sociedade Comunal do futuro” é a terceira forma de sociedade na perspectiva histórica de Marx. Vejamos: Marx trata o desenvolvimento do processo de objetivação através de três etapas históricas: (1ª) formações pré-capitalistas; (2ª) capitalismo; (3ª) sociedade comunal do futuro.

E, na linha da autogestão social, o terceiro tipo é uma sociedade fundada em relações mútuas, em que os meios de produção pertencem aos “produtores associados”. Mas, Isso não deve se tomar como um regresso à propriedade comunal da sociedade pré-capitalista. Nessa “terceira etapa”, a propriedade, no sentido de uma relação com as condições para a produção social, pertence à comunidade.

De onde vem essa ideia de comunal? Já foi até mesmo nome da organização de base dos movimentos operários no século XIX. Nesse sentido, é possível que o “partido comunista” à época do seu “Manifesto”(1848) tomasse em sua organicidade a “forma comuna”. E, o próprio Marx, tenha sido “presidente” de uma Comuna.

Não é por acaso que na forma de organização da “Liga dos Comunistas” (1836-1847), vamos encontrar como núcleo básico a forma “comuna”, como que uma prefiguração desta “sociedade futura comunal”. Em seus “Estatutos”, no artigo 1º, a Liga tem por objetivo a supressão da escravidão dos homens pela difusão da teoria da “comunidade dos bens e, desde que possível, sua introdução na prática” (Bert Andreas, 1972, p.38). D. Riazanov, em Introdução ao “Manifesto Comunista”, fala da única vez em que Marx escreveu sobre A Liga:

A Liga dos Comunistas foi criada em Paris em 1836, primitivamente com outro nome. A organização, que se ampliou passo a passo, era a seguinte: um certo número de membros formavam uma comuna; diferentes comunas constituíam na mesma cidade um Círculo. (Le Manifeste Communiste. J.Molitor, Paris 1947. p.2).

Por sua vez, M.Rubel em “Crônica de Marx, datos sobre su vida y su obra” (1972), afirma que em 1847, “Junho: primeiro congresso da Liga dos comunistas em Londres, com a participação de Engels. Marx não pôde assistir por falta de dinheiro.(...) Agosto: Marx é eleito presidente da ‘comuna’ de Bruxelas da Liga

dos comunistas" (Ibidem, p.28). Todavia, o uso de Comuna como núcleo organizativo da Liga Comunista, é consequência de toda uma história social.

Então, de onde vem essa ideia de "Comuna"?

Vamos mergulhar na História Social do Trabalho, e nas lutas sociais para emancipar o trabalho frente ao Capital e ao Estado.

Se na revolução Francesa de 1789, encontramos a ideia de 'comuna', através da ideia dos "comitês revolucionários" dos descamisados (*sans culottes*), será na revolução de 1871 na França que a ideia será desenvolvida como forma de "auto-governo dos trabalhadores", como disse Marx :

O verdadeiro segredo da comuna estava em ser essencialmente um governo operário, fruto da luta da classe produtora contra a classe exploradora, a única forma política, ao fim descoberta, sob a qual poderia se levar a termo a emancipação econômica do trabalho. (Karl Marx. "La guerre civile em France 1871", 1975, éditions sociales, p.67).

Vamos encontrar nas lutas dos povos pelo mundo, a ideia da 'comuna', como forma de propriedade comunal e mesmo de governo como relação de poder. É nessa base que surge o que o conselheiro holandês, teórico dos conselhos operários, Anton Pannekoek chamou de "sentimento comunitário" (*Lês conseils ouvriers*, t.I-p.148, ss).

Para Pannekoek, em períodos de crise, o 'sentimento comunitário' supera o 'sentimento de conservação', dominante profundo no ser humano. Nesses momentos,

A primeira metamorfose, a mais importante se expressa no desenvolvimento do sentimento comunitário. Suas primeiras manifestações apareceram no capitalismo, como consequência do trabalho comum e da luta comum. Ele se reforça pela tomada de consciência, originada na experiência, de que o operário isolado é sem poder contra o capital. (PANNEKOEK, 1976, p. 148).

Mas, Pannekoek aprofunda essa ideia: "não é todavia um fato novo. Nos tempos primitivos, o sentimento comunitário predominava nas tribos, das formas simples, comunistas, do trabalho. O homem estava completamente ligado à tribo; separado dela, ele não era nada" (idem). Pannekoek segue seu raciocínio: "quando, em seguida, os homens se separaram e se transformaram em pequenos produtores independentes, o sentimento comunitário se evadiu e cedeu lugar ao individualismo". Esse novo caráter foi se afirmando cada vez mais com o capitalismo. Mas, seguramente, isso não impede que o homem seja, no capitalismo, um ser social. A sociedade comanda e, "[...] nos momentos críticos – por exemplo, revoluções e guerras – o sentimento comunitário se impõe, temporariamente, como um dever moral excepcional" (idem).

Para Pannekoek, "o sentimento comunitário é, sempre, a força principal, necessária para o progresso da revolução". Trata-se da 'fusão do individualismo e

do sentimento comunitário em uma unidade superior. É a subordinação consciente de todas as forças do indivíduo ao serviço da comunidade” (idem). Enfim, “o forte sentimento comunitário que nas lutas pelo poder e pela liberdade é simultaneamente a base da nova sociedade” (idem).

Estas ideias do filósofo holandês dos conselhos, tem um caráter ontológico, filosófico e, articula-se com uma visão política e econômica. Articula economia e filosofia, trabalho e luta de classes. E, aqui, está o “filo rosso” para um profundo mergulho nos ciclos das lutas autogestionárias dos trabalhadores, dos “que vivem do trabalho”, em todos os continentes. Todavia, mais uma vez, a ideia de Vida Comunal tem um lastro histórico muito mais longo.

Vamos a outra ideia sobre a vida comunal na História.

O célebre anarquista russo Pedro Kropotkin, (“El Apoyo Mutuo”, 1922), antecipando a obra do antropólogo Pierre Clastres, afirma que a comuna aldeia “[...] é uma instituição universal e célula de toda sociedade futura, que existiu em todos os povos e sobreviveu até os dias atuais”. Sua tese de que o homem pré-histórico vivia em sociedade toma por base diversos estudos sobre tribos primitivas fora da Europa, em que o altruísmo e o espírito comunitário existiam entre seus membros do clan e da tribo. Na comuna aldeia, “[...] os povos garantiam os frutos da terra e também a defesa da vida e o apoio solidário em todas as necessidades da vida. Apresenta mesmo uma ‘lei sociológica’ em que ‘quanto mais íntegra se conserva a posse comunal, mais nobres e suaves são os costumes dos povos” (1989-p.15).

As aldeias fortificadas, com o tempo, se transformaram na Idade Média em cidades análogas às da antiga Grécia. Seus habitantes se rebelaram contra o poder feudal, de tal modo que, a cidade livre medieval, surgida da comuna bárbara chegou a ser a expressão mais perfeita de uma sociedade humana com base no livre acordo e no apoio mútuo. Para Kropotkin, se a cidade livre medieval era uma tela constituída por grêmios e guildas, por sua vez, o mundo livre da Idade Média é uma tela ampla formada por cidades livremente federadas e unidas por pactos de solidariedade. Esse “mundo medieval libertário” tem sua origem na luta contra o feudalismo e, sua decadência e absorção pelo novo Estado absolutista da época moderna (ibidem, p.15).

Os grêmios organizavam o trabalho com base na cooperação e para satisfazer as necessidades materiais, sem buscar o lucro. As cidades livres do poder feudal, eram reguladas na maioria dos casos por uma “assembleia popular”. A essa sociedade de trabalhadores livres e solidários, segundo Kropotkin, se associava necessariamente a arte grandiosa das catedrais, obra comunitária para o desfrute da comunidade (idem, p.16).

Na concepção histórica do anarquista russo, “[...] a ressurreição do direito romano e a tendência a formar Estados centralizados e unitários regidos por monarcas absolutos, caracterizou o começo da época moderna. Esse processo pôs fim não só ao feudalismo mas também as cidades livres” (idem).

P. Clastres, em sua monumental obra, "Society Against the State"(1980), afirma que as chamadas "sociedades primitivas" se caracterizavam por serem "sociedades sem estado: sociedades em que o corpo não possui órgãos separados do Estado, isto é, o poder não é separado do Estado". E que o "poder está sob controle da sociedade, ter o poder é exercê-lo. É o próprio corpo social que detém o poder e o exerce como unidade indivisível" (1980, p.104 e 108).

Enfim, são muitos os pensadores do campo socialista que analisaram o sistema comunal: além de Marx, Rosa Luxemburgo, Paul Lafargue, Mariátegui, G.Landauer, entre tantos, dedicaram obras ao tema da "Vida Comunal". Por exemplo, Rosa conclui sua longa pesquisa sobre a vida comunal, falando dos Incas no Peru:

Acha-se mesmo no distante país sul-americano, nos índios, os traços vivos de um comunismo mais potente ainda que na Europa: enormes casas coletivas em que famílias inteiras viviam em comum, com tumbas comuns. Fala-se de uma dessas habitações coletivas em que viviam mais de 4.000 homens e mulheres. A residência principal dos imperadores Incas, a cidade de Cuzco, é composta por várias dessas habitações coletivas que traziam cada uma o nome da família. (LUXEMBURGO, 1971, p.83).

Deste modo, a documentação surgida na metade do século XIX, pesquisada por Rosa, pôs por terra a ideia do caráter eterno da propriedade privada. E, assim, Rosa extrai uma conclusão fundamental: "Chega-se por força à conclusão que esse comunismo de vilas não foi uma 'particularidade étnica' de uma raça ou de um continente, mas foi a forma geral da sociedade humana em certa etapa do desenvolvimento da civilização".(p.83). E, é também possível consultar como Mézáros define os elementos do "sistema comunal vislumbrado por Marx" (2009-p.198).

Vamos agora trazer a questão para nossas lutas atuais.

Emir Sader (2009) ao analisar os processos em curso em Nuestra America, afirma que "[...] a construção pós-neoliberal supõe, portanto, uma disputa prolongada de hegemonia entre o novo bloco social e político e as velhas estruturas de poder vigentes" (p.150). Sader sinaliza alguns pontos estratégicos.

Quanto mais contundentes forem os elementos de desmercantilização, de socialização nos processos de nacionalização, de construção de formas de poder popular, de construção de consensos de socialização, de peso do mundo do trabalho, de capacidade de luta contra a alienação, maiores serão as possibilidades de trânsito do pós-neoliberalismo na direção do anticapitalismo e do socialismo (p.155).

Conclusão similar vamos encontrar em outros estrategistas das lutas revolucionárias da América Latina. Um deles é Orlando Fals Borda, que, no ensaio intitulado "Globalização e Segunda República", diz em relação ao sistema comunal:

Se esta opção se desenvolve, parece inevitável que leve às alterações fundamentais em matérias, tais como a concepção de autoridade legítima e da política, a corresponsabilidade de governados e governantes, o acompanhamento socioeconômico comunal e a economia solidária. Abriria as comportas para outra grande revolução, invocadora das passadas, ainda que talvez, sem os serviços da parteira da violência armada tradicional. (Fals Borda, 2008).

Essa perspectiva, que podemos chamar de “autogestionária”, é proclamada pelo poeta Eduardo Galeano (2004): “É em virtude da esperança e não da nostalgia que nós devemos recuperar um modo de produção comunitário e um modo de vida fundado não sobre o lucro mas sobre a solidariedade, sobre as velhas liberdades e sobre a identificação entre o ser humano e a natureza”.

Para Galeano, a inspiração nestas culturas ancestrais “[...] contra a lei capitalista do lucro, propõem a via partilhada, de reciprocidade, de ajuda mútua, que antes inspirou a utopia de Thomas Morus e que nos ajuda hoje a descobrir a ‘visagem americana’ do socialismo, em que as raízes mais profundas apelam à tradição da comunidade”.(2004).

Um autor envolvido na construção de contra-hegemonia, o vice-presidente da Bolívia, Alvaro G. Linera, explicita essa utopia concreta engravidada em possibilidades abertas em seu país, uma inspiração romântica dialética entre passado e futuro:

O que estamos fazendo na Bolívia de modo difícil, as vezes com atraso, mas inelutavelmente como horizonte de nossa ação política, é encontrar uma via democrática à construção de um socialismo de raízes indígenas, que chamamos de socialismo comunitário. Este socialismo comunitário que recolhe os âmbitos da modernidade na ciência e tecnologia, porém que recolhe os âmbitos da tradição em associatividades, em gestão do comum, é um horizonte. (LINERA, 2010).

Estas ideias em curso na América Latina e Central, sem dúvidas têm sua origem na obra de Mariátegui. “[...] considero fundamentalmente esse fator incontestável e concreto que dá um caráter peculiar a nosso problema agrário: *a sobrevivência da comunidade e de elementos de socialismo prático na agricultura e na vida indígenas*”. (MARIÁTEGUI, *apud* MAZZEO, 2009, p.52).

Segundo Mazzeo, autor que vem analisando a obra do Amauta³³ a partir das experiências recentes nos Andes, em sua obra “Vigência de Mariátegui”, diz que para este autor tais elementos surgiram no Peru em tempos pré-incaicos e se desenvolveram, junto com uma economia *espontânea e livre*, até a Conquista espanhola. O que significa que estes elementos não foram eliminados ou afetados pelos Incas, que estes não alteraram esse estado natural; pelo contrário, segundo Mariátegui, o *potenciaram*: “O trabalho coletivo, o esforço

33 El Amauta (em quechua, significa “sábio” ou “professor”), por seu grande interesse pelos povos indígenas peruanos.

comum, foram empregados frutuosamente com fins sociais". Deste modo, estes elementos garantiram a subsistência e o crescimento da população. No marco do Império Inca, as comunidades foram as células de um Estado "dinâmico". (MAZZEO, 2009, p.52).

Todavia, ressalta Mazzeo, "essa postura, que põe Mariátegui na linha dos que sustentam a tese do 'Comunismo Incaico', não o conduziu a uma idealização ingênua do incato e a formulação de restaurações utópica". Pelo contrário, o Amauta dizia:

Não creio em obra taumatúrgica dos Incas. Julgo evidente sua capacidade política; porém, não menos evidente que sua obra consistiu em criar o império com os materiais humanos e os elementos morais herdados por séculos. O ayllu – a comunidade – foi a célula do Império. Os Incas fizeram a unidade, inventaram o Império, mas não criaram a célula. O Estado jurídico organizado pelos Incas reproduziu, sem dúvida, o Estado natural preexistente. Os Incas não violentaram nada (MARIÁTEGUI, *apud* MAZZEO, 2009, p.53).

Portanto, Miguel Mazzeo, na pista traçada por Mariátegui, recusa todo tipo de "nostalgia": "A tradição para permanecer viva e atuante não deve ser 'continuada' nem 'recomposta' mas 'redescoberta', isto é, refundada conscientemente". (2009, p.52).

Aprofundemos, então, esta ideia de Sistema Comunal.

Nos Andes, Raul Zibechi afirma que "[...] existe, sim, um *sistema comunal* que se expressa em formas econômicas e políticas: a propriedade coletiva dos recursos e o manejo ou usufruto privado dos mesmos; a deliberação coletiva e a rotatividade da representação" (...), sendo que o representante não é designado para mandar, senão para "simplesmente organizar o curso da decisão comum" (2006, p.38).

Na esfera do poder político, a figura do representante comunal é oposta à que conhecemos na política tradicional. "Nas comunidades, a representação não é voluntária, mas obrigatória e rotativa. À diferença da lógica neoliberal, na comunitária não se elege o mais capaz ou o mais instruído ou inteligente, mas apenas simplesmente ao que lhe toca o turno (...). Como a representação não é opção, mas um dever que se presta à comunidade, todos a seu turno devem prestar se querem seguir usufruindo dos bens comunais: terra, água, pastos." (ZIBECHI, 2006, p.39).

Segundo F. Patzi (2005), "as características do sistema comunal são universalizáveis". São as mesmas características e princípios da experiência da Comuna de Paris. Assim, a economia do sistema comunal exclui a exploração ou apropriação do trabalho alheio, já que os bens coletivos são usufruídos em forma privada/familiar. Da mesma forma, não existe o trabalho alienado, já que a família e seus membros controlam os modos e ritmos de produção, "não estão sujeitos a outro controle que não seja o da comunidade". (PATZI, 2005, p. 38).

Em relação ao Trabalho, em sua obra sobre a Vida Comunal, o genro de Marx, P. Lafargue (2007) diz que: "os conquistadores desembarcaram em um país onde

não se conhecia a miséria; em que os armazéns abundavam de milho e outros grãos (...) Havia alguns destes armazéns com alimentação para 10 anos” (p.337).

O trabalho em comum tinha atração de uma grande alegria social: numa hora do dia, do alto de uma torre ou de uma eminência convocava-se toda a população; os homens com as mulheres e as crianças iam com roupas de festas e com seus ornamentos mais belos. A massa se punha a trabalhar, cantando em coro os hinos que celebravam os altos feitos dos Incas; toda a tarefa era executada com esse espírito alegre, que sempre presidiu o trabalho em comum nas sociedades comunistas dos selvagens e dos bárbaros. (LAFARGUE, 2007, p.347).

Em todo o mundo, no período de hegemonia neoliberal, o par dialético marcado pelo antagonismo, “Capital x Trabalho”, assume nova configuração, afetando profundamente seus “personagens” históricos. Garcia Linera a partir da experiência boliviana, define estas mutações:

A estrutura material do trabalho e do capital se reconfiguram ante nossos olhos e, com isso, a própria estrutura material da constituição do trabalho, do trabalho assalariado e da classe operária. Isto que temos chamado da formação histórico-material da proletarização social (...). Entender as renovadas maneiras de constituição das classes sociais na sociedade contemporânea (...). Nos anos 1990, produziu-se uma reconfiguração total da condição operária que desorganizou tudo o que existia antes e deixou micronúcleos dispersos e fragmentados de identidade e de capacidade auto-organizativa. No mundo camponês indígena vimos a enorme vitalidade em termos de transformação política, de conquistas de igualdade, porém a enorme limitação e a ausência de possibilidades de formas comunitárias de gestão e produção da riqueza. (LINERA, 2008, p.20).

Pensando a construção de uma contra-hegemonia, enfim, Linera conclui sua ideia numa perspectiva marxista e autogestionária:

A construção da classe operária pelos próprios operários é a produção de um sujeito autônomo, de um sujeito que se define a si mesmo como coletividade, que elege, que opta sobre a formação de seu horizonte histórico. Nestas condições, a liberdade operária é o processo de sua libertação de ser-operário-do-capital e que, portanto, deixa de ser operário para afirmar-se como trabalhador livremente associado. (LINERA, 2008, p.117).

Quando a comunidade entra em rebelião, ela é capaz de derrogar de fato a fragmentação a que estava até então condenada a languidescer, e reabilita os *parâmetros comuns da vida cotidiana como ponto de partida de uma nova ordem social autônoma*. (...) Isso significa que é nestes momentos que o *mundo comunal-indígena* se deseja a si mesmo como origem e finalidade de todo o poder, de toda identidade e todo futuro que lhe compete (LINERA, 2008, p. 206).

No mesmo espírito mariateguiano, Linera segue seu raciocínio:

Com a rebelião, assim como a forma comunal de produzir, deixa de ser catalogada como uma relíquia de épocas remotas e se relança como embasamento racional de uma *forma superior de produzir autonomamente a vida em comum*, a política da comunidade deixa de ser aditivo "étnico" com o qual se doura localmente o predomínio da democracia liberal, e se mostra como *possibilidade de superação de todo regime de Estado*. (LINERA, 2008, p.206).

Além disso, assinalando o "Espírito Comunal da Autogestão" nestas lutas, Linera afirma que

Estamos diante de uma nova forma de sensação e produção do poder social, em que a gente aparece como consciente sujeito criador de seu destino, por muito trágico que este possa ser; ao passo que o velho poder alienado como Estado retorna em sua fonte de onde se autonomizou: as pessoas simples de carne e osso, os criadores do mundo e da riqueza que se reassumem como os verdadeiramente poderosos. A desalienação do poder político e econômico, moral e espiritual, é por isso a grande lição legada pelas contemporâneas revoltas indígenas continentais destes últimos anos. (LINERA, 2008, p.208).

Como vimos em várias análises anteriores nesse trabalho, nesse ponto atua o que chamamos de 'principio da autogestão comunal'. Diz Linera:

É aqui, na produção, que a fortaleza comunitária já tem uma capacidade herdada (controle comunitário da água, acesso à terra, pastos comunais, rotação de cultivos, formas de circulação da força de trabalho) que pode ser o ponto de partida de uma intensificação interna no próprio processo de produção local (familiar-comunal) e na articulação produtiva com outras comunidades. (LINERA, 2008, p. 36-37).

Enfim, aqui também se constrói, na proposta de Linera, o caráter 'pós-capitalista':

É na criação de um novo modo de produção material crescentemente socializado, expansivamente comunitarizado que se decide o destino pós-capitalista da sociedade e do mundo e é aqui em que se poderá começar a concentrar-se as potências, as energias autônomas comunitárias dos sindicatos e dos ayllus. (LINERA, 2008, p.37).

Concluimos, assim, que a obra de A. G. Linera, é uma das mais instigantes, pois é uma "análise concreta do concreto", teorização da experiência de mudança radical em curso na Bolívia. Pensamos que, ali onde A. G. Linera refere-se ao *Princípio de Comunidade*, podemos compreendê-lo como "Princípio da Autogestão Comunal".

A partir destas várias considerações sobre o “Modo de Produção Comunal”, podemos afirmar que a Economia Solidária porta elementos de autogestão comunal nas experiências de assentamentos do MST, nas fábricas recuperadas, nas cooperativas populares, nas várias cadeias produtivas, nas gestões coletivas e populares nos bairros e cidades, tipo Banco Palmas, nos Clubes de Trocas Solidárias.

Trata-se, então, que estas experiências espalhadas por todo Brasil, ainda fragmentadas, dispersas, desenvolvam formas de luta e organização, articuladas a outros atores sociais do campo e da cidade, que permitam superar a exploração e a dominação exercida pelo que Mészáros chama de “metabolismo social orgânico do Capital”.

Finalizemos com uma longa citação de Mészáros:

A única maneira de cumprir de forma bem-sucedida essa tarefa histórica é por meio da instituição e consolidação do verdadeiro *sistema comunal* de produção e consumo, em sua inseparabilidade dialética e recíproca, como sempre fora defendido por Marx. [...] Pois o desafio histórico consiste em ir *para além do capital*, no sentido pleno do termo, englobando todas as dimensões do complexo processo emancipatório, incluídas suas dimensões ontológicas sociais que remontam ao passado muito distante como indicado anteriormente. (MÉSZÁROS, 2010).

Referências:

- BERT, Andreas. *La Liga de los Comunistas*. Madrid: Ediciones de Cultura popular, 1977.
- BRASIL. *Pé dentro, pé fora na ciranda do poder popular*. Sistematização da RECID. Brasília, 2012.
- CLASTRES, Pierre. *Society against the State*. Zone Books: New York, 1989.
- FALS-BORDA, O. *Globalização e segunda republica*. Cadernos de Pensamento crítico latino-americano. São Paulo: Expressão Popular/Clacso, 2008.
- FREIRE, Ana Maria Araújo (Org.). *Pedagogia dos Sonhos Possíveis*. São Paulo: Unesp, 2001.
- FREIRE, Ana Maria Araújo (Et al). *Coleção Memória Pedagógica, n° 4: Paulo Freire: a utopia do saber*, Editor Manuel da Costa Pinto. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Segmento-Duetto, 2005.
- GUEVARA, E. Che. *Apuntes críticos a la Economía Política*. Ocean Sur, 2006.
- GUEVARA, E. Che. *El Gran Debate sobre la Economía en Cuba*. Ocean Sur, 2006.
- GUEVARA, E. Che. *Le socialisme et l'homme à Cuba*. Paris: François Maspero, 1966.
- LAFARGUE, Paul. *La propriété, origine et évolution*. França: Éditions Du Sandre, 2007.

- LINERA, A. Garcia. *La Potencia Plebeya*. Buenos Aires: Clacso: Prometeo Libros, 2008.
- LINERA, A. Garcia. *Forma valor y forma comunidad*. La Paz: Clacso: Muela del diablo editores, Comuna, 2009.
- LINERA, A. Garcia. *A Potência Plebéia*. Buenos Aires; São Paulo: Clacso: Boitempo Editorial, 2010.
- LUXEMBOURG, Rosa. *Introduction à l'économie politique*. Paris: Anthropos, 1971.
- KROPOTKIN. *El Apoyo Mutuo*. Espanha: Madre Tierra, 1989.
- MARIÁTEGUI, J.C. *Sete Ensaios de interpretação da realidade peruana*. Editora Alfa-Omega. São Paulo: 2004.
- MARX, Karl. *Grundrisse*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.
- MAZZEO, Miguel. *Invitación Al Descubrimiento*. J. C. Mariategui y el socialismo de Nuestra America. Editorial El Colectivo: Argentina, 2009.
- MAZZEO, Miguel. Los elementos de socialismo practico. In: CUESTA, Micaela et al. *Vigencia de Mariategui*. Ensayos sobre su pensamiento. Buenos Aires: Dialektik, 2009.
- MÉSZÁROS, István. *Para Além do Capital*. Rumo a uma teoria da transição. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.
- MÉSZÁROS, István. *O Poder da Ideologia*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.
- MÉSZÁROS, István. *A Educação para Além do capital*. Boitempo Editorial, 2005.
- MÉSZÁROS, István. *A Teoria da Alienação em Marx*. Boitempo Editorial, 2006.
- MÉSZÁROS, István. *O Desafio e o Fardo do Tempo Histórico*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.
- MÉSZÁROS, István. *A Crise Estrutural do Capital*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009a.
- MÉSZÁROS, István. *Estrutura Social e Formas de Consciência*. A determinação social do método. Boitempo editorial, 2009b.
- MÉSZÁROS, István. *Atualidade Histórica da Ofensiva Socialista*. Boitempo Editorial, 2010.
- MÉSZÁROS, István. *Estrutura Social e Formas de Consciência II*. A dialética da estrutura e da Historia. Editorial Boitempo, 2011.
- NASCIMENTO, Cláudio. *Che Guevara, trabalho, autogestão e socialismo*. Disponível em <www.iiiep.org.br>. Acesso 2011.
- PANNEKOEK, Anton. *Los consejos obreros*. Buenos Aires: Editorial Proyeccion, 1976.
- PANNEKOEK, Anton. *Les Conseils Ouvriers*. Paris: Spartacus, 1982. [02 volumes]
- PATZI, Felix. *Sistema Comunal*. Editorial CEA, Bolívia, 2005.
- RUBEL, M. *Crónica de Marx*. Barcelona: Anagrama, 1973.
- RIAZANOV, D. *Introduction historique de "Le Manifeste Communiste"*. Paris: A. Costes, 1947.
- SADER, Emir. *A Nova Toupeira*. Editorial Boitempo, 2009.
- ZIBECHI, Raul. *Dispersar el Poder*. Buenos Aires: Tinta Limon Ediciones, 2006.

O Operário Em Construção

Vinicius de Moraes

Era ele que erguia casas
Onde antes só havia chão.
Como um pássaro sem asas
Ele subia com as casas
Que lhe brotavam da mão.
Mas tudo desconhecia
De sua grande missão:
Não sabia, por exemplo
Que a casa de um homem é um templo
Um templo sem religião
Como tampouco sabia
Que a casa que ele fazia
Sendo a sua liberdade
Era a sua escravidão.

De fato, como podia
Um operário em construção
Compreender por que um tijolo
Valia mais do que um pão?
Tijolos ele empilhava
Com pá, cimento e esquadria
Quanto ao pão, ele o comia...
Mas fosse comer tijolo!
E assim o operário ia
Com suor e com cimento
Erguendo uma casa aqui
Adiante um apartamento
Além uma igreja, à frente
Um quartel e uma prisão:
Prisão de que sofreria
Não fosse, eventualmente
Um operário em construção.

Mas ele desconhecia
Esse fato extraordinário:
Que o operário faz a coisa
E a coisa faz o operário.
De forma que, certo dia
À mesa, ao cortar o pão
O operário foi tomado
De uma súbita emoção
Ao constatar assombrado
Que tudo naquela mesa
- Garrafa, prato, facção -
Era ele quem os fazia
Ele, um humilde operário,
Um operário em construção.
Olhou em torno: gamela
Banco, enxerga, caldeirão
Vidro, parede, janela
Casa, cidade, nação!
Tudo, tudo o que existia
Era ele quem o fazia
Ele, um humilde operário
Um operário que sabia
Exercer a profissão.

Ah, homens de pensamento
Não sabereis nunca o quanto
Aquele humilde operário
Soube naquele momento!
Naquela casa vazia
Que ele mesmo levantara
Um mundo novo nascia
De que sequer suspeitava.
O operário emocionado
Olhou sua própria mão
Sua rude mão de operário
De operário em construção
E olhando bem para ela
Teve um segundo a impressão
De que não havia no mundo
Coisa que fosse mais bela.

Foi dentro da compreensão
Desse instante solitário
Que, tal sua construção
Cresceu também o operário.
Cresceu em alto e profundo
Em largo e no coração
E como tudo que cresce
Ele não cresceu em vão
Pois além do que sabia
- Exercer a profissão -
O operário adquiriu
Uma nova dimensão:
A dimensão da poesia.

E um fato novo se viu
Que a todos admirava:
O que o operário dizia
Outro operário escutava.

E foi assim que o operário
Do edifício em construção
Que sempre dizia sim
Começou a dizer não.
E aprendeu a notar coisas
A que não dava atenção:

Notou que sua marmita
Era o prato do patrão
Que sua cerveja preta
Era o uísque do patrão
Que seu macacão de zuarte
Era o terno do patrão
Que o casebre onde morava
Era a mansão do patrão
Que seus dois pés andarilhos
Eram as rodas do patrão
Que a dureza do seu dia
Era a noite do patrão
Que sua imensa fadiga
Era amiga do patrão.

E o operário disse: Não!
E o operário fez-se forte
Na sua resolução.

Como era de se esperar
As bocas da delação
Começaram a dizer coisas
Aos ouvidos do patrão.
Mas o patrão não queria
Nenhuma preocupação
- "Convençam-no" do contrário -
Disse ele sobre o operário
E ao dizer isso sorria.

Dia seguinte, o operário
Ao sair da construção
Viu-se súbito cercado
Dos homens da delação
E sofreu, por destinado
Sua primeira agressão.
Teve seu rosto cuspido
Teve seu braço quebrado
Mas quando foi perguntado
O operário disse: Não!

Em vão sofrera o operário
Sua primeira agressão
Muitas outras se seguiram
Muitas outras seguirão.
Porém, por imprescindível
Ao edifício em construção
Seu trabalho prosseguia
E todo o seu sofrimento
Misturava-se ao cimento
Da construção que crescia.

Sentindo que a violência
Não dobraria o operário
Um dia tentou o patrão
Dobrá-lo de modo vário.
De sorte que o foi levando
Ao alto da construção
E num momento de tempo
Mostrou-lhe toda a região
E apontando-a ao operário
Fez-lhe esta declaração:
- Dar-te-ei todo esse poder
E a sua satisfação
Porque a mim me foi entregue
E dou-o a quem bem quiser.
Dou-te tempo de lazer
Dou-te tempo de mulher.
Portanto, tudo o que vês
Será teu se me adorares
E, ainda mais, se abandonares
O que te faz dizer não.

Disse, e fitou o operário
Que olhava e que refletia
Mas o que via o operário
O patrão nunca veria.
O operário via as casas
E dentro das estruturas
Via coisas, objetos
Produtos, manufaturas.
Via tudo o que fazia
O lucro do seu patrão
E em cada coisa que via
Misteriosamente havia
A marca de sua mão.
E o operário disse: Não!

- Loucura! - gritou o patrão
Não vês o que te dou eu?
- Mentira! - disse o operário
Não podes dar-me o que é meu.

E um grande silêncio fez-se
Dentro do seu coração
Um silêncio de martírios
Um silêncio de prisão.
Um silêncio povoado
De pedidos de perdão
Um silêncio apavorado
Com o medo em solidão.

Um silêncio de torturas
E gritos de maldição
Um silêncio de fraturas
A se arrastarem no chão.
E o operário ouviu a voz
De todos os seus irmãos
Os seus irmãos que morreram
Por outros que viverão.
Uma esperança sincera
Cresceu no seu coração
E dentro da tarde mansa
Agigantou-se a razão
De um homem pobre e esquecido
Razão porém que fizera
Em operário construído
O operário em construção.

Economia popular solidária: (re)construindo caminhos

Telmo Adams³⁴

O trabalho humano congrega toda a atividade produtiva e criativa de bens materiais e imateriais, produzindo assim o mundo, o próprio homem: a cultura. Nesse sentido, somos o resultado histórico do trabalho. Ou seja, o trabalho não se restringe à ação produtora de mercadorias, mas abrange o "sentido mais amplo de toda ação criadora ou transformadora, que relaciona uma pessoa ou um grupo social consigo próprio, com outros e/ou com a natureza" (ARRUDA, 2003, p. 204).

Na contramão dessa compreensão de trabalho, a investida neoliberal, desde a década de 1970, desencadeou um processo de reestruturação capitalista de alcance mundial, dando uma nova cara e ritmo à globalização dos mercados. A revolução na área das tecnologias e da comunicação e as profundas mudanças culturais repercutem em todas as dimensões da vida. O mundo do trabalho sofreu e sobre crescentes alterações em decorrência do domínio de grandes corporações internacionais do capital financeiro especulativo (NOVAES, 2011). É claro, nessa economia sem coração, sem sentimento, os trabalhadores que são a maioria da população não estão contemplados. É um sistema pensado para poucos, muito poucos!

O sonho de uma sociedade mais igualitária e vida digna para todos levou um duro golpe com a queda do modelo socialista da ex-União Soviética e da Alemanha Oriental. A partir desse fato, o fracasso social do capitalismo se escondeu numa carcaça enfeitada dizendo-se o único sistema viável no mundo. Decretaram a monocultura do "pensamento único", isto é, quem não pensasse como os seus defensores eram considerados atrasados e fora da história. Pregaram o "fim da história", das classes e das alternativas ao capitalismo.

Contudo, frente aos resultados perversos do capitalismo na área produtiva e social, para não deixar morrer as utopias de um mundo com justiça social, os movimentos de resistência buscaram encontrar novas estratégias para reconstruir propostas socialistas. Enquanto os países do norte articulavam-se no Fórum de Davos, as forças emancipadoras promoviam um movimento de mundialização das resistências e das experiências alternativas ao sistema hegemônico (dominante), reunindo experiências da maioria dos países. Além de denunciar o desemprego e a precarização do trabalho, o desmantelamento dos serviços públicos com sua vergonhosa privatização e mercantilização, tal mobilização tinha como objetivo básico mostrar as consequências do modelo predador que degrada a vida humana e a natureza como um todo. O espaço referencial das lutas antiglobalização capitalista e a favor de outro mundo passou a ser o Fórum Social

Mundial que iniciou em Porto Alegre (AMIN e HOURTART, 2004). Esse movimento mundial, de certa forma era e continua sendo um reflexo das mobilizações locais, regionais e nacionais, não somente de denúncia ou de resistência, mas especialmente de anúncio. Tem sido um fértil espaço de partilha de experiências e reflexão sobre os seus sentidos, para publicar a todo mundo as alternativas de outra organização social, econômica, política e cultural que estão dando certo. Entre estas experiências, estão as de economia popular solidária.

O alcance das resistências e iniciativas locais de solidariedade

Frente à crise do modo de produção capitalista, tende a universalizar-se o “polo marginal da economia”, ou da chamada informalidade onde as drásticas transformações mundiais levam os trabalhadores e trabalhadoras a tipos de situações como (QUIJANO, 2002): a) submissão a formas pré-históricas de exploração, nas condições resultantes das tendências e necessidades atuais do capitalismo; b) assumir estratégias de sobrevivência dentro da mesma lógica e mecanismos capitalistas, como reivindicação de emprego; c) prática da reciprocidade ou do trabalho associado em novas condições, mas sem autonomia em relação aos instrumentos e mecanismos da lógica capitalista. As experiências de economia solidária multiplicam-se como uma das formas de resistência, de (re)criação de uma outra economia. Assim, formas autogestionárias de organização dos trabalhadores carregam um potencial para viabilizar outro modo de vida em sociedade.

Embora a metade da população economicamente ativa brasileira (PEA) esteja na economia não formal (dados IBGE 2008), os quase dois milhões de trabalhadores ligados à economia solidária no Brasil ainda não são reconhecidos como importantes no conjunto da economia nacional. Estes trabalhadores integram um conjunto de experiências “desperdiçadas” (SANTOS, 2004) pela visão hegemônica e insignificante dos burocratas da alta administração do Estado. Contudo, acreditamos que essas experiências vem carregadas de ricos elementos e sentidos de esperança de vida; não só para os seres humanos, mas para todo o planeta que corre risco no atual modelo de mercantilização de tudo o que existe.

Usando como referência a chamada “trilogia da emancipação” em torno de três pilares - trabalho, participação e educação (já citada anteriormente) -, podemos detalhar uma compreensão e postura crítica necessárias em relação aos sentidos da economia solidária no atual momento histórico.

No primeiro pilar, destacamos o trabalho, mas de modo especial, o trabalho associado como espaço de produção e reprodução da vida dentro de uma nova cultura onde o trabalho se constitui matriz do processo educativo. Esse pilar articula-se reciprocamente com o da participação e da educação, sendo que cada

um dos três pode constituir-se em mediação de maneira concomitante e interativa. Ou seja, o trabalho como princípio educativo se potencializa pela participação; e essa dimensão educativa alimenta o ciclo do processo emancipatório que implica o fortalecimento do ambiente de autogestão. Nessa dinâmica, a autonomia solidária e a corresponsabilidade constituem a riqueza e a superioridade da organização em relação à heterogestão das práticas capitalistas.

Os empreendimentos de trabalho associado que integram a economia solidária, apesar da fragilidade e contradições inerentes a eles, pretendem cultivar um espaço real de trabalho emancipado onde se destacam a cooperação, a corresponsabilidade, a autogestão. Em síntese, possibilita um trabalho mais autônomo, não alienado.³⁵ O trabalho emancipado na economia solidária propõe-se um "novo sentido do trabalho que tem como horizonte a constituição de uma nova sociedade, na qual o trabalhador supere sua condição de mercadoria, resgate o direito de ser proprietário coletivo dos meios de vida, consiga superar a desvinculação entre si e seu produto, controlando o ritmo e o tempo de trabalho" (TIRIBA, 2001, p. 90); pretende buscar uma remuneração digna para as pessoas em idade de trabalhar. Tais experiências inspiram-se em outros modos de compreensão da vida, outro padrão tecnológico, com a utilização e geração de tecnologias sociais. Propõe um desenvolvimento (SINGER, 2004) com emancipação social e sustentabilidade socioambiental.

De acordo com uma das correntes de pensamento, a economia solidária está se constituindo como uma das tendências de organização dos trabalhadores decorrente das metamorfoses do trabalho. No entanto, é preciso lembrar que ela se organiza "contra a correnteza" das relações capitalistas de flexibilização da legislação trabalhista, da terceirização e precarização do emprego. Em certo sentido, o fenômeno da informalidade tende a consolidar-se como uma forma dominante de trabalho precarizado na produção e reprodução do capital. E o que preocupa é que muitos empreendimentos de economia solidária encontram-se na lógica desse modo terceirizado de prestação de serviços para empresas capitalistas ou instituições públicas que intencionam reduzir custos. Como fica a autonomia desses empreendimentos que acabam se sujeitando às regras dadas pelos contratantes?

Ao contratar cooperativas para prestar serviços de forma terceirizada, a empresa privada ou mesmo órgão público, transfere os riscos da atividade para os prestadores de serviços. O contratante desses empreendimentos de economia solidária apropria-se do resultado do trabalho gerado pelos associados, barateando seus custos e aumentando seus lucros. É o caso de cooperativas que prestam serviços para uma indústria; ou das cooperativas de catadores que são contratadas por prefeituras sem a devida contrapartida pela prestação desse serviço público prestado.

35 De acordo com a compreensão marxista, duas dimensões distintas articulam o trabalho como mundo da liberdade (trabalho criador, emancipado, autogestionário) e mundo da necessidade (trabalho alienado, precarizado), (cf. FRIGOTO, 2002; KUENZER, 1995).

Como entra nesse ambiente o modo solidário de produzir? Nesse aspecto, é fundamental não perder o senso crítico. Os empreendimentos solidários não estão isentos de reproduzir as formas precarizadas de trabalho. O trabalho associado, em última análise, em muitos casos, continua sendo um processo marginal, inserido e dependente do modo de produção capitalista dominante. Além disso, da extrema dependência da cooperativa em relação às normas e condições que ela assume como contratada, a situação se agrava pela necessidade de ajustamento e submissão da produção às regras do mercado consumidor (ADAMS, 2010).

Mas então, quais são as perspectivas da economia popular solidária? Vale ponderar que essas limitações na autonomia da economia solidária no contexto da economia dominante não nega os significados reais para seus participantes, sua contribuição educadora e estratégica, para testemunhar outra cultura de trabalho e reascender utopias de outro mundo possível. As cooperativas autogestionárias dão uma contribuição importante na desmercantilização da força de trabalho, mesmo que isso não gere automaticamente mudanças ao nível estrutural. Todavia, a mudança estrutural não acontecerá sem uma nova concepção e forma de organização do trabalho que se constrói na prática e na reflexão (práxis). A construção de uma cultura do trabalho associado se dá de forma dialética em meio às contradições através da mediação entre a antiga forma e o novo modo de produzir. De acordo com Novaes (2011), os pensadores clássicos já concluíram que o cooperativismo e outras experiências de auto-organização dos trabalhadores carregam um potencial de transformação social com perspectiva de transcender o trabalho alienado. Segundo o autor, “as cooperativas de resistência são ‘anfíbios embrionários’ que poderão florescer ou degenerar, em função do processo histórico no qual estão inseridos” (Idem, p. 162).

Como conclusão, vale destacar que, em grande parte, a economia solidária carrega uma potencialidade. Trata-se de uma prática que acontece localizada-mente, na forma de resistência ao modo de produção vigente que pode constituir-se em embrião de um caminho emancipatório com possibilidade de articular um projeto societário de superação do capitalismo. Para não se cair nos extremos de que a economia solidária não serve para nada, ou que ela já significa o fim do capitalismo, vale considerar a tensão entre a dimensão utópica e a realidade frágil dos empreendimentos e do movimento de economia solidária. Contribui para uma visão realista o confronto com indicadores qualitativos para captar os sentidos emancipatórios dessas práticas não capitalistas.

Indicadores podem ser formulados a partir de questões como: a organização e a prática do trabalho, nos empreendimentos, contemplam elementos da autogestão no seu cotidiano? Quais? Em que medida ocorre o investimento no processo de formação entre os sócios do empreendimento, seja na prática de trabalho, momentos específicos, ou no processo de organização e gestão? Qual a relação que os sócios estabelecem entre a experiência do seu empreendimento e a postura crítica em relação aos pilares que sustentam o

capitalismo (a competitividade, a produção para o lucro e mercantilização da vida, etc.)? Qual o nível de envolvimento (individual e coletivo) dos sócios em mobilizações e lutas emancipadoras mais amplas? E como esse envolvimento se verifica na interação entre a tensão dos objetivos ético-políticos e técnico-produtivos do empreendimento? Entre outros aspectos, são alguns parâmetros para a formulação de indicadores que podem contribuir para aproximar a visão utópica da condição prática dos empreendimentos.

Em síntese, no capitalismo, o trabalho é reduzido a fator de produção, em troca de um salário que viabiliza, para a grande maioria "dos que vivem do trabalho", uma precária condição de sobrevivência. O trabalho passa a ser uma mercadoria, menos importante do que a máquina, o dinheiro. O resultado é a mercantilização da vida humana e tudo o que existe. Como já dizia Karl Marx (1974), as relações de dominação do capital sobre o trabalho, no capitalismo, desvirtuam o sentido ontológico do trabalho. Ou seja, o modo capitalista de produção inviabiliza, para a maioria da população, a emancipação humana e social, resultando na degradação do ser humano.

É aqui que entram em cena os trabalhadores, empreendimentos e instituições de apoio à economia solidária para (re)construir caminhos, para trazer de volta o sentido humanizador do trabalho com vistas a superar as relações de exploração e as dominações. Em que medida isso já começou a acontecer? O lema "uma outra economia acontece" quer marcar e valorizar o que já se consegue com muito esforço e luta. Mas, muito do que se afirma, continua no horizonte enquanto se alimenta a utopia a ser concretizada a médio e longo prazo.

Na luta por conquistar políticas públicas, o movimento de economia solidária fez belos esforços ao indicar propostas concretas aos governos. Tal empenho começou a ter maior eco a partir de 2003 no governo de Luiz Inácio Lula da Silva. Foram alguns anos de experimentação no sentido de implementar políticas de fortalecimento às experiências atuais. A intenção foi a de contribuir de forma estruturante para a ampliação de empreendimentos solidários e conquistar ações efetivas para o processo educativo, de assessoria técnica, de crédito diferenciado, de constituição de um novo marco legal, entre outras proposições.

Eis alguns elementos de reflexão para (re)construção de caminhos com os pés no chão e o coração na utopia.

Referências

ADAMS, Telmo. *Educação e economia popular solidária: mediações pedagógicas do trabalho associado*. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2010.

AMIN, Samir e HOURTART, François (editores). *Mundialización de las resistencias Estado de las luchas 2004*. Colômbia: Ediciones Desde Abajo, 2004.

ARRUDA, Marcos. *Humanizar o infra-humano: a formação do ser humano integral: homo evolutivo, práxis e economia solidária*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

FRIGOTTO, Gaudêncio. *A dupla face do trabalho: criação e destruição da vida*. In: A experiência do trabalho e a educação básica. In: _____; CIAVATTA, Maria (Orgs.). *A experiência do trabalho e a educação básica*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 11-27.

KUENZER, Acácia Z. *Pedagogia da fábrica: As relações de produção e a educação do trabalhador*. 4. ed. rev. São Paulo: Cortez, 1995.

MARX, Karl. *Os Pensadores*. Vol. XXXV. São Paulo: Victor Civita, 1974.

NOVAES, Henrique T. *A autogestão como magnífica escola: notas sobre educação no trabalho associado*. In: BATISTA, Eraldo Leme e NOVAES, Henrique (orgs.). *Trabalho, Educação e Reprodução Social*. As contradições do capital no século XXI, 2011. p. 133-178.

QUIJANO, Aníbal. *Sistemas alternativos de produção? Tradução de Manuel del Pino*. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). *Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 475-414.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências*. In: _____ (Org.). *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado*. São Paulo: Cortez, 2004, p. 777-819.

SINGER, Paul. *Desenvolvimento capitalista e desenvolvimento solidário*. *Estudos Avançados*, 18 (51), 2004. In: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n51/a01v1851.pdf>. Acesso em: março de 2011.

TIRIBA, Lia. *Economia popular e cultura do trabalho: Pedagogia(s) da produção associada*. Ijuí, RS: Editora Unijuí, 2001 (Coleção Fronteiras da Educação).

Considerações Finais

A sistematização da experiência da Escola de Formação Básica Multiplicadora da Economia Popular Solidária, de que tratamos neste livro, nos obrigou a uma revisão geral sobre o que temos feito e refletido nesta área, que se tornou central na ação do CEFURIA nos últimos 10 anos. Apaixonante e desafiadora, a "Escolinha" nos mostra um mundo que se abre como possibilidade concreta de emancipação mas, ao mesmo tempo, como risco de precarização. A vigilância deve ser redobrada.

Tendo como pano de fundo a realidade atual e sua aparente desestruturação social, explicitada no individualismo e consumismo exacerbados, no desperdício e destruição dos recursos naturais, no desemprego e precarização do trabalho, na exclusão, fome e violência, precisamos manter sempre uma postura problematizadora, dialógica, não idealizada em relação à EPS e à própria "Escolinha". Esta é a linha de reflexão apontada no artigo de Telmo Adams que nos mostra como o sistema capitalista se apropria e acumula tirando proveito inclusive das experiências coletivas, a partir dos processos de terceirização.

As reflexões de Telmo explicitam que as possibilidades apontadas por estas experiências e as reflexões por ela suscitadas, as práticas transformadas cotidianamente e as esperanças por ela plantadas, não podem nos afastar da crítica ou de um olhar que nos permita ver as fragilidades ainda presentes em tais práticas e a fortaleza do gigante a ser derrubado. Por isso, a equipe responsável pela "Escolinha", além de cada vez mais aprofundar o conhecimento do sistema capitalista cujos pilares são criticados - desigualdades sociais, ditadura do capital, concorrência, degradação ambiental, alienação do trabalho, propriedade privada dos meios de produção - deve manter um olhar vigilante sobre a mesma. Só assim ela poderá contribuir para a compreensão e a expansão de um novo jeito de ver o mundo e transformá-lo.

A "Escolinha" é, no CEFURIA, a principal ferramenta para isso. Como espaço de formação permanente, devemos sempre nos perguntar se as práticas identificadas com o campo da Economia Solidária estão se constituindo num movimento social de organização e luta pelo trabalho, para além de sua forma emprego. Afinal, elas podem ser identificadas como embriões de um novo modo de produção da vida? Existe, concretamente, nas práticas de Economia Solidária uma reaproximação entre concepção e execução, nos processos de trabalho realizados? A EPS cria resistências efetivas aos processos de internalização dos valores capitalistas? Estas são questões de fundo, que não podem calar, se efetivamente acreditamos nesta "outra economia", como potência real de transformação.

A sistematização, fiel à experiência desenvolvida, tende a nos deixar bastante otimistas, porque a "Escolinha" encanta a maioria de seus (as) participantes, na medida em que apresenta para eles e elas um mundo prenhe de possibilidades, uma história em aberto, um sonho a ser construído cotidianamente. E este "novo espírito" nos contagia a todos - participantes, assessores, coordenação. Principalmente porque este "espírito" tem se experimentado na prática e

colocado em cheque valores arraigados, tirando-os do fundo de nossas consciências e cobrando coerência. Esta liga entre educação, trabalho e participação que permeia a metodologia da “Escolinha”, nos impede de cruzar os braços, de remar a favor da maré. Nos obriga a nascer de novo!

O artigo de Cláudio Nascimento, explicita a responsabilidade das gerações atuais em relação ao legado histórico que herdamos de nossos antepassados. Ao mesmo tempo, nos enche de esperança quando nos apresenta, junto com outros autores (as) que este “novo espírito” é bem mais antigo do que supomos, é a “força da comunidade”. Um sentimento que renasce das cinzas, Conquista após Conquista, desde 1492. Por isso nos animamos a falar de uma “trilogia da emancipação”, que existe como potência latente nas experiências econômico-populares atuais.

A Educação Popular tem se constituído já há muitos anos, no Brasil e na América Latina, em ferramenta e, ao mesmo tempo, em projeto político-pedagógico para a luta por direitos sociais e econômicos das classes populares. Entretanto, na perspectiva da emancipação, ela sozinha apresenta limites, porque ainda que contribua com o desvelamento da realidade e impulsione ações concretas de transformação social, não consegue por si só superar os processos de alienação, cuja origem é o trabalho.

Neste sentido, a Economia Popular Solidária avança em possibilidades porque fundamenta-se no trabalho coletivo, associativo ou cooperativo. Denuncia os pilares que sustentam o capitalismo e, ao mesmo tempo, anuncia e experimenta nova forma de produção e reprodução da vida, estimulando a criatividade, o resgate da autoestima, a quebra de isolamento e a mobilização da sociedade de baixo para cima.

Como territórios de encontro, trabalho e alegria, os experimentos econômico-populares, bem como os pequenos espaços de formação, criam resistência à internalização dos valores capitalistas e exercitam a construção de novos valores e princípios, fundados na solidariedade e na autogestão. Constituem-se em espaços de diálogo e responsabilidade, bases para o autogoverno e a democracia real.

Numa perspectiva crítica, Economia Popular Solidária e Educação Popular juntas impulsionam a organização e a participação política, aproximando trabalhadoras e trabalhadores dos “empreendimentos” aos movimentos sociais e lutas mais amplas da sociedade, contribuindo para a superação do assistencialismo, acomodação e fatalismo. Rompe, gradativamente, com a histórica separação campo-cidade e reaproxima os oprimidos onde quer que estejam. A “Escolinha” se constitui num destes espaços comuns.

Finalmente, esperamos que este livro fique longe das estantes e armários e circule como ciranda a alegrar, estimular, esperar o maior número de pessoas que ainda acreditam na possibilidade de mudança; que não perderam a vontade de sonhar; nem a garra para construir este sonho dia após dia.

Referências Teóricas Gerais

AÇÃO CATÓLICA OPERÁRIA (ACO). História da classe operária no Brasil. Gestão e nascimento, 1500-1888 (1º Caderno). Infância dura, resistência, 1888-1919 (2º Caderno). Idade difícil, 1920-1945 (3º Caderno). Amadurecimento, 1945-1964 (4º Caderno). Rio de Janeiro: ACO, 1985.

ALBORNOZ, Suzana. O que é trabalho. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Coleção Primeiros Passos).

ALENCAR, Chico. BR 500: um guia para a redescoberta do Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. (Coleção 500 anos de Brasil).

ALVES, Rubem. A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir. Campinas, Papirus Editora, 5.ed. 2003.

ARRUDA, Marcos. Humanizar o infra-humano. A formação do ser humano integral: homo evolutivo, práxis e economia solidária. Petrópolis, RJ : Vozes, 2003.

BARBOSA, L. M. A. e MANGABEIRA, W. C. A incrível história dos homens e suas relações sociais. Ilustrações de Clemente Souza de Carvalho Borges. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

BEZ, A. C. e CARNEIRO, G. Economia solidária: que mundo estamos construindo? Curitiba: CEFURIA, 2004. (Caderno 5 da Série "História Social do Trabalho").

BOCAYUVA, P. C. C. As metamorfoses do trabalho e da cooperação produtiva: a economia popular e solidária na perspectiva da nova centralidade do trabalho. Rio de Janeiro : FASE, 2007.

BRAVERMAN, H. Trabalho a capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

CARNEIRO, Gisele. A pedagogia de Paulo Freire: uma pedagogia humanizadora. Curitiba: CEFURIA, 2004. (Caderno 1 da Série "História Social do Trabalho").

CARNEIRO, Gisele. Outro consumo é possível. Curitiba: CEFURIA-CICAF-RECID, 2009.

DUSSEL, Enrique. Ética da libertação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade. 6ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREIRE, Paulo. Conscientização: teoria e prática da libertação. 3ª ed. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 16ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE E BETTO. Essa escola chamada vida. Depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1986.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 27ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

- FREIRE, Paulo. Educação e atualidade brasileira. São Paulo: Cortez/IPF, 2001.
- GORZ, André. Misérias do presente, riqueza do possível. São Paulo: Annablume, 2004.
- GRUPO TAO. A mística do animador popular. São Paulo: Ática, 1996. (Cadernos de religião e cidadania).
- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. Império. Rio de Janeiro : Record, 2001.
- HOLLIDAY, Oscar Jara. Para sistematizar experiências. João Pessoa: UFPB, 1996.
- LAFARGUE, Paul. Direito à Preguiça. 2.ed. São Paulo, Hucitec, 2000.
- MARX, K. e ENGELS, F. A ideologia alemã (Feuerbach). 5ª ed. São Paulo: Hucitec, 1986.
- MARX, Karl. O capital: crítica da economia política. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Manifesto do Partido Comunista. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- MARTÍN-BARÓ, I. Psicología de la liberación. Edición, introducción e notas de Amalio Blanco. Epílogo de Noam Chomsky. Madrid : Editorial Trotta, 1998.
- MÉSZÁROS, István. A teoria da alienação em Marx. São Paulo: Boitempo, 2006.
- MORIN, Edgar. Ciência com consciência. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- MORIN, Edgar. Elogio da metamorfose. Jornal Le Monde, 9-01-2010.
- NASCIMENTO, Cláudio. Autogestão na pedagogia. São Paulo: IIEP, novembro/2011.
- NEILL, A. S. Liberdade sem medo. São Paulo: Ibrasa, 1963.
- POLANYI, Karl. A grande transformação: as origens da nossa época. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2009.
- PRADO JÚNIOR, Caio. História econômica do Brasil. 31ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- RAGO, L. M. e MOREIRA, E. F. P. O que é taylorismo. São Paulo: Brasiliense, 1984. (Coleção Primeiros Passos).
- RAMOS, L. P. R. e KNAPIK, M. O trabalho humano: das sociedades comunais ao modo de produção feudal. 3ª ed. modificada. Curitiba: CEFURIA, 2010. (Caderno 2 da Série "História Social do Trabalho").
- SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SILVA, Antonio F. Gouvêa da. A busca do tema gerador na práxis da educação popular. Organização de Ana Inês Souza. 2ª ed. Curitiba: CEFURIA, 2007.

SOUZA, A. I. e CARNEIRO, G. As utopias em torno do trabalho: liberdade e criação. Curitiba: CEFURIA, 2004. (Caderno 4 da Série "História Social do Trabalho").

SOUZA, A. I. e KNAPIK, M (Orgs). Rompendo o silêncio e escrevendo a nossa história. Curitiba: CEFURIA, 2004. (Caderno 6 da Série "História Social do Trabalho").

SOUZA, A. I.; MARCHI, L.; MACHADO, M. I. O trabalho no capitalismo: alienação e desumanização. Curitiba: CEFURIA, 2004. (Caderno 3 da Série "História Social do Trabalho").

SOUZA, A. I. CEFURIA: 25 anos fazendo história popular. Curitiba: CEFURIA, 2006.

WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. 2ª ed. São Paulo: Pioneira; Brasília: Editora da UNB, 1981.

ZIBECHI, R. Territórios de la dominación y de las resistencias. Comunicação feita na Universidade Xaveriana, Bogotá, abril de 2008. Disponível em <<http://idescalzos.blogspot.com.br/2008/09/territorios-de-la-dominacin-y-de-las.html>>. Acesso 19/03/2012.

Lista de siglas

EPS - Economia Popular Solidária
CEFURIA - Centro de Formação Urbano Rural Irmã Araújo
UNISINOS- Universidade do Vale do Rio dos Sinos
RECID - Rede de Educação Cidadã
IFIL - Instituto de Filosofia da Libertação
PACS - Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul
CECOPAM - Centro Comunitário e de Proteção Alimentar Padre Miguel
AEC - Associação de Educação Católica
CEB - Comunidade Eclesial de Base
SINDIPETRO-PR/SC - Sindicato dos Petroleiros
CEPAT - Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores
FINEP - Financiadora de Estudos e Projetos
CICAF - Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas
FDS - Fundo Diocesano de Solidariedade
ABAI - Associação Brasileira de Amparo à Infância
CRAS - Centros de Referência em Assistência Social
MDP - Modo de Produção
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
FGV - Fundação Getúlio Vargas
CEDI -
INCA - Instituto Cajamar
CUT - Central Única dos Trabalhadores
ADS - Agência de Desenvolvimento Solidário
SENAES - Secretaria Nacional de Economia Solidária
CFES - Centro de Formação em Economia Solidária
MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

Quadro sintético de participantes da escolinha 2004 - 2011

TURMA	DATA	Nº PARTIC.	MUNICÍPIOS ONDE MORAM OS PARTICIP.	LOCAL DE MILITÂNCIA, PARTICIP. OU TRABALHO	PARCEIROS REALIZ.
1ª	Maio a Set. 2004	49	Curitiba Colombo (RMC) Guarapuava Irati	(Não registrado)	CEFURIA MISEREOR RECID SINDIPETRO AEC
2ª	Agosto a Dez. 2004	55	Curitiba Irati (Registro insuficiente)	(Não registrado)	Idem
3ª	Março a julho 2005 (Sábados)	51	(Não registrado)	(Não registrado)	Idem
4ª	Março a julho 2005 (Segundas)	48	(Não registrado)	(Não registrado)	Idem
5ª	Agosto a Dez. 2005 (Sábados)	63	Curitiba Fernandes Pinheiros Irati Inácio Martins Piraquara (RMC) Pinhais (RMC) São Paulo (SP) Osório (SP) Cotia (SP) Guarulhos (SP)	Sindicatos: Sindtest, Sindsaúde, SindCorreios Pastorais: Criança, Juventude, Operária, Social, Saúde, Carcerária CEBs, Cáritas, Ação Social e outros grupos ligados à Igreja Católica EPS: Clubes de Troca, Projeto Mutirão Luta pela Moradia e Associação de Moradores Ecologia (IDEAMA; Agricultores) Estudantes de Serviço Social Igreja Evangélica Conselho Tutelar	Idem
6ª	Agosto a Dez. 2005 (Segunda)	62	Araucária (RMC) Campo do Tenente (RMC) Pinhais (RMC) Curitiba Colombo (RMC) Irati Quatro Barras (RMC)	(Não registrado)	Idem
7ª	Março a Julho 2006 (Sábado)	47	Araucária (RMC) Curitiba Irati Almir. Tamandaré (RMC) São José dos Pinhais (RMC) Colombo (RMC) Pinhais (RMC) Piraquara (RMC)	(Não registrado)	Idem
8ª	Março a julho 2006 (Segunda)	42	Curitiba Almir. Tamandaré (RMC) São José dos Pinhais (RMC) Colombo (RMC) Piraquara (RMC)	Estudantes de Serviço Social Seminaristas Padarias Comunitárias Clubes de Troca CRAS e Secretarias de Ação Social Indígenas CEBs e outros grupos ligados à Igreja Católica IDEAMA Associação de Moradores	Idem

9ª	Agosto a Dez. 2006 (Sábado)	34	Curitiba Alm. Tamandaré (RMC) Mandirituba (RMC) Fazenda Rio Grande (RMC) Florianópolis (SC) São José (SC) Brusque (SC) Blumenau (SC) Joinville (SC) Gaspar (SC)	AMBIENS Ação Social do PR Clubes de Troca COOPERMANDI Padarias Comunitárias Secretarias de Ação Social e de Saúde de Blumenau	CEFURIA MISEREOR FINEP CEPAT
10ª	Agosto a Dez. 2006 (Segunda)	42	Colombo (RMC) Mandirituba (RMC) Araucária (RMC) Curitiba Alm. Tamandaré (RMC) Fazenda Rio Grande (RMC)	(Não registrado)	Idem
11ª	Março a Junho 2007 (Sábado)	50	Rio Branco do Sul (RMC) Irati Teixeira Soares Guarapuava Inácio Martins Colombo (RMC) Mandirituba (RMC) Curitiba Fernandes Pinheiro Almir. Tamandaré (RMC) Pinhais (RMC)	(Não registrado)	Idem
12ª	Março a Junho 2007 (Segunda)	22	Pinhais (RMC) Piraquara (RMC) Curitiba	(Não registrado)	Idem
13ª	Agosto a Dez. 2007 (Sábado)	48	Curitiba Alm. Tamandaré (RMC) Araucária (RMC) Campo do Tenente (RMC) Colombo (RMC) Piraquara (RMC) Fazenda Rio Grande (RMC)	Governo do PR Est. Serviço Social Pastoral do Adolescente Padarias Comunitárias Clubes de Troca Cozinha Comunitárias PROVOPAR CECOPAM CONSEA ACNAP Profª Universitária FAS/PMC Ação Social do PR Diretora de Escola Rede Esperança Centro Juvenil CRAS Secretaria Munic. de Educação	Idem
14ª	Agosto a Dez. 2007 (Segunda)	43	Curitiba Fazenda Rio Grande (RMC) Rio Branco do Sul (RMC) Alm. Tamandaré (RMC) Pinhais (RMC) Piraquara (RMC) São José dos Pinhais (RMC) Colombo (RMC)	Rede Esperança Padarias Comunitárias Clubes de Troca Associação de Moradores Igreja Católica Associação de Reciclagem Penitenciária Central do Estado Lar Fabiano de Cristo CICAF (Ir. Cateq. Franciscanas) UPI Joana D'Arc Estudante Serviço Social Assoc. de Artesanato Est. Engenharia Florestal Irmãs Vicentinas Pastoral da Criança	CEFURIA MISEREOR RECID FINEP

15ª	Março a Julho 2008 (Sábado)	61	Ponta Grossa União da Vitória São Mateus do Sul Alm. Tamandaré (RMC) Pinhais (RMC) Piraquara (RMC) Curitiba Araucária (RMC)	Estudante de Serviço Social, Jornalismo, Nutrição e História Grupo Feito a Mão Padarias Comunitárias Prof. da Rede Pública Mulheres Camponesas Rede Esperança Quilombolas CRAS Sind. Servidores Municipais Cooperativa Atitude Partido dos Trabalhadores Cooperativa	CEFURIA MISEREOR RECID Missão Central Franciscana
16ª	Março a Julho 2008 (Segundas)	44	Curitiba Pontal do Paraná (RMC) Araucária (RMC) Piraquara (RMC) São José dos Pinhais (RMC) Colombo (RMC) Tijucas do Sul (RMC) Balsa Nova (RMC)	Estudantes de Serviço Social E Sociologia APP-Sindicato Instituto Guaraguacú Psicóloga Piloto CENTOPÉIA CEASA-PR Seminaristas Projeto Vida Nova Rede Esperança Brasil Local EMATER-PR Assoc. de Mulheres Prof. Rede Pública CEBs CRAS CICAF Padarias Comunitárias Assoc. de Moradores Cooperativa Côco	Idem
17ª	Agosto a Dez. 2008 (Sábado)	58	Alm. Tamandaré (RMC) Pinhais (RMC) Curitiba Adrianópolis (RMC) Campo Largo (RMC) Piraquara (RMC)	Estudante de Pedagogia e Serviço Social Grupo de jovem Clubes de Troca ABRASA Quilombolas Curso Pré-Vestib. Comunitário Pequeno Cotelengo Hosp. Erasto Gaertner Federação Anarquista CEBs e outros grupos da Igreja Católica Servidor Público	Idem
18ª	Agosto a Dez. 2008 (Segunda)		Curitiba Mallet Alm. Tamandaré (RMC) Fazenda Rio Grande (RMC) Piraquara (RMC) Matinhos (RMC)	Estudantes de Serviço Social e Nutrição Brasil Local Partido dos Trabalhadores CEBs e outros grupos da Igreja Católica Pastorais Sociais e da Juventude Rede Esperança Prof. Rede Pública Universidade sem Fronteiras/ UFPR-Litoral SETP-PR Horta Comunitárias Associação de Moradores ASSOL (Assoc. de Reciclagem) Banco de Alimentos/CEASA	Idem

19ª	Setembro a Nov. 2008 (Araucária)	37	Araucária (RMC) Curitiba	Associação Girassol (Grupo de Estopa) Associação Reciclar CRAS e SMPS de Araucária Grupo Macramê	CEFURIA Prefeitura de Araucária
20ª	Março a Julho 2009 (Sábado)	42	Alm. Tamandaré (RMC) Pinhais (RMC) Curitiba Fazenda Rio Grande (RMC)	Estudantes de Serviço Social, Sociologia, História, Economia Grupo APF Padarias Comunitárias Obco Social Santo Aníbel FAS SETP-PR Partido dos Trabalhadores Fórum Lixo e Cidadania Pref. Municipal Piraquara Coletivo Conhecimento e Luta Clube de Troca CAPSInfantil APP-Sindicato Prof. Universitário	CEFURIA MISEREOR RECID Missão Central Franciscana
21ª	Março a Julho 2009 (Segunda)	23	Curitiba Matinhos (RMC) Alm. Tamandaré (RMC) Piraquara (RMC)	Seminaristas Partido dos Trabalhadores ONG Educador Popular Rede Esperança Igreja Católica Estudantes de História, Serviço Social e Economia Arte Sem Fronteiras MNLM (Luta pela Moradia) Clubes de Troca	Idem
22ª	Agosto a Dez. 2009 (Segunda)	48	Alm. Tamandaré (RMC) Piraquara (RMC) Pinhais (RMC) Curitiba Fazenda Rio Grande (RMC) São José dos Pinhais (RMC) Colombo (RMC)	Clubes de Troca Partido dos Trabalhadores Brasil Local Estudante de Serviço Social SEED-PR FAS PRONASCI Projeto Mutirão	CEFURIA MISEREOR RECID FDS Missão Central Franciscana
23ª	Agosto a Dez. 2009 (Sábado)	21	Alm. Tamandaré (RMC) Piraquara (RMC) São José dos Pinhais (RMC) Colombo (RMC) Curitiba	Clubes de Troca Rede Esperança Estudante de Serviço Social Padarias Comunitárias Ação Social do PR MTE Partido dos Trabalhadores AIC (Assoc. Inter. de Caridade) ICAS (Instit. Carisma de Ação Social)	Idem
24ª	Março a Julho 2010 (Sábado)	44	Curitiba Pitanga Guarapuava (Registro insuficiente)	(Não registrado)	Idem
25ª	Março a Julho 2010 (Segunda)	21	Curitiba São Miguel D'Oeste (SC) (Registro insuficiente)	Equipe da Secretaria de Educação de São Miguel D'Oeste (SC) (Registro insuficiente)	Idem
26ª	Fevereiro a Junho 2010 (Domingo)	35	Curitiba (Registro insuficiente)	CECOPAM e Comunidades da Vila São Pedro Outros (Não registrado)	CEFURIA CECOPAM

27 ^a	Agosto a Dez. 2010 (Sábado)	41	Ponta Grossa Campo Mourão Rio Branco do Sul (RMC) Curitiba Pitanga São José dos Pinhais (RMC) Colombo (RMC) Alm. Tamandaré (RMC) Lapa (RMC) Piraquara (RMC) Araucária (RMC) Matinhos (RMC) Rebouças Mandirituba (RMC) Irati Guarapuava Mallet	Brasil Local AVESOL Assoc. Proteção Mata Atlântica CATAMARI (Recicladores) Clubes de Troca Estudantes de Serviço Social e Sociologia Associação de Mulheres Instituto Agroecológico Associação Corajem Padarias Comunitárias Pastoral Operária Projeto Rede da Vida Cáritas Socialis Mulheres da Paz Instit. Lixo e Cidadania Projeto Mutirão IPES/UFPR Litoral Prefeitura de Araucária	CEFURIA MISEREOR RECID FDS Missão Central Franciscana
28 ^a	Agosto a Dez. 2010 (Segunda)	36	Araucária (RMC) Balsa Nova (RMC) Campo Largo (RMC) Londrina Curitiba São José dos Pinhais (RMC) Matinhos (RMC) Guaratuba (RMC) Morretes (RMC) Campina Grande Sul (RMC) Colombo (RMC)	Mulheres da Paz Orçamento Participativo (Campo Largo) Clubes de Troca CRAS Programa Munic. Eco Sol de Londrina Grupo Geração de Renda Instituto Agroecológico NDCC/UFPR PROVOPAR Estudante de Sociologia INTES/UEL Cáritas Socialis UFPR/Litoral	Idem
29 ^a	Setembro a Dez. 2010	16	Mandirituba (Registro Insuficiente)	ABAI CEEBJA COOPERMANDI Comitê Contra a Fome e pela Moradia	CEFURIA ABAI
30 ^a	Março a Julho 2011 (Sábado)	30	Curitiba Piraquara (RMC)	APP-SINDICATO Padarias Somunitárias Clubes de Troca Estudantes de Serviço Social e Sociologia SETP MTD SAJUP	CEFURIA MISEREOR Missão Central Franciscana Petrobras
31 ^a	Março a Julho 2011 (Segunda)	42	Curitiba Lapa (RMC) São José Sos Pinhais (RMC) Londrina	Prefeitura de Curitiba Estudantes de Serviço Social, Direito e Sociologia Seminaristas MST Padarias Comunitárias SAJUP Intituto Vida Sindicato dos Comercários SETP	Idem
32 ^a	Agosto a Dez. 2011 (Sábado)	26	Curitiba Almirante Tamandaré (RMC) São José Sos Pinhais (RMC) Campo Largo	Estudantes de Serviço Social e Pedagogia Clubes de Troca Padarias Comunitárias	Idem

33ª	Agosto a Dez. 2011 (Segunda)	23	Curitiba Quitandinha (RMC) São José Sos Pinhais (RMC) Almirante Tamandaré (RMC) Colombo (RMC)	Pastoral do Migrante e da Criança Padarias Comunitárias Prefeitura São José dos Pinhais FAS Clubes de Troca Estudantes de Serviço Social	Idem
34ª	Setembro a Dez. 2011 (4ªs feiras)	35	Araucária Curitiba	Catadores de material reciclável Psicólogos, Assistentes Sociais e outros técnicos da Prefeitura de Araucária Grupo Estopa Igreja	CEFURIA Petrobras Prefeitura de Araucária
35ª	Nov-Dez 2010	15	Piraquara	Mulheres da Paz	CEFURIA DESER Prefeitura de Piraquara

SÉRIE METODOLOGIA E SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS COLETIVAS POPULARES



A busca do tema gerador na práxis da educação popular (2005)

Organização: Ana Inês Souza
Autor: Antonio Fernando Gouvêa da Silva

Volume 1 da série "Metodologia e Sistematização de Experiências Coletivas Populares". Este livro mostra, em cinco módulos de oito horas cada, como é possível construir uma prática pedagógica dialógica, sem deixar de lado os conhecimentos científicos.



Clubes de Troca: Rompendo o silêncio, construindo outra história (2005)

Autores: Gisele Carneiro e Antonio Carlos Bez

Volume 2 da série "Metodologia e Sistematização de Experiências Coletivas Populares". Este livro apresenta a sistematização de uma prática de Educação Popular que vem sendo desenvolvida pelo Cefuria desde 2001, na área de Socioeconomia Popular Solidária. É narrada com detalhes a metodologia desenvolvida nos Clubes de Troca e ilustrada a teoria com relatos de práticas, obtidos por meio de observação participante.



Padarias Comunitárias: Fermentando outra economia (2007)

Autores: Márcia Carneiro Knapik e Salete BagolinBez

Volume 3 da série "Metodologia e Sistematização de Experiências Coletivas Populares". Resultado do trabalho de muitas mãos, assim como se faz na economia solidária. Apresenta a caminhada de um projeto que foi crescendo, agregando mais e mais pessoas que estavam dispostas não só a trabalhar com aquilo que alimenta a fome física, mas também com o alimento que mata a fome de conscientização, de auto-confiança, de criatividade.

SÉRIE MEMÓRIAS DAS LUTAS POPULARES NO PARANÁ PÓS-DITADURA MILITAR



Irmã Araujo Vida e Obra (2004)

Autora: Ana Inês Souza

Volume 1 da série "Memória das Lutas Populares no Paraná Pós-Ditadura Militar". Este livro resgata a história da Irmã Araujo, lutadora popular que atuou nos anos 70 e início dos 80, trabalhando na organização do povo na busca por seus direitos.



Movimento de Mulheres do Paraná: 10 anos construindo vida (2004)

Autora: Márcia Carneiro Knapik

Volume 2 da série "Memória das Lutas Populares no Paraná Pós-Ditadura Militar". Este livro resgata a história do Movimento Popular de Mulheres do Paraná - MPMP, que atuou de 1981 a 1993 e teve a participação de centenas de mulheres das classes populares urbanas e rurais, espalhadas por todo o estado do Paraná.



Movimento Popular e Transporte Coletivo em Curitiba (2006)

Autor: Lafaiete Santos Neves

Volume 3 da série "Memória das Lutas Populares no Paraná Pós-Ditadura Militar". Este livro constitui um vívido relato de um dos episódios que compôs a luta pelos direitos dos trabalhadores no Brasil, cujo palco foi a região metropolitana de Curitiba. Trata-se do processo de luta pela melhoria do transporte coletivo.



Movimento de Participação Popular na Constituinte (2006)

Autora: Fernanda Striker Baggio

Volume 4 da série "Memória das Lutas Populares no Paraná Pós-Ditadura Militar". Este livro tem o objetivo de apresentar uma história pouco estudada, visualizada, que não faz parte dos temas curriculares de nossas escolas ou faculdades. Sem a existência do Movimento de Participação Popular na Constituinte a história brasileira teria sido outra.



Cefuria: 25 anos fazendo história popular (2006)

Autora: Ana Inês Souza

Volume 5 da série "Memória das Lutas Populares no Paraná Pós-Ditadura Militar". Este livro conta a história do Cefuria - Centro de Formação Urbano Rural Irmã Araujo. Uma história que se confunde com a história do Brasil nos últimos 25 anos.



Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua (2006)

Autora: Mara Vallauri

Volume 6 da série "Memória das Lutas Populares no Paraná Pós-Ditadura Militar". Como é possível que, em pleno século XXI, um país com as potencialidades do Brasil, ainda conviva com esta tragédia: "crianças de rua"?! Mara Vallauri, sua autora, soube captar a importância do tema. Sensível, abandonou a comodidade de sua vida na Itália e veio à Curitiba conviver e aprender com estas crianças.

ESCOLA DE FORMAÇÃO BÁSICA MULTIPLICADORA DA ECONOMIA POPULAR SOLIDÁRIA “HISTÓRIA SOCIAL DO TRABALHO”

A Escola de Formação Básica Multiplicadora da Economia Popular Solidária – a “Escolinha” – é um processo de formação continuada realizado pelo CEFURIA desde 2004, cujos objetivos são (1) Ampliar o coletivo de educadores em Economia Popular Solidária para ajudar no trabalho de acompanhamento e apoio à feiras e clubes de troca, cozinhas e padarias comunitárias, oficinas de costura e artesanato, associações de recicladores e outras iniciativas de trabalho e renda onde se desenvolvam valores não capitalistas. (2) Fornecer instrumentos teórico-metodológicos para os integrantes do coletivo de educadores e animadores destas iniciativas, tendo como referência o pensamento de Paulo Freire e a História Social do Trabalho. (3) Avançar na elaboração de uma proposta de economia voltada para a construção de uma sociedade fundada em relações de solidariedade. (4) Resgatar o trabalho como construtor de vida humana, desvelando o emprego como uma das formas sociais historicamente possíveis de trabalho, porém não a única. A sistematização apresentada neste livro mostra, então, aos leitores e leitoras, uma prática político-pedagógica que tem na denúncia e no anúncio momentos fundamentais de um processo educativo dialógico que convida os participantes a se engajarem na luta pela transformação da realidade.

Apoio:

MISEREOR
• IHR HILFSWERK

Patrocínio:

PETROBRAS
PROGRAMA
DESENVOLVIMENTO
& CIDADANIA

BR **PETROBRAS**

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA